

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ANA LUISA PISANI

**As tramas do silêncio:** um estudo sobre a voz e a autoridade feminina  
na obra “O Livro do Corpo Político” (1404-1407), de Christine de Pizan

Versão Corrigida

SÃO PAULO  
2023

ANA LUISA PISANI

**As tramas do silêncio:** um estudo sobre a voz e a autoridade feminina na obra “O Livro do Corpo Político” (1404-1407), de Christine de Pizan

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em História.

Área de concentração: História Social

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P674t Pisani, Ana Luisa  
As tramas do silêncio: um estudo sobre a voz e a autoridade feminina na obra "O Livro do Corpo Político" (1404-1407), de Christine de Pizan / Ana Luisa Pisani; orientadora Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi - São Paulo, 2023.  
147 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Christine de Pizan. 2. Gênero. 3. Corpo Político. I. Tacconi, Ana Paula Tavares Magalhães, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE

### Termo de Anuência da orientadora

**Nome da aluna: Ana Luisa Pisani**

**Data da defesa: 12/12/2023**

**Nome da Profa. orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28/12/2023

---

(Assinatura da orientadora)

PISANI, Ana Luisa. **As tramas do silêncio**: um estudo sobre a voz e a autoridade feminina na obra “O Livro do Corpo Político” (1404-1407), de Christine de Pizan. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a) \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof.(a) Dr.(a) \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof.(a) Dr.(a) \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

**Dedico este trabalho  
especialmente para as minhas avós,  
duas grandes e inspiradoras mulheres:  
Helena Ramos Passalacqua (*i.m.*) e  
Magdalena Bibas Pisani (*i.m.*).**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora pelas oportunidades de estudo e aprimoramento, e a minha linda família, em especial, aos meus pais e ao meu irmão por todo o carinho, amparo e incentivo em todos os momentos de minha vida.

A minha querida orientadora, Professora Dra. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi, pelo apoio constante, propostas de leitura e análise, as quais se tornaram primordiais no desenvolvimento desta pesquisa.

À Professora Dra. Estefania Knotz Canguçu Fraga, por todos os seus ensinamentos, que foram essenciais para a minha formação.

À Professora Dra. Yone de Carvalho, por seu carinho e estímulo para estudar as mulheres na história, permitindo que avançasse nos estudos.

À Professora Dra. Sarah Fernandes Lino de Azevedo, pelo incentivo em todas as aulas, com propostas bibliográficas para refletir além das minhas propostas iniciais.

Ao Professor Dr. Antonio José Romera Valverde, pela sua atenção e sugestões, assinalando novos horizontes, além do histórico.

Às Professoras Dras. Maria Cristina Correia Leandro Pereira, Adriana Maria de Souza Zierer e Terezinha Oliveira, por gentilmente terem aceitado participar de minha banca.

A todos os meus Professores e colegas de jornada e de curso, em especial, a José Luiz, Stefany e João, pelo apoio e indicações de leitura.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

“Se é possível que o vício dê origem à virtude, agrada-me nesta parte ser tão passional quanto uma mulher, pois muitos homens assumem que o sexo feminino não sabe silenciar a abundância dos seus espíritos”.

---

Tradução Própria. In: PIZAN, Christine de. *The Book of the Body Politic*. New York: Cambridge University Press, 2007, p.3.

## RESUMO

PISANI, Ana Luisa. **As tramas do silêncio**: um estudo sobre a voz e a autoridade feminina na obra “O Livro do Corpo Político” (1404-1407), de Christine de Pizan. 2023. 147 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A presente Tese objetiva examinar o discurso de Christine de Pizan (c. 1364 - c. 1430), poeta e filósofa franco-italiana, a partir de sua obra “O Livro do Corpo Político” (1404-1407), através da categoria analítica de gênero. Na supracitada obra, Christine pondera sobre o seu meio social utilizando a imagem do corpo em caráter metafórico, a exemplo confesso de Plutarco (c. 46 – 120), para destacar o lugar, as funções e a importância de cada um nesta estrutura, sugerindo e reprimindo atitudes. Desta forma, o corpo político de Christine apresenta o retrato dos vícios sociais e políticos do medievo, revelando a aspiração por uma sociedade plena e virtuosa. Em diálogo com outras obras de Christine, destacadamente “A Cidade das Damas” (c. 1405), percebe-se não apenas o desejo de uma nova estrutura social, mas, substancialmente, a projeção de um feminino participativo, inclusive das decisões políticas, cuja atuação movimentou a história. Por muito tempo a memória coletiva, e, portanto, os estudos históricos estiveram circunscritos a uma narrativa essencialmente masculina, que foi responsável por reproduzir imagens de um feminino inferiorizado, ocasionando uma visão estereotipada negativa em relação ao espaço deste feminino. Sob este prisma, foi sugerida uma reescrita da história, que buscasse contemplar as ações femininas, surgindo assim uma “história das mulheres”. Entretanto, historiadores e historiadoras observaram não somente as possibilidades, mas também algumas limitações deste modelo. Por conseguinte, propõem-se refletir o feminino em diálogo e conflito perante o masculino, a partir da perspectiva de gênero, a qual enfatiza justamente as tensões pela escrita e, portanto, pelo poder. Neste sentido, o presente estudo objetiva não apenas escutar, ou mesmo “anexar” sua história (“História Anexo”), mas proporcionar visibilidade à obra de uma mulher medieval, que por sua vez reverbera muitos outros atuantes femininos, que sob a imposta trama do silêncio permaneceram enquanto vozes subalternas.

Palavras-chave: Christine de Pizan. Gênero. Corpo Político.

## ABSTRACT

PISANI, Ana Luisa. **The plots of silence**: a study on the female voice and authority in the work “The Book of the Body Politic” (1404-1407), by Christine de Pizan. 2023. 147 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This Thesis aims to examine the speech of Christine de Pizan (c. 1364 - c. 1430), French-Italian poet and philosopher, based on her work “The Book of the Body Politic” (1404-1407), through the analytical category of gender. In the aforementioned work, Christine ponders about her social environment using the image of the body in a metaphorical way, following the confessed example of Plutarch (c. 46 – 120), to highlight the place, functions and importance of each person in this structure, suggesting and repressing attitudes. In this way, Christine's body politic presents a portrait of medieval social and political vices, revealing the aspiration for a full and virtuous society. In dialogue with other works by Christine, notably “The City of Ladies” (c. 1405), not only the desire for a new social structure is seen, but, substantially, the projection of a participatory feminine, including political decisions, whose performance moved the history. For a long time, the collective memory and, therefore, historical studies were limited to an essentially masculine narrative, which was responsible for reproducing images of an inferior feminine, causing a negative stereotypical view in relation to this feminine space. From this perspective, a rewriting of history was suggested, which sought to contemplate female actions, thus emerging a “women’s history”. However, historians have observed not only the possibilities, but also some limitations of this model. Therefore, it is proposed to reflect the feminine in dialogue and conflict with the masculine, from a gender perspective, which emphasizes precisely the tensions caused by writing and, therefore, by power. In this sense, the present study aims not only to listen, or even “annex” her history (“Annex History”), but to provide visibility to the work of a medieval woman, who in turn reverberates many other female actors, who under the imposed plot of silence remained as subaltern voices.

Keywords: Christine de Pizan. Gender. Body Politic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I: Releituras do feminino medieval</b> .....	18
1.1 Christine de Pizan e a questão do feminismo .....	24
1.2 O combate à “História Anexo” .....	42
<b>CAPÍTULO II: O corpo político de Christine de Pizan</b> .....	49
2.1 As dimensões do discurso corporal .....	59
2.2 A boa política e a conquista da felicidade .....	71
<b>CAPÍTULO III: O autogoverno e a construção de uma arquitetura política dual</b> .....	77
3.1 O papel do simbólico na perspectiva política de Christine de Pizan .....	81
3.2 A resignificação do espaço feminino .....	99
<b>CAPÍTULO IV: A construção de uma história de gênero para a conquista de uma política feminina</b> .....	113
4.1 O conceito de autoridade para Christine de Pizan .....	120
4.2 Desconstruir os corpos para reescrever a história .....	129
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS – As tramas do silêncio</b> .....	136
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	141

## INTRODUÇÃO

“Venho com ousadia, então, e mostro as muitas nascentes e fontes inesgotáveis de minha coragem, que não pode ser estancada quando expresso o desejo pela virtude”.<sup>1</sup>

Há muitas lutas aprendidas em história que ainda são contemporâneas. A luta pelo espaço e escuta das vozes femininas é uma delas. Alain Corbin em “História do Silêncio” explora as suas dimensões, ante lugares e discursos, destacando monumentos do silêncio, em que se imperam determinados comportamentos, como nas edificações religiosas.<sup>2</sup> Parafraseando Corbin, o corpo feminino e, mais destacadamente, a palavra feminina constituiu-se igualmente em um “monumento do silêncio”. Esse corpo e palavra foram ao longo de muitas eras, inclusive considerando a atualidade, alvo de ataques, sendo constantemente inferiorizado em contraposição ao masculino. Sob esta perspectiva, buscou-se analisar uma voz que reverberou esse debate e que através do próprio conhecimento, cujo aperfeiçoamento era até então delimitado aos homens, combateu os argumentos misóginos de seu tempo. E assim, a partir desta pauta, surgiu a escritora, poeta e filósofa Christine de Pizan (c. 1364 - c. 1430),<sup>3</sup> que ousa se interpor neste espaço de prestígio, eminentemente masculino.

As imagens do feminino apresentam variações através do tempo e do lugar histórico, porém, prevalece em muitos estudos historiográficos a concepção de um predomínio masculino sobre o feminino, promovendo uma visão estereotipada negativa em relação a ocupação dos espaços deste feminino. Os modelos extremos medievais que seriam entre a Eva, a pecadora, e Maria, enquanto a redenção do ser feminino, se colocava enquanto discurso definitivo do que se esperava da mulher.

---

<sup>1</sup> Tradução Própria. In: PIZAN, Christine de. *The Book of the Body Politic*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 3.

<sup>2</sup> CORBIN, Alain. *História do Silêncio: do Renascimento aos nossos dias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 31-34.

<sup>3</sup> Os estudiosos divergem quanto a data de seu nascimento e morte. Esses dados apresentados foram retirados da obra “An Introduction to Christine de Pizan”, de Nadia Margolis. In: MARGOLIS, Nadia. *An Introduction to Christine de Pizan*. Série: New Perspectives on Medieval Literature: authors and traditions. EUA: University Press of Florida, 2012, p. XIX-XX.

Além deste aspecto, Christiane Klapisch-Zuber,<sup>4</sup> destaca que o próprio distanciamento do universo religioso quanto ao convívio do feminino, acabava por exaltar um ideário negativo e subalterno deste sexo.

Por conseguinte, Christine recusa o silêncio ornamental muitas vezes inculcido às mulheres.<sup>5</sup> Desta forma, torna-se uma mulher que se destaca e se distancia daquilo que se tem como modelo para seu tempo. Incentivada por seu pai, Thomas de Pizan (1310-1387), o qual se tornou médico e astrólogo da corte a convite de Carlos V (1338-1380), obtém acesso à formação até então destinada unicamente aos homens. Especialmente após a morte de seu marido em 1390, Étienne de Castel, e tendo três filhos para sustentar, Christine se dedica integralmente aos estudos, realizando escritos históricos e tratados destinados à ética. Notavelmente, suas obras fazem sucesso na alta corte francesa e assim Christine de Pizan quebra, em parte, tais obstáculos quanto ao lugar do feminino na sociedade.

A obra de Christine de Pizan é extensa, sendo a mais citada e pesquisada seu livro escrito entre 1404 e 1405,<sup>6</sup> “A Cidade das Damas”, em que através de um diálogo entre as damas Razão, Retidão e Justiça, propõe questionar o lugar da mulher no contexto citadino medieval. A partir deste exemplo percebe-se que Christine buscará indagar através da alegoria de suas três personagens, que encarnam a base moral de seu ambiente, a subalternidade do ser feminino no contexto medieval. Claudio Fiocchi destaca que a obra de Christine no fundo demonstra “como modelo do que as mulheres poderiam vir a ser, se lhes fosse permitido um estudo digno desse nome”,<sup>7</sup> isto é, como as mulheres também possuíam a mesma capacidade que os homens para participar ativamente, por exemplo, nas estruturas mais diretas do poder político.

---

<sup>4</sup> DUBY, Georges; PERROT, Michelle, KLAPISCH-ZUBER, Christiane. (orgs.). *História das Mulheres: A Idade Média*. Portugal: Edições Afrontamento, 1993, p. 16.

<sup>5</sup> Esse silêncio compreendido enquanto necessário às mulheres e crianças, continuou a reverberar como modelo mesmo um século depois. Erasmo de Rotterdam (c. 1466-1536) em sua obra “A Civilidade Pueril”, destaca justamente que “o silêncio é o melhor adorno das mulheres, e mais ainda das crianças”. In: ERASMO. *A Civilidade Pueril*. Lisboa: Editora Estampa, 1978, p. 95. Esta obra de Erasmo foi trabalhada na dissertação a seguir: PISANI, Ana Luisa. Os Olhos Ubíquos do Espelho: Um estudo das percepções de civilidade na obra “A Civilidade Pueril” (1530), de Erasmo de Rotterdam. 126 f. (Dissertação–Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

<sup>6</sup> MARGOLIS, 2012, p. XIX-XX.

<sup>7</sup> FIOCCHI, Claudio. *Mulheres Intelectuais*. In: ECO, Umberto (org.). *Idade Média: catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: Dom Quixote, 2013, p. 278-279.

Dentre as muitas obras que escreve, uma em especial vale destaque nesta discussão: “O Livro do Corpo Político” (1404-1407).<sup>8</sup> A obra em questão se refere a uma espécie de tratado, passando também pelo gênero literário de espelho dos príncipes, sendo dividida em três partes, em que se transparece o ideal de Christine quanto à divisão da sociedade de seu tempo. A primeira parte é dedicada aos príncipes; a segunda parte é destinada aos cavaleiros e nobres; e a última parte é direcionada às “pessoas comuns”.<sup>9</sup> Observa-se certa diferença em comparação a tradicional divisão entre os *oratores*, *bellatores* e *laboratores*. Embora o local até então destinado aos religiosos não se encontre expresso diretamente em sua divisão social, Christine se dirige a tais preceitos de modo incorporativo ao longo de seus conselhos. Mas, além desta divisão, Christine se baseia na tradição, no caso na de Plutarco (c. 46 - 120), e em João de Salisbury (c. 1115 - 1180), e observa a sociedade constituída em um verdadeiro corpo. Sendo os príncipes representados enquanto a cabeça deste corpo, os cavaleiros e nobres como simbolicamente as mãos e braços, e as outras pessoas, as pernas e os pés.

Assim, Christine reflete sobre este “corpo social”, as funções e o lugar de cada um, ao mesmo tempo que questiona as atitudes dos integrantes deste corpo através dos comportamentos que sugere. Sob esta perspectiva, pretende-se investigar através do referido livro de Christine as propostas sociais para o corpo político, no âmbito medieval, bem como o modelo e o lugar do feminino na estrutura orgânica em que se baseia. Neste âmbito, parte-se de uma obra de Christine de Pizan, “O Livro do Corpo Político”, para adentrar no universo cultural do medievo,

---

<sup>8</sup> Para a presente pesquisa será utilizada a obra traduzida do francês (*Livre du corps de policie*) para o inglês, de tradução e edição de Kate Langdon Forhan (2007). A tradução de Forhan utilizou por sua vez o texto editado por Robert Lucas (Geneva, 1967), o qual foi baseado no manuscrito armazenado pela Biblioteca Nacional da França (*Bibliothèque Nationale de France* - BNF) f. fr. 12439, fols. 46v-225v. In: PIZAN, Christine de. *The Book of the Body Politic*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. XXV.

<sup>9</sup> Conforme a análise de Kate Langdon Forhan, apesar de o livro em questão ter sido dedicado à Carlos VI (1368-1422) e para os príncipes da família real, a autora cita no “O Livro da Paz” (1413) que a obra teria sido feita para Luís de Guyenne, Delfim da França (1397-1415). In: *Ibid.*, p. XVI/XVII. Obra de referência: PIZAN, Christine de Pizan. *The Book of Peace*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2008. Além deste ponto, destaca-se que Christine também dedicou e teve a proteção de mulheres poderosas da corte, a exemplo de Isabel da Baviera (c. 1370-1435) e Margarida da Borgonha (1393-1442). Sobre a recepção de seus trabalhos neste âmbito, uma obra de referência para estudo é o trabalho organizado por Glenda McLead, “The Reception of Christine de Pizan from the fifteenth through the nineteenth centuries” (1992). In: MCLEOD, Glenda (org.). *The Reception of Christine de Pizan from the fifteenth through the nineteenth centuries*. United Kingdom: The Edwin Mellen Press, 1992.

procurando compreender as estruturas de poder e a condição do ser feminino a partir deste organismo citadino, do século XV.

A fonte primária para a presente Tese é “O Livro do Corpo Político” de Christine de Pizan. A partir de sua leitura, pretende-se investigar a estrutura organizacional do período, identificando as dimensões corporais trabalhadas pela autora. Compreende-se que: “nascer homem ou mulher não é, em nenhuma sociedade, um dado biológico neutro, uma simples qualificação ‘natural’ que permaneça como que inerte”.<sup>10</sup> Partindo-se deste princípio, não há uma natureza essencialmente humana, uma vez que o natural perpassa por relações históricas de dominação e aceitação, isto é, o natural deve ser observado enquanto construção histórica constante. Logo, o discurso de Christine é embasado em dada perspectiva, o que cabe evidenciar a historicidade das relações entre o feminino e o masculino, como Christiane Klapisch-Zuber propõe, sendo necessário, portanto, circunstanciar também o discurso de dominação deste feminino.

Antonie Prost em sua obra que envolve o exame da interrogação quanto à formulação das questões históricas,<sup>11</sup> sublinha a dinâmica histórica quanto à necessidade de se reformular e de se revisar qualquer estudo na área de história. Tal medida não ocorre apenas pelo advento de novas fontes, mas, sim, pela impossibilidade de se exaurir de um documento toda a sua possibilidade interpretativa. Logo, apesar de haver muitos estudos sobre Christine de Pizan, a leitura de seus escritos deve ser submetida constantemente a novos olhares, uma vez que tal análise não envolve apenas a identificação de questões que dizem respeito apenas ao passado, mas indica, em última instância, uma demanda de interpretação e possibilidade do próprio presente.

A história muitas vezes submetida a um “olhar masculino”, como colocado por Christiane Klapisch-Zuber,<sup>12</sup> proporcionou uma visão de inerente subalternidade em relação à real atuação das mulheres na história. É justamente a partir desta problemática quanto à presença feminina ante o silêncio constantemente imposto, que se pretende questionar esse espaço, destacadamente o político. Segundo

---

<sup>10</sup> DUBY, Georges; PERROT, Michelle, KLAPISCH-ZUBER, Christiane. (orgs.). *História das Mulheres: A Idade Média*. Portugal: Edições Afrontamento, 1993, p. 11.

<sup>11</sup> PROST, Antonie. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

<sup>12</sup> KLAPISCH-ZUBER, 1993, p. 16.

Antonie Prost, o tempo da história é incorporado de certo modo às questões, às análises do presente, constituindo, portanto, da própria “substância da história”.<sup>13</sup> Por conta desta “substância”, a qual propõe um processo contínuo de ressignificação das fontes e conseqüentemente de suas análises, submetidas assim a novos olhares, é que se torna possível repensar valores, formas de pensamento e a própria estrutura social e atuação dos sujeitos históricos ao longo do tempo.

Klapisch-Zuber no tocante a reelaboração destas percepções perante os documentos históricos e, mantendo em perspectiva a atuação das mulheres na história, pontua que “Cristina compreende que elas usam roupas velhas talhadas por outras: foram os homens que as designaram como ‘essencialmente más e atraídas pelo vício’”.<sup>14</sup> Neste âmbito, a obra de Pizan deve ser analisada a partir de “novas roupagens”, considerando-se diferentes possibilidades interpretativas quanto aos enfrentamentos de tais “vestimentas irreais”, isto é, os argumentos dos homens, quanto ao corpo e ao espaço feminino na História.

O primeiro capítulo, da presente Tese, possui como orientação discutir as possibilidades e o caminho da escrita por uma História que abranja as fontes de forma mais plural, possibilitando assim se aproximar de uma real dinâmica social entre os diferentes sujeitos, e conseqüentemente, entre os sexos. Além deste ponto, objetiva-se no capítulo em questão trazer a problemática das categorias alternativas de análise histórica, como a história das mulheres e a história de gênero. Apesar de possuírem em comum propostas de enfrentamento ante os silêncios, ou seja, a luta por uma maior visibilidade do feminino, apresentam formas diferentes de investigação.

Neste ponto, se coloca a escolha em utilizar-se a perspectiva de gênero, compreendida enquanto mais adequada para os estudos referentes ao discurso de Christine de Pizan diante da questão do feminino. Outro ponto abordado neste íterim é a discussão de Pizan enquanto primeira “feminista”, apresentando-se o contexto e as problemáticas interpretativas referentes ao termo. Por fim, aborda-se a necessidade de se combater a “história anexo”, isto é, uma história que procure apenas “anexar” a atuação e respectiva contribuição das mulheres, colocadas

---

<sup>13</sup> PROST, 2014, p. 96.

<sup>14</sup> Ibid., p. 8.

constantemente enquanto caráter de exceção na dinâmica das transformações e embates dos processos históricos.

Dentre esta conjuntura de problemáticas, procura-se no segundo capítulo discutir em específico a imagem e a sugestão de organização do corpo político em Christine. Neste sentido, parte-se das dimensões do discurso corporal no medievo, destacando os posicionamentos de Christine em suas obras quanto ao corpo feminino, cuja argumentação perpassa o contexto do pensamento cristão quanto à posição de Eva na história do Cristianismo e as conseqüentes interpretações quanto ao lugar do feminino na sociedade. Sob este aspecto, pontua-se o desejo e a respectiva conquista por Pizan da palavra feminina ante o espaço intelectual de escrita e, portanto, de fala. Sob este contexto, apresenta-se a construção do ideal de boa política e felicidade para Christine, os conselhos e a tradição de suas referências, assim como a proposta de um feminino no campo político.

A partir destas discussões, propõe-se no terceiro capítulo abordar a noção de autogoverno na formulação de uma política ideal, voltada ao bem comum, compreendendo neste cenário a indicação de construção de uma arquitetura política dual, a qual abarca a compreensão de uma espiritualidade medieval ante a concepção da adequada governança. Sob este aspecto, busca-se compreender o papel do simbólico no pensamento político de Christine, evidenciando-se suas bases argumentativas filosóficas em defesa e ressignificação do espaço feminino no ambiente cristão medieval.

Por fim, no quarto e último capítulo, objetiva-se analisar a proposta de elaboração de uma história de gênero por Christine, destacando não apenas a sua própria autoridade enquanto escritora, mas validando a presença feminina na história. Vale ressaltar que em Pizan não há apenas a evidência do feminino, mas efetivamente a necessidade de diálogo e construção coletiva entre os sexos. Nesta perspectiva, a autora busca desconstruir os corpos em suas amplas dimensões para demonstrar que a essência da virtude e do conhecimento são alcançáveis tanto às mulheres quanto aos homens.

Desta forma, a escrita torna-se possível e desejável enquanto ferramenta primordial, a qual, em última instância, ao eternizar o registro, possibilita a reescrita da própria memória. E, conforme aponta a dama Razão à Christine, no tocante às

injustiças proferidas e registradas contra as mulheres, “quem acusa um ausente, tem a causa ganha. Posso assegurar-te que não foram as mulheres que escreveram tais livros!”<sup>15</sup> Desta forma, é essencial apropriar-se da escrita. Portanto, a obra de Christine é a luta contra o silenciamento do feminino no medievo, constituindo em fonte de inspiração para o nosso tempo presente. Para desconstruir as tramas do silêncio, é preciso apresentar-se ousadamente, como em Pizan, ousar pensar, ousar questionar, ousar escrever, e assim, ousar escutar vozes outras que não apenas as dos homens.

---

<sup>15</sup> PIZAN, Christine de. *A cidade das damas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012, p. 187.

## CAPÍTULO I

### Releituras do feminino medieval

Onde está seu juízo, querida? [...] Pense nas ideias, isto é, nas coisas divinas que têm maior importância: não vê que mesmo os maiores filósofos cujo testemunho alega ir contra o seu próprio sexo falharam em determinar o que é verdadeiro ou falso, mas que se corrigem uns aos outros em uma disputa sem fim? Você mesma o estudou na *Metafísica* de Aristóteles, que critica e refuta de tal modo as ideias de Platão e de outros filósofos. Veja também como Santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo com certas passagens de Aristóteles, que eles chamam, no entanto, de o príncipe dos filósofos e a quem se devem as mais altas doutrinas da filosofia natural e da moral. Certamente, você parece acreditar que tudo quanto afirmam os filósofos é artigo de fé e que eles não podem estar errados.<sup>16</sup>

A escrita e a metodologia da História passaram por diversas modificações ao longo dos anos, as quais buscaram atender a variados propósitos. Propósitos estes diretamente relacionados à essência da história em si: a preservação da memória e da reflexão possibilitada por ela. Afinal, que memórias seriam deixadas para a posteridade? Tal questionamento jamais foi ou mesmo é colocado de modo neutro. A intencionalidade por detrás dessa questão acrescida por outras dimensões, como o tipo de documentação, o recorte escolhido pelo(a) historiador(a) definem, embora não de modo absoluto,<sup>17</sup> o tipo de história que se pretende divulgar.

Neste âmbito, uma nova metodologia se interpôs, fazendo-se necessária uma revisão no tratamento do que se considerava enquanto documentação válida à análise histórica. No decorrer do século XX a *Escola dos Annales*<sup>18</sup> assumiu papel

---

<sup>16</sup> Tradução própria. In: PIZÁN, Cristina de. *La Ciudad de las Damas*. Madrid: Siruela, 2000, p. 66/67.

<sup>17</sup> Como acentua Roger Chartier, apesar de um documento ser produzido a partir de uma intencionalidade inicial, o mais importante é o que o documento vem a tornar-se a partir da interpretação que adquire no tempo, portanto “o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita”. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 63.

<sup>18</sup> Alguns historiadores como Peter Burke, sugerem a denominação de “Movimento dos Annales” ao invés de “Escola dos Annales”, devido à multiplicidade de concepções de seus integrantes. Este

fundamental nesse processo de revisão historiográfica, propondo novas abordagens e temas. Sob este ponto, um debate não apenas sobre a utilização de variadas fontes, mas sobre a possibilidade de múltiplas leituras se colocou. Observou-se ainda, que mesmo um documento que fosse considerado “falso” não deveria ser descartado, cuja prática era comum entre os historiadores do século XIX, os quais selecionavam suas análises a partir do que se compreendia enquanto “oficial”, desconsiderando-se a complexidade do cotidiano e da própria documentação. Outro ponto fundamental se refere à própria noção de pluralidade das fontes históricas e o diálogo necessário entre elas. Como pontua Marc Bloch:

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego. [...] Que historiador das religiões se contentaria em compilar tratados de teologia ou coletâneas de hinos? Ele sabe muito bem que as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário dos túmulos têm tanto a lhe dizer sobre as crenças e as sensibilidades mortas quanto muitos escritos.<sup>19</sup>

A partir deste viés, muitas histórias passaram a ser recontadas, levando-se em consideração uma gama de documentos até então não explorada. Bloch acentuou ainda que “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.<sup>20</sup> E devemos acrescentar com justeza: “tudo o que os homens e mulheres” produzem pode ser utilizado enquanto fonte histórica. Porém, a delimitação colocada pela língua portuguesa no termo “homens”, compreendido enquanto sinônimo de “humanidade”, se provou ser uma prática restritiva real. O “masculino genérico” ou ainda o “falso neutro” procura padronizar a língua, e por consequência o cotidiano, como no caso acima em que “homem” se coloca enquanto sinônimo de humanidade, no caso da língua portuguesa.<sup>21</sup> Apesar de toda

---

estudo de Peter Burke está contido em “A Revolução Francesa da historiografia: A Escola dos Annales, 1929-1989”. In: BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

<sup>19</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 80.

<sup>20</sup> Ibid., p. 79.

<sup>21</sup> Graça Abranches identifica como a língua portuguesa é promotora de certas desigualdades em relação aos gêneros, analisando como o gênero masculino acaba por “englobar” o feminino, denunciando assim a hierarquia que se estabeleceu perante os gêneros. In: ABRANCHES,

revisão e constante problematização quanto aos avanços na escrita da história, da utilização de variadas fontes, a visibilidade de determinadas camadas sociais e sujeitos, como as mulheres, pouco apareceram enquanto agentes fundamentais na dinâmica histórica.<sup>22</sup> Michelle Perrot critica o fato desta história não equiparar a importância do feminino ou mesmo excluí-lo em referência às produções.

O “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligência os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas -, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da *História!*<sup>23</sup>

Desta maneira, embora a concepção de sujeito tenha sido acompanhada de significativas mudanças, evidenciando que o sujeito não deveria ser entendido apenas como passivo e mero receptor de informações, mas ativo e determinante na trama histórica, este sujeito continuou sendo predominantemente masculino. Muito se colocou sobre os perigos de uma história que privilegiasse determinados indivíduos tidos como “heróis”, ícones de uma época. E assim, passou-se a compreender a dinâmica histórica enquanto coletiva, cujas pessoas não seriam alienadas quanto a sua condição e potência. Entretanto, as mulheres continuaram sendo taxadas enquanto ausentes no processo de luta e da dinâmica social e política. Como Perrot pontua: “as mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história”,<sup>24</sup> além do fato de tais questões sociais não se referirem apenas ao universo feminino. Neste sentido, historiadores e historiadoras passaram a buscar o papel da mulher na história, em uma referência a uma pauta feminista que passou a conquistar espaço. Maxime Rovere destaca a necessidade de se buscar evidenciar as obras femininas, uma vez que homens e mulheres participam em conjunto na

---

Graça. *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009.

<sup>22</sup> No presente capítulo o objetivo não será tratar de todo o processo de revisão historiográfica, mas haverá apenas a indicação de algumas mudanças significativas na análise histórica.

<sup>23</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 197.

<sup>24</sup> *Ibid*, p. 224.

vida social, sendo que a ausência desse feminino demonstra, em última instância, a perpetuação do machismo na contemporaneidade.

Assim, devemos admitir que um dos principais instrumentos do machismo contemporâneo não está apoiado apenas em milênios de dominação e de falsas evidências, promulgadas por instituições, práticas, construções teóricas e jurídicas, que colocavam as mulheres em uma situação de inferioridade com relação aos homens. Ele consiste também em inculcar a ideia – amplamente difundida pelas próprias mulheres e feministas – de um passado sem partilha, uniformemente masculino, como se a história da filosofia, a história intelectual em geral, talvez até mesmo a integralidade da história europeia, pudesse ter se desenrolado durante dois ou três milênios simplesmente sem a presença das mulheres.<sup>25</sup>

Porém, grande parte destes trabalhos procuraram iconizar algumas mulheres, que segundo um tradicionalismo teriam sido “importantes”, por ocupar determinadas posições dentro da alta hierarquia de determinadas sociedades ou, ainda, de terem se destacado em alguma atividade de ordem intelectual, a qual comumente é atribuída como restrita ao universo masculino. Procurou-se igualmente “acrescentar” simplesmente algumas destas histórias de mulheres à narrativa tradicional, o que de nenhum modo resolveu a questão da mulher enquanto sujeito ativo e determinante na história. Como Joan Scott sublinha, a compreensão de uma “história das mulheres” como separada da dos homens, ou simplesmente como mero adendo à história tradicional masculina, não reverteu a marginalização do sujeito feminino.

Para os/as historiadores/as das mulheres, não tem sido suficiente provar que as mulheres tiveram uma história, ou que as mulheres participaram das principais revoltas políticas da civilização ocidental. A reação da maioria dos/as historiadores/as não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e, em seguida, seu confinamento ou rejeição a um domínio separado (“as mulheres tiveram uma história separada da dos homens, em consequência deixamos as feministas fazer a história das mulheres que não nos diz respeito”; ou “a história das mulheres diz respeito ao sexo e à família e deve ser feita separadamente da história política e econômica”). No que se refere à participação das mulheres na história, a reação foi, na melhor das hipóteses, um interesse mínimo (“minha compreensão da Revolução Francesa não muda por saber que as mulheres dela participaram”).<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> ROVERE, Maxime (Org.). *Arqueofeminismo: mulheres filósofas e filósofos feministas*. São Paulo: N-1 Edições, 2019, p. 7/8.

<sup>26</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 74.

Diante desta discussão, durante o processo de escrita e compreensão de uma “história das mulheres”, ocorreram novas problematizações, que envolveram a análise do lugar desse feminino. Seriam as mulheres destacadas no âmbito privado, e em caráter de exceção, ao âmbito público? Isto é, uma história das mulheres estaria circunscrita e/ou associada a uma história da infância e da administração doméstica? Os papéis sociais impostos, ou melhor, imaginados seriam aplicáveis a todas as sociedades ao longo da história? Esse binarismo (masculino/feminino)<sup>27</sup> e consequente visão estereotipada quanto ao lugar social dos sujeitos acabou por conduzir uma narrativa histórica não menos excludente.<sup>28</sup> Ao não compreender as mulheres enquanto agentes no processo histórico, destacando sua ação e não subordinação, a escrita da história, apesar de toda revolução no tratamento das fontes e da inclusão de novas temáticas, continuou a se perpetuar sob uma “forma” antiga: uma história *de e para* homens.

Norberto Luiz Guarinello em seu artigo sobre a “morfologia da história”<sup>29</sup> aponta para algumas limitações no campo histórico, relacionadas à análise das variadas fontes. No processo de busca e estudo nas fontes, o historiador procura compreendê-las a partir da utilização de “formas”. Essas formas seriam então aplicadas a uma gama variada de documentos procurando-lhes dar sentido e interpretando-as dentro de um certo padrão. Como irá demonstrar Guarinello:

“O procedimento básico para relacionar informações extraídas de documentos no universo incoerente dos vestígios do passado é um processo de generalização que cria formas ou, em outras palavras, grandes contextos”.<sup>30</sup> Estes “grandes

---

<sup>27</sup> Chimamanda Ngozi Adichie demonstra como esse binarismo entre masculino e feminino, e a exaltação do masculino, ainda se perpetuam na atualidade. Tal estereótipo é reforçado constantemente através da associação desde a infância em relação a cores e brinquedos como divididos entre os sexos, além de influenciar a linguagem e os relacionamentos. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

<sup>28</sup> Um exemplo de como tais visões binárias, que objetivam fixar papéis sociais a determinado sexo, acabam por influenciar os estudos históricos é o apontado por Stephanie Lynn Budin. A estudiosa demonstra como a associação do sexo feminino com a fertilidade obscurece os estudos relacionados tanto às mulheres quanto às deusas da Antiguidade, as quais acabam, por padrão, sendo identificadas como “símbolos de fecundidade e maternidade”. In: BUDIN, Stephanie Lynn. *Fertility and gender in the Ancient Near East*. In: MASTERSON, Mark; RABINOWITZ, Nancy Sorkin; ROBSON, James (Ed.). *Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World*. London/new York: Routledge, 2015. p. 30.

<sup>29</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. *Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 3, n. 1, 2003.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 45.

contextos” que acabam por padronizar determinados campos de análise ao enquadrar certos documentos e acontecimentos em períodos históricos,<sup>31</sup> e até mesmo formas de pensamento, acabaram por trazer generalizações, as quais se tornam difíceis de serem evitadas. Neste sentido, em uma resposta à “história dos homens” foi proposto uma “história das mulheres”, de certo modo uma outra *forma*. Mas, como já mencionado acima, a problemática envolta no questionamento da importância e do lugar do feminino não se resolveram ante esta perspectiva da história. Principalmente, pelo fato de a referência às mulheres ter sido interpretada apenas como uma mera inclusão, isto é, como uma história à parte. E, justamente na negação de certas formas<sup>32</sup> acabou-se por também criarem-se outras. Em síntese, passou-se a propor evidenciar personagens femininas no intento de substituir a história masculina por uma feminina.

---

<sup>31</sup> Norberto Guarinello discute, por exemplo, a generalização do termo “Roma”, a qual é compreendida tanto como cidade quanto Império, sendo ainda privilegiada nas análises do período da Antiguidade, dentre tantas outras cidades contemporâneas. In: *Ibid*, p.53/54. Sob esta questão, Jacques Le Goff em sua obra “A História deve ser dividida em pedaços?”, aponta justamente o debate que se coloca perante os(as) historiadores(as) quanto aos desafios e possibilidades de uma periodização, que pode apresentar tanto continuidades quanto descontinuidades. In: LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 131/134.

<sup>32</sup> “Formas” aqui entendidas não apenas relacionadas a grandes contextos, mas principalmente a um modo recorrente de ver a história enquanto essencialmente masculina.

## 1.1 Christine de Pizan e a questão do feminismo

Aqueles que disseram injúrias às mulheres, por inveja, são homens indignos que, tendo conhecido e encontrado um grande número de mulheres mais inteligentes e de conduta mais nobre que a deles, tornaram-se amargos e rancorosos. Eis porque sua inveja os leva a difamar todas as mulheres, esperando sufocar e reduzir, de tal maneira, seu renome e valor [...].<sup>33</sup>

Pode-se exemplificar tal intento de exceção nas pesquisas relacionadas a Christine de Pizan (c. 1364 - c. 1430), poeta e filósofa franco-italiana, a qual procurou-se classificá-la enquanto a primeira “feminista” da história. Christine, entretanto, é uma mulher que se destaca, mas que também se distancia daquilo que se tem como modelo para seu tempo. Incentivada por seu pai, Thomas de Pizan (c. 1310-1387), o qual conquistou notoriedade nos estudos, na Universidade de Bolonha, se tornando um médico e astrólogo da corte e de Carlos V (1338-1380), obtém acesso a uma formação intelectual também devido a este contato cortês. Esta formação intelectual é propícia por conta do acesso de Christine à biblioteca real de Carlos V,<sup>34</sup> a qual é rica em exemplares dos mais diversos saberes, conforme coloca Régine Pernoud:

Estavam, naturalmente, os saltérios e os livros de horas, muitos dos quais lhe foram transmitidos por seus predecessores, príncipes e princesas da França [...]. Havia Bíblias, algumas em latim, a maior parte em francês; [...] muitas delas admiravelmente iluminadas segundo o estilo da época [...]. Mas havia também uma multiplicidade de obras que denotam esse interesse pelo saber que justifica o epíteto de “Sábio”. Obras enciclopédicas como as de Vincent de Beauvais, históricas como a *Histoire Universelle depuis la Création jusqu'à la mort de César*, ou como a obra de Valério Máximo, cuja tradução o rei tinha confiado a um dos seus familiares, Simon de Hesdin, ou como as *Grandes chroniques de France*, das quais tinha mandado fazer uma cópia magnificamente iluminada; ou científicas, inclusive, como aquela tradução de Ptolomeu cuja realização levou a

---

<sup>33</sup> PIZAN, 2012, p. 77.

<sup>34</sup> No Palácio do Louvre foi montado, em 1368, o acervo da Real Biblioteca do rei Carlos V, o qual proporcionou a criação da atual *Bibliothèque Nationale de France*. Vale ressaltar que a *Bibliothèque Nationale de France* é uma referência no mundo em relação ao seu acervo e acesso, sendo destaque o projeto de digitalização de muitos documentos e manuscritos (*Gallica*), possibilitando o fomento de inúmeras pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, inclusive disponibilizando alguns manuscritos de Christine, como o utilizado por Robert Lucas para o estudo e tradução da obra “O Livro do Corpo Político” (f. fr. 12439, fols. 46v-225v.).

cabo, por sua ordem, um de seus mais eminentes eruditos, o famoso Nicolas Oresme, ou como um atlas catalão, provavelmente realizado por Cresques o judeu, geógrafo de Maiorca. E entre tais obras científicas, várias delas testemunhavam o interesse do rei pela astrologia; entre outras, o *Traité sur la sphère*, atribuído a Pèlerin da Prússia, sobre o qual provavelmente Tomás de Pizan, o pai de Cristina, deve ter folheado suas páginas, se é que não foi ele quem levantou pessoalmente os horóscopos.<sup>35</sup>

Neste âmbito, é importante ressaltar a iniciativa e empenho de Carlos V em enriquecer sua biblioteca, com novos exemplares e traduções, cujo empreendimento e destaque do rei ao conhecimento é narrado pela própria Christine.<sup>36</sup> Frédéric Barbier sublinha a inovação desta biblioteca em quatro pontos fundamentais, sendo respectivamente: a criação de um modelo, sendo a existência de uma biblioteca essencial ao soberano em termos de distinção;<sup>37</sup> a sua transformação em um “instrumento de governo”, em relação à documentação que empreende e a própria “reflexão política” que possibilita; a necessidade de gestão específica, com a emergência do bibliotecário e, por fim, essa imagem de enriquecida biblioteca enquanto “atributo do príncipe”, o qual passa a ser copiado e almejado.<sup>38</sup>

Por este incentivo ao conhecimento e, por certa estabilidade no governo de Carlos V, apesar do enfrentamento da Guerra dos Cem Anos (1337 a 1453), este receberá o título de “o sábio”, cujo atributo da sabedoria respalda sua verdadeira realeza e competência em termos de narrativa e conseqüente personificação. Portanto, a partir do incentivo do pai e o acesso ao mundo da corte, e, especificamente, à possibilidade de prosseguimento e dedicação aos estudos, Christine também se estabelece neste mundo cortês por conta de seu casamento com Étienne de Castel. Entretanto, Christine logo passa por uma grande mudança de cenário, que a desestabiliza em certa medida, mas que ao mesmo tempo permitirá que se afirme e conquiste um novo espaço, o do enfrentamento e

---

<sup>35</sup> Tradução própria. In: PERNOUD, Régine. *Christina de Pizán*. Palma de Mallorca: José J. Olañeta, Editor, 2000, p. 9/10.

<sup>36</sup> A obra dedicada ao rei Carlos V intitula-se “Livro dos Feitos e Bons Costumes do Sábio Rei Carlos V” (1404).

<sup>37</sup> BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo, 2018, p. 126. Neste ponto, vale relembrar o conceito de Pierre Bourdieu em relação aos elementos da distinção cultural e simbólica. In: BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social ao julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2013.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p.126/127.

protagonismo, apesar das tentativas históricas de apagamento e respectivo silenciamento.<sup>39</sup>

A “roda da fortuna”, como Christine se refere de forma alegórica em seus escritos posteriores, começa a se modificar primeiro por conta da morte do rei Carlos V em 1380, seguida da morte de seu pai em 1389 e a de seu marido, Étienne de Castel, em 1390.<sup>40</sup> Após esta série de terríveis acontecimentos, e tendo três filhos para sustentar, Christine se dedica integralmente aos seus estudos, realizando escritos que perpassam variados gêneros literários.<sup>41</sup> Suas obras fazem sucesso na alta corte francesa e assim Christine de Pizan questiona, em parte, o lugar do feminino na sociedade. As referências medievais entre Eva, a pecadora, e Maria, enquanto a redenção do ser feminino, se colocava como discurso comparativo do

---

<sup>39</sup> Nesta conjuntura é preciso evidenciar a ação das mulheres ao longo da história, como Rosvita de Gandersheim (c. 935 - c. 1002), Hildegard de Bingen (1098-1179), Heloísa de Argenteuil (1101-1164), Birgitta da Suécia (1303-1373); Marguerite Porete (c. 1250-1310), autoras estudadas na obra “As mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença”, de Helenice Vieira Piovezani, que enfatiza a participação feminina na produção e circulação do conhecimento. In: PIOVEZANI, Helenice Vieira. *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2016, 23-49. Deste modo, é importante destacar que Christine não apenas promove um legado combativo ao estereótipo dominante que perpetua até a atualidade de um feminino isolado e/ou inerte na dinâmica histórica, como igualmente herda o domínio da escrita pelas mulheres. Domínio este que pode ser acompanhado através de muitos outros exemplos posteriores, como colocados por Margaret King, “A Mulher do Renascimento” ao mencionar Modesta da Pozzo (1555-1592), e a inglesa Mary Astell (1666-1731), que atacam a misoginia de seu tempo em muitos aspectos, a partir do registro escrito. In: KING, Margaret L. *A Mulher no Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 226-246.

<sup>40</sup> Dados biográficos retirados do livro “An Introduction to Christine de Pizan”, de Nadia Margolis. In: MARGOLIS, Nadia. *An Introduction to Christine de Pizan*. Série: New Perspectives on Medieval Literature: authors and traditions. EUA: University Press of Florida, 2012, p. XIX/XX. Outras obras de referência, com dados biográficos: AUTRAND, Françoise. *Christine de Pizan: Une femme en politique*. Paris: Fayard, 2009; WILLARD, Charity Cannon. *Christine de Pizan – her life and Works*. EUA: Persea, 1990.

<sup>41</sup> Christine escreveu cerca de 46 obras, tendo iniciado sua carreira literária entre 1394-1402, com poesias, e posteriormente em prosa com “Cartas de Otea a Héctor” (1400-1401). Seus trabalhos abarcam variados temas, sociais, filosóficos e políticos. Alguns de seus trabalhos mais comentados são: “O Caminho de Longo Estudo” (1402-1403); “O Livro da Mutação da Fortuna” (1403), “O Livro dos Feitos e Bons Costumes do Sábio Rei Carlos V” (1404), “A Cidade das Damas” (c. 1405), “O Livro das Três Virtudes ou o Ensino das Damas” (1405-1406), “O Livro do Corpo Político” (1404-1407) e o poema dedicado a Joana d’Arc, “Diti  de Joana d’Arc” (1429). Livros de referência para o estudo de suas obras e outros trabalhos de Pizan: KENNEDY, Angus J. *Christine de Pizan: a bibliographical guide*. London: Grant & Cutler Ltd, 1984; LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência*. Lisboa: Chiado Editorial, 2015; MCLEOD, Glenda. *The vision of Christine de Pizan*. Nova York: D.S. BREWER, 2012; PIZAN, Christine de. *O Espelho de Cristina*. Edi o fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987; PIZAN, Christine de. *Christine de Pizan’s Letter of Othea to Hector – Translated with Introduction, Notes and Interpretative Essay – Jane Chance*. New York: Boydell & Brewer, 1990; PIZAN, Christine de. *The Book of the Path of Long Learning – translated by Kelly Ramke Lardin*. EUA: Createspace Independent Publishing Platform, 2018; PIZAN, Christine de. *The Epistle of the Prison of Human Life with an Epistle to the Queen of France and Lament on the Evils of the Civil War*. New York: Routledge, 2018; PIZAN, Christine de. *Book of the Duke of True Lovers*. EUA: Franklin Classics, 2018.

que se esperava da mulher. Neste íterim, Christiane Klapisch-Zuber, evidencia que o distanciamento e imagem dos religiosos quanto ao universo do feminino contribuíram para impor um ideário negativo deste sexo.

Os homens têm a palavra. Nem todos, certamente: a grande maioria cala-se. São os clérigos, homens de religião e de Igreja, que governam o escrito, transmitem os conhecimentos, comunicam ao seu tempo, e para além dos séculos, o que se deve pensar das mulheres, da Mulher. A nossa escuta do discurso medieval sobre as mulheres é durante muito tempo tributária dos seus fantasmas, das suas certezas, das suas dúvidas. Ora, diferentemente de outras épocas, esta palavra masculina impõe de forma peremptória as concepções e as imagens que delas faz uma casta de homens que recusam a sua convivência, homens a quem o seu estatuto impõe o celibato e castidade: por isso mesmo tanto mais ásperos em estigmatizar os seus vícios e imperfeições quanto elas lhes continuam inacessíveis na vida quotidiana; e forçando tanto mais o traço quanto as heranças do seu imaginário são largamente livrescas.<sup>42</sup>

Tal perspectiva é sentida por Christine, a qual se envolverá diretamente na denominada “querela das mulheres”, cujo estopim será a publicação do “Romance da Rosa”,<sup>43</sup> um poema que deprecia as mulheres. Sob esta ambiência, os escritos de Christine se orientaram de forma a combater esta visão e escrita misógina. Seu trabalho mais conhecido e que se tornou como uma “evidência de pauta feminista”, para aqueles que a veem deste modo, foi “A Cidade das Damas”.<sup>44</sup> Nele Christine

---

<sup>42</sup> KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 1993, p. 16.

<sup>43</sup> O “Romance da Rosa” é um poema francês medieval do século XIII, em que sua primeira parte foi escrita por Guilherme de Lorris (c. 1200 – c. 1238), exaltando o amor cortês. Porém, acabou por deixá-lo incompleto, e, assim, sua segunda parte foi escrita por Jean de Meun (c. 1240 – c. 1305) que concluiu o poema sob um viés totalmente diferente, buscando inferiorizar as mulheres. Neste contexto, Christine de Pizan irá combater este estereótipo negativo, o qual também está presente em outras produções, como em “As lamentações de Mateolo”, do século XIV, ambas citadas em sua famosa obra “A Cidade das Damas”, como exemplos de “boatos vergonhosos e visíveis mentiras”. In: PIZAN, 2000, p. 67. Obras de referência: PIZAN, Christine de; (et.al.). *Debate of the Romance of the Rose* – edited and translated by David F. Hult. Chicago: The University of Chicago Press, 2010; PIZAN, Christine de. *Le Livre des epistres du debat sus le Rommant de la Rose*. Paris: Classiques Garnier, 2016; LORRIS, Guillaume de; MEUN, Jean de. *The Romance of the Rose* – a new translation by Frances Horgan. New York: Oxford University Press, 2008.

<sup>44</sup> Observa-se que este trabalho de Christine de Pizan se tornará possivelmente inspiração para escritos posteriores, de viés feminista, como é o caso do livro “Herland: A Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman, o qual também se utiliza de um espaço imagético semelhante, que objetiva demonstrar a potencialidade das mulheres em governar. A história é narrada por um homem que conta sua expedição, junto de dois amigos, a uma terra desconhecida, famosa pela lenda de que seus habitantes seriam apenas mulheres. Os homens são assim conduzidos a esta terra e percebem que as mulheres, ao contrário do que se pensava, seriam mais organizadas e voltadas ao bem

usa a alegoria da cidade para demonstrar o real lugar do feminino. Conforme indica Kate Langdon Forhan, a metáfora da cidade e do corpo humano<sup>45</sup> são clássicas no ambiente medieval, pois remetem à base cristã. Como sublinha Forhan quanto a este ponto: “as imagens da cidade e do corpo humano foram influentes em parte porque estavam ligadas aos fundamentos da sociedade cristã, a cidade ao mundo clássico e o corpo às escrituras cristãs.”<sup>46</sup>

Esse uso literário se refere também a um marco da escrita imaginativa de Christine.<sup>47</sup> O livro se inicia justamente com a autora se questionando do motivo de tantos ataques e ofensas às mulheres; “eu me perguntava quais poderiam ser as razões que levam a tantos homens, clérigos e leigos a censurar as mulheres, criticando-as tanto em palavras quanto em escritos e tratados”,<sup>48</sup> e, “[...] em tantas obras que me era quase impossível encontrar um texto moralizante, qualquer que fosse o autor, sem encontrar antes de chegar ao final com algum parágrafo ou capítulo que acusava ou desprezava as mulheres”.<sup>49</sup> Diante disso, Christine lamenta desesperadamente a Deus por tê-la feito nascer em “corpo de mulher”.<sup>50</sup> Daí entram em cena as damas da virtude, Razão, Retidão e Justiça para que Christine possa compreender que tais acusações se referem a uma interpretação falha dos homens. Na “Cidade das Damas”, serão exaltadas e protegidas as mulheres de virtude, afrontando a ideia do feminino enquanto absolutamente propício ao vício e, portanto, à inferioridade.

---

comum do que os homens. A crítica a um mundo que menosprezava as mulheres, pode ser observada no seguinte trecho da narrativa: “Tinham deliberadamente simplificado a própria língua, tornando-a mais fácil e mais bonita, pelo bem das crianças. Isso nos pareceu completamente incrível: primeiro, que qualquer nação tivesse a previdência, a força e a persistência de planejar e completar tal tarefa; segundo, que aquelas mulheres tivessem tanta iniciativa. Presumimos, como algo lógico, que elas não teriam nenhuma; que apenas os homens, com sua energia natural e sua inquietação com limitações, inventariam qualquer coisa”. In: GILMAN, Charlotte Perkins. *Herland: A Terra das Mulheres*. São Paulo: Via Leitura, 2018, p. 115. Contudo, cabe ressaltar que sua crítica também reverbera algumas concepções comuns de mulheres enquanto indissociavelmente atreladas a um ideal materno, a qual pode ser observada em toda construção narrativa desta obra.

<sup>45</sup> Em relação à metáfora do corpo humano, Christine irá utilizá-la em sua obra “O Livro do Corpo Político” (1404-1407).

<sup>46</sup> FORHAN, Kate Langdon. *The Political Theory of Christine de Pizan*. London/New York: Routledge, 2002, p. 46.

<sup>47</sup> Ibid, p.45.

<sup>48</sup> Tradução própria. In: PIZÁN, 2000, p. 64.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Ibid., p. 65.

É importante ressaltar que apesar de “os homens terem a palavra”, é justamente no campo das letras que Christine escolhe iniciar o seu embate. E este se realiza através do conteúdo de seus escritos e do uso de variados gêneros literários, além do embasamento erudito, cujas referências colocadas em seus trabalhos indicam a sua ousadia em adentrar no mundo letrado, não de forma sutil, como se esperaria das mulheres cortesãs, mas em um plano de igualdade, revelando a potência da escrita. Ousadia esta já admitida pela própria Christine, que de modo perspicaz se impõe contra o discurso que almejava relegar e circunscrever a atividade intelectual das mulheres às margens.

Se é possível que o vício dê origem à virtude, agrada-me nesta parte ser tão passional quanto uma mulher, desde que muitos homens assumem que o sexo feminino não sabe como silenciar a abundância de seus espíritos. Venho ousadamente, então e que sejam mostradas as muitas inesgotáveis nascentes e fontes de minha coragem, que não podem ser estancadas quando expressam o desejo pela virtude.<sup>51</sup>

Deste modo, para Christine, se o vício possibilita o acesso à virtude, sendo as mulheres compreendidas como a própria propensão ao vício em questão, e a busca e aplicação do conhecimento sendo o resultado da virtude em si, portanto, a “abundância de seu espírito” pode e deve se manifestar no escrito. O seu escrito é virtuoso, pois o seu desejo é justamente expressar a virtude. Christine então de forma sagaz legitima seu lugar de poeta e filósofa, compreendendo o poder que vem dos livros e de sua filosofia. Em um debate entre Roger Chartier e Pierre Bourdieu intitulado “A leitura: uma prática cultural”, Bourdieu pontua sobre o poder da leitura e a exploração deste universo escrito pelos intelectuais.<sup>52</sup>

O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro. [...] É por isso que os intelectuais têm frequentemente sonhos de mágicos, pois o livro é algo que permite agir à distância. Existem outros meios, como a ordem política, sendo homem político aquele que pode agir a distância ao dar ordens. Mas o intelectual é também alguém que pode agir a distância ao transformar as visões de mundo e as práticas cotidianas [...]. Assim, penso que a luta pelos livros

---

<sup>51</sup> Tradução própria. In: PIZAN, Christine de. *The Book of the Body Politic*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 3.

<sup>52</sup> BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural – debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 243.

pode ser uma cartada extraordinária, uma cartada que os próprios intelectuais subestimam. [...] Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social.<sup>53</sup>

Apesar dos avisos de Bourdieu sobre o recorrente esquecimento por parte do intelectual do alcance de seus trabalhos, Christine além de conhecer muito bem esse espaço, possuía plena consciência das possibilidades deste universo, tanto em relação à afirmação de lugar de escrita pelas mulheres, quanto da transformação de seu mundo social, como colocado acima. Além destes enfrentamentos perante um “espaço dos homens”, Christine engloba uma luta que se circunscreve também na dinâmica da reivindicação autoral, na medida em que suas obras são assinadas e atribuídas a si, sendo em última instância um embate duplo, pois é uma mulher que escreve, e escreve por si.

[...] o escritor não era senão o escriba de uma Palavra que vinha de outro lugar. Seja porque era inscrita numa tradição, e não tinha valor a não ser o de desenvolver, comentar, glosar aquilo que já estava ali. Antes dos séculos XVII e XVIII, há um momento original durante o qual, em torno de figuras como Christine de Pisan, na França, Dante, Petrarca, Boccácio, na Itália, alguns contemporâneos viram-se dotados de atributos que até então eram reservados aos autores clássicos da tradição antiga ou aos Padres da Igreja. Seus retratos apareciam nas miniaturas, no interior dos manuscritos. Eles são com frequência representados no ato de escrever suas próprias obras e não mais no de ditar ou de copiar sob o ditado divino. Eles são “escritores” no sentido que a palavra vai tomar em francês, no correr dos últimos séculos da Idade Média: eles compõem uma obra, e as imagens os representam, de modo um pouco ingênuo, no ato de escrever a obra que o leitor tem nas mãos. É nesse momento também que são reunidas em um mesmo manuscrito várias obras de certos autores, relacionadas a um mesmo tema.<sup>54</sup>

A concepção de divisão social e sexual binária e de prevalência de um masculino sobre um feminino é herdada de alguns estudiosos e filósofos antigos, especialmente dos romanos. Christine possui referência e acesso a tais estudos, por

---

<sup>53</sup> CHARTIER, op. cit., p. 243.

<sup>54</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de SP/ Editora UNESP, 1998, p. 31/32.

conta de sua formação cortês.<sup>55</sup> Anthony Corbeill em seu estudo intitulado de “Sexing the World”<sup>56</sup> demonstra como o gênero gramatical das palavras não é neutro e, assim, de que forma os romanos passaram a “heterossexualizar o mundo”, e valorizar o masculino sobre o feminino. Para tal, Corbeill analisa como termos tidos como “neutros” passam a sofrer pressão para que sejam definidos de acordo com características femininas ou masculinas, pois o gênero da palavra poderia indicar um contexto e demonstrar atributos mais direcionados a um dos sexos.<sup>57</sup> Por fim, analisa a figura do hermafrodita como parâmetro final para indicar como este irá sofrer uma pressão por definir-se em um dos sexos, e perder o *status* de prodígio. É justamente contra essa supervalorização masculina que Christine se empenha em combater, sendo mais uma luta por espaço na sociedade do que por uma real igualdade entre os sexos.

Segundo análise de Tsae Lan Lee Dow, a pauta do livro “A Cidades das Damas” terá continuidade em outra obra publicada no mesmo ano intitulada “O Tesouro da Cidade das Damas ou O Livro das Três Virtudes” (1405-1406), a qual pode ser considerada como decorrente do gênero literário de “espelho dos príncipes”, ou neste caso, das “princesas”, uma vez que se volta às mulheres. Porém, embora possa se colocar nesse gênero literário, Christine não se dirige apenas às mulheres de *status*, mas a todas, inclusive às prostitutas.

Você deve saber que, sem dúvida, nenhuma mulher é tão baixa que, se ela sinceramente deseja renunciar ao pecado com a boa intenção de nunca mais voltar a ele ou cair novamente, se arrepender e implorar a misericórdia de Deus, Deus a protegerá e a preservará de todos aqueles que desejam dissuadi-la de boas intenções.<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup> Como o livro “Feitos e dizeres memoráveis”, de Valério Máximo (c. 20 a.C – 50 d.C.), que exemplifica quais seriam as virtudes, vícios e costumes romanos, sendo muito citada na obra “O Livro do Corpo Político”.

<sup>56</sup> CORBEILL, Anthony. *Sexing the World: Grammatical Gender and Biological Sex in Ancient Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

<sup>57</sup> Segundo Corbeill, um estudioso anônimo registrou que o uso de um substantivo masculino, por exemplo, poderia tornar a expressão “mais forte” e, assim, revelar “que o vento é mais violento”. (*Scholia on Homer’s “Iliad”. 15.626c, cited in Sluiter 1990: 8 n. 22*). In: *Ibid*, p. 25. Além deste exemplo, a opção pelo masculino ou feminino, no caso dos gêneros fluidos, poderia indicar uma “ressonância mítica”, como no caso do mito de Ciparisso, amante de Apolo, cuja dor o leva a metamorfosear-se em árvore (um cipreste), sendo então adotada a forma masculina, apesar dos nomes das árvores serem predominantemente femininos no latim clássico. In: *Ibid*, p. 63/68.

<sup>58</sup> Tradução própria. In: PIZAN, Christine de. *The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues*. London: Penguin Books, 2003, p. 159.

Tais recomendações, se referem a como alcançar uma vida virtuosa, a partir de um controle comportamental e moral de acordo com a concepção medieval. Apesar de trazer a perspectiva clássica das três ordens da sociedade,<sup>59</sup> nesta obra há um desmembramento cujo objetivo é abarcar todas as mulheres. Assim, não apenas as mulheres das camadas mais abastadas da sociedade ganham visibilidade neste escrito, o que de certa forma é peculiar, apesar de não se desprender de certos padrões idealizados do feminino. Como destaca Kate Forhan:

Para Christine de Pizan, assim como para seus contemporâneos, classe social ou posição era uma realidade que era raramente questionada. A questão nunca foi se as classes sociais deveriam ou não existir, mas, antes, quais eram as responsabilidades, privilégios e liberdades de cada uma.<sup>60</sup>

Seu objetivo seria então evidenciar o papel dessas mulheres na sociedade, delimitando através do comportamento determinadas atitudes esperadas para cada mulher que representa um setor da sociedade. Tal intento, tanto no caso da “Cidades das Damas” quanto em “O Tesouro da Cidade das Damas ou O Livro das Três Virtudes”, é inspirado em trabalhos anteriores como o de Boccaccio, em sua obra “Mulheres Famosas” (1374). Podemos perceber logo no prefácio do livro de Boccaccio o seu intento em evidenciar algumas mulheres, mas também trazendo a ideia do sexo feminino enquanto mais propenso ao vício.

Estou verdadeiramente surpreso com o pouco interesse que as mulheres despertaram entre os escritores, para que não tenham desfrutado do favor de nenhuma memória em nenhum trabalho especial, quando é evidente, assim aparece em histórias amplas, que algumas delas realizavam ações tão corajosas quanto difíceis. E se os homens são dignos de louvor por realizar grandes feitos com a força que receberam, quanto mais as mulheres não serão, a quem a natureza dotou (quase todas) um corpo mole e fraco e uma mente desajeitada, quando se atreve a conduzir empresas que seriam muito difíceis, mesmo para os homens, com um espírito viril, uma inteligência brilhante e uma virtude notável?<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Dividida tradicionalmente entre os *oratores*, *bellatores* e *laboratores*.

<sup>60</sup> Tradução própria. In: FORHAN, 2018, p. 60.

<sup>61</sup> Tradução própria. In: BOCCACCIO, Giovanni. *Mujeres preclaras*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2010, p. 59/60.

Porém, diferentemente de Boccaccio que de certa forma reproduz a ideia do feminino enquanto mais propenso ao vício,<sup>62</sup> Christine aponta defeitos em algumas mulheres, mas compreendendo que tais aspectos podem ser corrigidos e não se referem a uma condição inata da natureza feminina.<sup>63</sup> Em última instância, Christine analisa que o vício pode se recair sobre qualquer indivíduo, independente do sexo, uma vez que suas produções não se restringem a conselhos para mulheres, mas sim para os homens, como será o caso da obra “O Livro do Corpo Político”.

Quando as mulheres se tornaram prostitutas, o que Christine atribui claramente a circunstâncias e não a qualquer qualidade essencialmente ruim das próprias mulheres, todas as outras mulheres são contempladas não apenas para encontrar emprego alternativo, mas para aceitá-las de volta à comunidade de mulheres. As mulheres não são, portanto, essencialmente puras nem corruptas.<sup>64</sup>

O livro referente ao corpo político, se refere a uma espécie de tratado, passando também pelo gênero literário de “espelho dos príncipes”, sendo dividido em três partes, em que se transparece o ideal de Christine quanto à divisão da sociedade de seu tempo. A primeira parte é dedicada aos príncipes, a segunda parte é destinada aos cavaleiros e nobres e a última parte é direcionada às “pessoas comuns”. Neste livro, conforme o título já indica, Christine se utilizará da metáfora do “corpo político” para trabalhar seus ideais de uma sociedade justa. Para tal, Christine se baseia em referências tanto clássicas quanto de seu próprio tempo para aconselhar o príncipe do que seria a construção de um bom governo. Para uma sociedade equilibrada é fundamental que a “cabeça” deste corpo seja virtuosa, por isso essa primeira parte é a mais extensa em conselhos. As outras duas partes desta produção, que se referem aos outros membros do corpo (os braços, mãos,

---

<sup>62</sup> Como dotadas, segundo Boccaccio, de “um corpo mole e fraco e uma mente desajeitada”.

<sup>63</sup> Apesar de Christine defender a natureza feminina, pode-se perceber em seus escritos o que Danielle Régner-Bohler denomina de uma “transmutação de sexo”, isto é, o desejo de tornar-se homem para fazer-se ouvir, legitimando seus escritos. In: KARAWEJCZYK, Mônica. Christine de Pisan, Uma Feminista no Medievo?! *Historiæ*, Rio Grande, 2017, p. 199. Sob esta perspectiva, Peter Haidu aponta para a complexidade de seu pensamento, ao pontuar que “para suportar as responsabilidades da viuvez, tinha de se imaginar transformada em um homem”. In: HAIDU, Peter. *O sujeito medieval/moderno: Texto e governo na Idade Média*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

<sup>64</sup> Tradução própria. In: DOW, Tsae Lan Lee. Christine de Pizan and the Body Politic. In: GREEN, Karen; MEWS, Constant J. (Ed.). *Healing the body politic: the political thought of Christine de Pizan*. Turnhout: Brepols Publishers, 2005, p. 238.

pernas e pés)<sup>65</sup> são menores, mas possuem o objetivo de demonstrar como todos possuem um papel importante a desempenhar. Como no caso expresso abaixo, em que Christine exemplifica que mesmo as camadas mais simples possuem grande importância no corpo social.

Sobre os simples trabalhadores da Terra, o que eu posso dizer deles, em que muitas pessoas maltratam e os oprimem? De todos os estados, eles são os mais necessários, eles que são os cultivadores da Terra, que alimentam e nutrem a criatura humana, e que sem eles o mundo acabaria em pouco tempo. [...] Eles são realmente o pé que suporta o corpo político, pois suportam o corpo de todos com seu trabalho. Eles não fazem nada que não seja digno. Deus fez seu serviço aceitável, porque as duas cabeças do mundo, da qual descende toda a vida humana, foram trabalhadores da Terra.<sup>66</sup>

Pode-se observar que neste livro em especial, por se tratar expressamente de um gênero literário que é utilizado e escrito por e para homens, Christine já afronta as concepções mais conservadoras.<sup>67</sup> Embora faça parte no início deste tipo de gênero literário certa “humildade” expressa da autora por se endereçar a um príncipe, é possível perceber em Christine uma sutil crítica quanto ao posicionamento feminino perante o lugar desta escrita já no início da obra, ao pontuar sobre a crítica dos homens quanto à impossibilidade feminina de muitas vezes não saber como “silenciar a abundância de seu próprio espírito”.<sup>68</sup> É justamente este silêncio, seja compreendido enquanto oral e/ou literário, que Christine se empenha em combater. Tsae Lan Lee Dow, em sua pesquisa acerca desta produção, coloca que a estrutura do corpo político de Christine não deve ser analisada como tema trabalhado exclusivamente nesta obra. Deste modo, aponta que a autora procura construir dois corpos políticos, um feminino e outro masculino. Os livros “A Cidade das Damas” e “O Tesouro da Cidade das Damas ou O Livro das

---

<sup>65</sup> Christine compreende a cabeça como associada ao príncipe, as mãos, como referência aos nobres e cavaleiros, que “devem afastar todas as coisas nocivas e inúteis” e os braços, os quais “devem ser fortes para suportar o trabalho, [...] defender a lei do Príncipe e a política.” Já os pés e as pernas, da mesma forma que sustentam o corpo, estes devem “sustentar todos os outros estados”, representando assim os trabalhadores, as outras pessoas que não se enquadram nas primeiras camadas da sociedade. In: PIZAN, 2007, p. 4.

<sup>66</sup> Tradução própria. In: Ibid., p. 107.

<sup>67</sup> Outras obras como “O Livro de Feitos de Armas e Cavalaria” (c. 1405), e o “O Livro de Feitos e Bons Costumes do Rei Carlos V” (1404), podem igualmente ser observados enquanto temas literários pouco comuns às mulheres.

<sup>68</sup> In: Ibid., p. 3.

Três Virtudes” se refeririam, segundo esta interpretação, ao corpo político feminino. Nestes estudos Christine exemplifica que a mulher é virtuosa e que através desta virtude possui um espaço na sociedade, “como os príncipes do corpo político ‘masculino’, as princesas são advertidas contra a autoindulgência, luxúria e exhibições de excesso”.<sup>69</sup> O corpo político masculino se referiria a sua obra sob este mesmo título, em que exporia para os homens seu ideal de boa governança<sup>70</sup> e de participação política inclusiva, no qual mulheres e homens são percebidos como atores.<sup>71</sup>

Seria então Christine feminista? Ou, ainda conforme defendem alguns, um exemplo de profeminismo? Conforme exposto no início, a escrita da história muito se modificou a partir da utilização de novas fontes, da exploração de novas temáticas e de problemáticas até então ignoradas. Entretanto, tal história continuou e, continua no presente, sendo essencialmente masculina. Neste âmbito de revisão e análise histórica, procurou-se observar de forma mais atenta os movimentos e participações femininas inerentes a qualquer período. No contexto do surgimento de uma pauta feminista, entre os séculos XIX e XX, cujas mulheres buscavam equiparar direitos e espaço na sociedade, historiadores e historiadoras passaram a buscar vozes femininas do passado que pudessem modificar tal escrita, evidenciando uma história *das mulheres*. Uma dessas vozes femininas foi a voz de Christine de Pizan. Entrementes, cabe problematizar qual o real impacto de seu escrito na sociedade medieval e de que forma Christine representa a mulher medieval.

Será esta mulher mais do que um caso exemplar ou extraordinário: um farol, uma bandeira reunindo tropas incertas? Haverá que tomá-las como o arauto da emancipação das mulheres, ou vê-la apenas como testemunho perdido de potencialidades negligenciadas, uma faísca tímida numa época obscura? Devemos procurar-lhe émulas, uma consciência “feminista”, a vontade de reunir as suas irmãs numa luta comum? Resumindo, como ajustar o olhar, atrás dela, sobre

---

<sup>69</sup> Tradução própria. In: DOW, 2005, p. 235.

<sup>70</sup> Cabe ressaltar que tal empreendimento obtém como impulso o contexto de Christine, a qual vivencia os problemas sociais causados pelo conflito denominado “Guerra dos Cem Anos” (1337-1453). Por conta da instabilidade que presencia, seu ideal de governo é bastante tradicional, defendendo a ideia de um governo centrado, sob a visão aristotélica, na “política de um”. In: *Ibid.*, p. 92.

<sup>71</sup> DOW, *op. cit.*, p. 237.

essa metade da humanidade que tantos historiadores - para não falar senão deles - passam tão facilmente em silêncio?<sup>72</sup>

Sob a bandeira da voz ante o “silêncio” das mulheres na história, a experiência e os escritos das mulheres passaram a ser evidenciados. Mas, a problemática exposta por Klapisch-Zuber quanto à representação de Christine de Pizan, o seu lugar de fala quanto às mulheres no geral, deve ser compreendido enquanto indício de certa limitação ante algumas comparações. Como aponta Guarinello, “[...] um período histórico confere ou atribui contemporaneidade a documentos que, rigorosamente, não são contemporâneos”.<sup>73</sup> Assim, os escritos de Pizan, apesar de se referirem a um contexto muito distante do que na atualidade se compreende por “feminismo” acabou sendo adotado por alguns estudiosos, apesar do iminente anacronismo. É sabido que aquilo que se escolhe evidenciar em termos históricos, na narrativa histórica, jamais é isento de neutralidade e que não é possível de se escrever uma história que se pretenda total.

E ainda, é preciso sublinhar o que Guarinello apresenta enquanto “formas”, sendo que “como uma disciplina científica, a história produz conhecimento efetivo, mas esse conhecimento também tem limitações [...], mas tendo em mente que limites são inerentes a qualquer tentativa de entender e interpretar o mundo”.<sup>74</sup> Sob esta perspectiva, colocar Christine enquanto “a primeira feminista” ou ainda evidenciá-la tão somente por ter uma ambiência cortês e ter de certo modo se destacado no período, implica em algumas problemáticas apontadas por Klapisch-Zuber:

Sem dúvida que é tentador colocar sobre um pedestal uma mulher como Cristina; e deixá-la lá. Muitos autores nisso se empenharam entoando o panegírico nem sempre inocente das mulheres de exceção para melhor marcarem, com o seu desdém, todas as outras, as que não fizeram a História.<sup>75</sup>

---

<sup>72</sup> KLAPISCH-ZUBER, op. cit., p. 10.

<sup>73</sup> GUARINELLO, op. cit., p. 46.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 10.

Por conseguinte, atribuir ao indivíduo uma excepcionalidade em termos narrativos acaba por afastar a compreensão da história enquanto um processo dinâmico que implica a participação de toda a sociedade, em qualquer processo de mudança. O pensamento de Christine é, portanto, fruto de uma construção social. Como bem pontua Agnes Heller, “o indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico”.<sup>76</sup> Neste ponto, não se pretende inferiorizar sua atuação, seus escritos, sua afirmação enquanto escritora.<sup>77</sup> Mas, sim compreender que uma história que apenas procure por ícones, ou ainda que a identifique como a “primeira feminista” da história acaba por não identificar a real importância e papel de Christine.

É necessário levar em consideração seu contexto, sua formação. Christine possui ideias que poderiam se distanciar do que se teria como ideal tanto de governo, quanto do lugar social que devem ocupar as mulheres. Apesar de compreender que as mulheres não seriam menos virtuosas que os homens e que elas teriam sim um lugar no corpo político, isto não significa que este lugar seja o mesmo que as feministas lutaram e lutam por conseguir. É um espaço com limitações, se compararmos com as pautas atuais. Como exemplifica Catherine Villanueva Gardner, Christine de Pizan apresenta uma visão que não compactua com ideais feministas, como o acesso à educação, por exemplo.

Curiosamente, o verdadeiro problema filosófico para o leitor moderno da defesa moral das mulheres por Christine, em última instância, deve vir não tanto de sua apresentação metafórica, mas do sentido em que essa defesa é *apenas* uma defesa moral. O que descobrimos é que, embora Christine argumente ao longo do livro que as mulheres têm igual entendimento que os homens, e que ela mesma valorize claramente a educação, ela sustenta que as mulheres não precisam ser educadas. Pois acredita que a educação não é necessária para o cumprimento de sua tarefa de manter o casamento e o lar:

[Razão] “Se fosse costume enviar filhas para a escola como os filhos, e se a elas fossem ensinadas as ciências naturais, elas aprenderiam o máximo possível e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e ciências, assim como os filhos...”

---

<sup>76</sup> HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 34.

<sup>77</sup> Sendo que Christine de Pizan é considerada como a primeira escritora profissional a viver de seu trabalho.

[Christine] "Minha senhora, uma vez que elas têm mentes hábeis em conceituar e aprender como os homens, por que as mulheres não aprendem mais?"

Ela respondeu: "Porque, minha filha, o público não exige que elas se envolvam nos assuntos que os homens são contratados para executar... É suficiente para as mulheres cumprir os deveres habituais para os quais foram ordenadas".<sup>78</sup>

Logo, percebe-se que determinados termos como “feminismo” não podem ser aplicados a determinados contextos, sem uma análise real do discurso. Muitos autores se debateram em torno desta questão, e ante as aparentes contradições de Christine, que nada mais são do que contextos diversos e que limitam determinadas possibilidades interpretativas, destacaram que a problemática se refere ao que se compreende enquanto feminismo. Se este for analisado enquanto a busca pela igualdade entre homens e mulheres, em torno de um movimento organizado a partir de uma “teorização”, como apontará Haidu, de “um programa concreto baseado na relação da mulher com outros sujeitos, com as estruturas de poder da sua polis, com os processos econômicos em que está envolvida [...],”<sup>79</sup> não seria possível classificar Pizan enquanto pioneira de uma pauta desta natureza. Beatrice Gottlieb em seu estudo denominado de “O problema do feminismo no século quinze”,<sup>80</sup> direciona sua análise justamente para este equilíbrio, demonstrando as nuances do pensamento de Christine, que se destaca quanto ao seu empenho em combater a ideia de uma natureza feminina propensa ao vício, mas que por outro lado, não propõe mudanças na estrutura social que hierarquiza os gêneros.

Se feminismo significa pensar em mulheres e sentir que elas merecem mais no mundo, então Christine era uma feminista [...] e não tenho dúvida de que muitas mulheres silenciadas, cujos pensamentos nunca conheceremos, eram feministas. O mesmo aconteceu com os homens que cantaram louvores às mulheres nas *querelle des femmes*, se quisermos julgar pelo que eles escreveram. Mas se feminismo significa uma crença nas capacidades iguais de homens e mulheres, se significa querer mudanças radicais, se significa exigir oportunidades iguais para que as mulheres sejam

---

<sup>78</sup> Tradução própria. In: GARDNER, Catherine Villanueva. *Rediscovering Women Philosophers: Philosophical Genre and the Boundaries of Philosophy*. London/New York: Routledge, 2019, p. 74/75.

<sup>79</sup> HAIDU, op. cit., p. 410/411.

<sup>80</sup> GOTTLIEB, Beatrice. *The Problem of Feminism in the Fifteenth Century*. In: KIRSHNER, Julius; WEMPLE, Suzanne F. (Ed.). *Women of the medieval world: essays in honor of John H. Mundy*. New York: Basil Blackwell, 1985.

educadas e treinadas para carreiras, se isso significa mulheres se organizando para conseguir o que querem, se significa ter qualquer tipo de programa - bem, então feminismo obviamente não surgiu até o século XIX. Isso não precisa ser provado.<sup>81</sup>

Perante esta conjuntura, mesmo que Christine não possa ser identificada a partir de uma proposta feminista de acordo com os termos mais modernos,<sup>82</sup> seus escritos ressoam ainda na atualidade e servem de parâmetro para uma paulatina mudança quanto à percepção e enfrentamento da estrutura social binária. Destarte, percebe-se que parte da discussão sobre o possível feminismo em Pizan é herdeiro de uma proposta de escrita da história que buscou destacar e, até iconizar algumas mulheres, destituindo-as de um contexto que tanto permitia quanto limitava determinadas reivindicações modernas. Por isto, escrever uma história *de e para* mulheres, enquanto contraponto à prática de uma história *de e para* homens, e, de certo modo, procurar exaltar de forma isolada alguns feitos, acaba por não incluir efetivamente a contribuição feminina, mas a colocá-la apenas como “adendo/anexo” na história. Por conseguinte, Joan Scott sublinha a necessidade de se revisar tal olhar, propondo que a história seja analisada através da categoria gênero. Gênero que compreende, não uma análise histórica em categorias separadas de masculino e/ou feminino ou ainda em outros gêneros, mas sim a relação conjunta de todos esses gêneros.

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> Tradução própria. In: *Ibid.*, p. 359/360.

<sup>82</sup> Embora Beatrice Gottlieb sublinhe também o fato de algumas mulheres “se recusarem a aceitar insultos e desprezo em silêncio”, possa ser considerado enquanto “um tipo plausível de feminismo”, as quais admitem compartilhar problemas comuns. In: *Ibid.*, p. 346.

<sup>83</sup> In: SCOTT, *op. cit.*, p.75. Além deste ponto cabe sublinhar que Scott enfatiza que a adoção do termo “gênero” compreende um grande sistema de relações, o qual pode incluir o sexo, embora não seja diretamente determinado por ele e nem determina de forma direta a sexualidade. In: *Ibid.*, p.76.

Em consequência, é necessário compreender a imbricação das vozes, masculinas e femininas, analisando-se a história enquanto um movimento em conjunto e não separado. Uma história das mulheres sob certo prisma acaba se distanciando justamente daquilo que se propõe combater, que é a visibilidade das mulheres na história, enquanto produtoras de pensamento. Kate Forhan aponta para o legado de Christine em três aspectos fundamentais: “primeiro, seu lugar no desenvolvimento das ideias políticas ocidentais; segundo, sua contribuição para o desenvolvimento gradual de instituições e valores democráticos modernos; em terceiro lugar, sua legitimidade como teórica política e escritora política prolífica.”<sup>84</sup>

Logo, ao se analisar Christine apenas através de um debate que propõe identificá-la como a “primeira feminista da história”, deixando de compreender seu contexto, lugar e sua posição de fala, que dialoga tanto com homens quanto mulheres, sua contribuição à história se reduz. É preciso observar a produção feminina sob a ótica de gênero, que implica a relação entre os sujeitos, pois a escolha de Christine em idealizar um corpo político que contemple não apenas os homens, não se trata de uma escolha aleatória. Ela é fruto de uma relação de poder, de uma hierarquia de gênero, que Christine vivencia em conjunto com suas contemporâneas. É preciso, pois, observar sob um outro olhar.

Portanto, trabalhar a produção das mulheres a partir da categoria de gênero seria uma forma de, “[...] superar o silêncio com o qual uma história exclusivamente masculina quer recobrir as importantes contribuições trazidas ao pensamento pelas mulheres e pelas questões levantadas por elas”.<sup>85</sup>

Deste modo, a análise das produções de Christine de Pizan deve ser observada através desse outro ângulo, cujo discurso feminino se constrói a partir de outro masculino, e desse diálogo seguem-se outros que se constroem sucessivamente através da história. Porém, uma história que se pretenda substancialmente masculina, desconsiderando-se uma perspectiva de gênero,<sup>86</sup> acaba por produzir uma memória incompleta do passado e, como bem pontua Le

---

<sup>84</sup> Tradução própria. In: FORHAN, op. cit., p.160.

<sup>85</sup> ROVERE, op. cit., p. 8.

<sup>86</sup> Esta perspectiva de gênero a partir da problemática dos silenciamentos é trabalhada no artigo a seguir: PISANI, Ana Luisa. Gênero e Sociedade: problematizações a partir das obras “A Cidade das Damas” (1404-1405) e “O Livro do Corpo Político” (1404-1407), de Christine de Pizan. *Sillogés*, Rio Grande do Sul, v. 6, n.1, jan./jun. 2023.

Goff “[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”,<sup>87</sup> que pode tanto exaltar quanto silenciar algumas vozes.

---

<sup>87</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 470.

## 1.2 O combate à “História Anexo”

Que seja narrado tudo,  
pois vale a pena que nos lembremos,  
e que seja escrito, mesmo que desagrade a alguns,  
em muitas crônicas e histórias.<sup>88</sup>

Escolhas - eis a base da relação entre a escrita da história e a memória coletiva. Escolhas essas que envolvem todo um contexto social e político muito bem delimitado, compreendendo tal contexto enquanto a conjuntura dos costumes, crenças e valores que arbitram, em última instância, sobre a fala ou o silêncio das narrativas ao longo da história. Walter Benjamin a esse respeito já sinalizava que compreender o passado seria “apropriar-se de uma recordação”,<sup>89</sup> e não realmente conhecê-la no âmbito de sua realidade. Sob este prisma Philippe Tétart, ao analisar os desafios que transparecem no próprio conceito de história, ressalta justamente aquilo que promove o conhecimento de determinadas recordações em detrimentos de outras: as escolhas dos(as) historiadores(as).

Esta questão está vinculada a uma ambiguidade lingüística: a palavra história significa simultaneamente *ciência histórica* e *narração*. Efetivamente, a palavra “história” tem raiz indo-européia (*wid*, saber), em seguida nasce do grego *historia*, traduzido, na perspectiva de Heródoto, como *investigação*. É o primeiro trabalho do historiador: investigar, reunir um saber. Quanto à raiz grega de análise – outra palavra-chave – *analuein*, ela significa primitivamente “soltar”, “resolver”. Desta dupla etimologia resulta toda a dificuldade do trabalho do historiador. Não é simples esforço de acumulação, de retransmissão de um saber, recitação do passado (*soltar* o passado, contá-lo). Fazer história, analisar, é abarcar o passado, *ordená-lo*, fazer escolhas; em suma, “resolver” o passado mediante uma certa forma de escrita (científica e narrativa).<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> RIBEIRO, Nathalya Bezerra. *Traduzindo Le Ditié de Jeanne D’Arc de Christine de Pizan: Uma ponte para o resgate de obras de autoria feminina na Baixa Idade Média*. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-graduação em Letras, 2016, p. 61.

<sup>89</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 243.

<sup>90</sup> TÉTART, Philippe. *Pequena História dos historiadores*. São Paulo: EDUSC, 2000, p. 147/148.

Se o passado é colocado conforme certas recordações, narrativas, que se fundamentam em escolhas muito bem delimitadas, como então conhecer a história além deste ponto? Uma das possibilidades seria justamente partir daquilo que não foi escolhido para ser narrado, que se configuram, portanto, enquanto “ausências” e “silêncios”. Barbara Rosenwein, pesquisadora das emoções, em referência aos estudos de problemas e métodos relativos a esta categoria de análise, afirma a necessidade de “ler-se os silêncios”.<sup>91</sup> Esta importante percepção traz como contexto o estudo da emoção do medo em soldados do início do século XIX. Conforme Rosenwein aponta, constatou-se que o silêncio nos registros relativos ao medo se dava justamente pelo fato de tal manifestação ser contrária às normas daquele tempo. No século seguinte, tais expressões começaram a serem mais frequentemente encontradas, indicando uma abertura deste tipo de expressão de sentimento. Com este exemplo, conclui que se deve atentar para os silêncios, os quais muitas vezes não indicam uma ausência de fato de tais manifestações emotivas.<sup>92</sup> Neste ínterim, cabe-se questionar como de fato interrogar o silêncio, provocando-lhe fala.

Conforme demonstra Prost, apesar de a memória e de a história se servirem de um tempo passado, há uma diferença relacionada à “objetivação” desse tempo, sendo a memória carregada de emoções, as quais a história não necessariamente acompanha, “[...] o registro frio e sereno da razão toma o lugar do registro [...]”, sendo este historicizado, analisado enquanto um “objeto científico”, cujo tempo é construído pelos historiadores.<sup>93</sup> Porém, esse tempo e registro elaborado pelos historiadores é compreendido através das memórias relatadas nas fontes, as quais são selecionadas, podendo ou não serem descartadas ou até mesmo ressignificadas.<sup>94</sup> Neste processo, vale ressaltar que o exercício de coleta e análise das fontes na dinâmica de sua interpretação, se baseiam tanto em memórias individuais quanto coletivas, conforme apontará Ciro Flamarion Cardoso:

---

<sup>91</sup> ROSENWEIN, Barbara H. *História das Emoções: problemas e métodos*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 32/33.

<sup>92</sup> *Ibidem*.

<sup>93</sup> PROST, Antonie. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 106.

<sup>94</sup> Tal descarte era inclusive utilizado enquanto método, conforme discutido no início do capítulo, em relação à análise quanto à veracidade dos documentos tidos como “oficiais”.

Assim, num sentido estrito, só existem memórias individuais. Mas as recordações são retomadas por instituições de vários tipos, de tal modo que a sociedade acaba por constituir uma espécie de patrimônio comum da memória com que o indivíduo coexiste e interage desde sua infância. As memórias, em função do próprio transcurso do tempo, não podem manter-se só como vivências individuais: seletivamente, acabam residindo em depósitos sociais (arquivos, monumentos, museus), naquilo que foi chamado de “lugares de memória”. Memória individual, comum e coletiva coexistem necessariamente nas sociedades em diferentes níveis, as quais podem entrar em contradição e conflito. [...] Em muitos casos, porém, impõe-se institucionalmente uma determinada versão – pública, dominante, oficial – da memória coletiva, a qual pode, então, servir de base à hegemonia de determinado grupo na construção da nação e do regime político.<sup>95</sup>

A partir do conceito colocado por Flamarion Cardoso quanto à construção coletiva da memória, e da imbricação entre as memórias individuais e coletivas, é que se pode compreender a ausência da visibilidade feminina na história. Muitas vezes essa ausência se mascara a partir do artifício da inclusão de um simples adendo ao texto, destacando-se tais mulheres em um regime de exceção. Paul Veyne, já colocava que “[...] um livro de história não é, na realidade, o que aparenta ser; assim, ele não trata do Império Romano, mas daquilo que ainda podemos saber sobre esse império”,<sup>96</sup> sendo possível acrescentar, daquilo que é escolhido para ser passado sobre esse império. Neste meandro, Veyne, pontua justamente a “natureza lacunar da história”, concluindo “[...] que os povos ditos sem história são, simplesmente, povos cuja história se ignora, e que os ‘primitivos’ têm um passado, como todo mundo”.<sup>97</sup> Logo, as lacunas, as ausências, os silêncios, constituem-se fundamentalmente de processos que não se devem à ordem do acaso, mas a histórias que se preferem não contar ou contar de outra *forma*. Sobre este ponto, Veyne coloca ainda que “o historiador pode dedicar dez páginas a um só dia e comprimir dez anos em duas linhas: o leitor confiará nele, como um bom romancista, e julgará que esses dez anos são vazios de eventos”.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru: SP, EDUSC, 2005, p. 18.

<sup>96</sup> VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p. 26.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 27.

<sup>98</sup> *Ibidem*.

As reflexões de Veyne são pertinentes aos questionamentos quanto ao lugar do feminino ao longo da história. Como discutido anteriormente, através da ausência ou simplesmente de um mero “anexo” à história dos homens, buscou-se metodologias que proporcionassem uma real visibilidade quanto a presença feminina na história, como é o caso da defesa de uma história das mulheres. Porém, toda *forma*, traz em si, como bem colocado por Guarinello, inclusões e exclusões no processo de produção de uma narrativa histórica. Neste meandro, também surgem novas categorias como a categoria gênero que tem como proposta um diálogo entre os sexos, isto é, de real partilha e inclusão nos processos históricos.

Neste ângulo, o processo de exclusão da presença feminina na história, pode ser também observado no próprio imaginário em negar-lhes uma racionalidade, isto é, a possibilidade e o caminho ao conhecimento. Nos estudos sobre as emoções na história, Angela Giallongo aponta justamente esta dimensão de associação da irracionalidade e o feminino, sendo a irracionalidade muitas vezes associada ao não controle das emoções.

Não creio que o tema das emoções na história do gênero seja menos importante do que o social, político e institucional. A história tradicional, racionalmente cartesiana, removeu as emoções, descartando paralelamente as mulheres. O ocultamento acabou tornando as emoções e a feminilidade sinônimos, por consequência não dignas de interesse histórico. A primeira foi de fato exilada do reino da razão, a segunda, foi ocasionalmente recrutada com algumas figuras emblemáticas para narrar eventos passionais e comportamentos irracionais da história.<sup>99</sup>

O enfrentamento de Christine de Pizan se encontra justamente neste campo de luta por um espaço feminino através do conhecimento, da capacidade racional das mulheres. É interessante notar que a inclinação ao vício, ao engano é compreendida por Pizan também enquanto “falta de conhecimento”.<sup>100</sup> A primeira dama a aparecer para Pizan é justamente a figura alegórica da Razão. A Razão que é uma mulher e propõe guiá-las na construção de uma cidade, de um caminho pelo conhecimento. Portanto, o uso da alegoria enquanto uma memória em Pizan

---

<sup>99</sup> Tradução própria. In: GIALLONGO, Angela. Cristine de Pizan e le “emozioni” per La Cité des Dames. *El Futuro del Pasado*, 2, Salamanca, 2011, p. 454.

<sup>100</sup> Em “O Livro das Três Virtudes”, Christine ao advertir sobre os cuidados que as mulheres deveriam ter em relação aos homens, indica que é a carência de conhecimento e constância, que são as causas de tal comportamento nas jovens damas. In: PIZAN, 2003, p. 74.

objetiva obstruir os entraves à visibilidade feminina. Roberta Findanzia analisa que ao apresentar a virtude feminina ao longo dos exemplos de passado, Christine se utiliza de variadas temporalidades, mítica, bíblica e histórica, demonstrando a constante presença de exemplos virtuosos do feminino, conferindo-lhe eternidade.

A obra mostra um certo sincretismo quanto à disposição dos personagens: os personagens míticos, bíblicos ou históricos se misturam, de modo que se tem a impressão de que as fronteiras do tempo e do espaço são abolidas. Assim como no *Caminho de longo estudo* se trata de um tempo que parece imutável, um tempo que, paradoxalmente, não avança, então as peregrinações de Christine são separadas de qualquer necessidade na ordem de sucessão. Tudo acontece como se o tempo se encontrasse absorvido pelo espaço.<sup>101</sup>

Neste sentido, Christine no âmbito de uma história de gênero já lutava por uma reescrita da história, uma vez que os exemplos quanto à capacidade das mulheres são inúmeros. A memória que permeia seus escritos não constitui de fato apenas um recurso para dar legitimidade à potencialidade das mulheres, e em consequência, a própria autoridade de escrita, mas exerce também um papel pedagógico, caráter esse contido implicitamente em alguns gêneros literários escolhidos, como o “espelho dos príncipes”. A narrativa dos eventos que se passam em sua vida, são exemplos vivos e, portanto, do presente, quanto à força e à competência feminina. Como observado por Julia Simms Holderness, o uso deste recurso oferece um modelo a ser imitado, como na história de Santo Agostinho, com a combinação entre “[...] a lembrança íntima e a memorização pública e suas observações sobre as implicações filosóficas”,<sup>102</sup> permitindo promover legitimidade a uma nova história e a um novo lugar social, e, pois, como será discutido nos próximos capítulos, político.

Em fontes latinas e vernáculas, a memória ocupava um lugar de honra nas discussões sobre retórica, criação artística, treinamento intelectual e ascensão espiritual. Esta última ideia é evidente nas Confissões autobiográficas de Agostinho (395 d.C.), uma fonte chave para Christine. Nas Confissões, Agostinho encontra a conversão

<sup>101</sup> Tradução própria. In: FINDANZIA, Roberta. Christine de Pizan: una pedagogia morale per l'ordine dello Stato. *Femininum Ingenium*, Collana di Studi e Ricerche, Pensiero Femminile, Storia e Teorie. v.1. Roma: Drengo, 2012, p. 48/49.

<sup>102</sup> HOLDERNESS, Julia Simms. Christine's Consoling Memory. In: TARNOWSKI, Andrea (org.). *Approaches to Teaching the Works of Christine de Pizan*. New York: The Modern Language Association of America, 2018, p. 62.

espiritual em sua “memória, que é como um grande campo ou espaçoso palácio” 214 [bk. 10, sec. 8], e seus leitores devem encontrar a conversão por meio de seu exemplo. Christine segue seu exemplo, associando a prática da memória ao desenvolvimento intelectual e espiritual. Christine também retrata a prática da memória como uma consolação. A ideia medieval de consolação é pouco conhecida hoje, mas foi o coração de muitas reflexões filosóficas e literárias (Courcelle). Consolação geralmente significa renunciar aos prazeres mundanos em favor dos prazeres da mente. Como a conversão, o consolo envolvia um regime de meditação projetado para melhorar a compreensão humana; em teoria, esse novo entendimento traria paz de espírito (Hadot 22-23).<sup>103</sup>

Tendo como parâmetro a conversão de Agostinho, Christine intenta através da memória possibilitar o alcance feminino sob novo patamar, mantendo em perspectiva a sua representatividade enquanto mulher. O conhecimento é também possível ao feminino, apesar de muitas vezes inacessível. A obra de Christine perpassa justamente neste contexto da acessibilidade e da luta entre a memória e o esquecimento. Ao final do “Livro das Três Virtudes” o desejo pela visibilidade e consequente alcance de suas produções é explícito.

Com isso, as três damas pararam de falar e desapareceram de repente, e eu, Christine, permaneci, quase exausta de tanto escrever, mas muito feliz, olhando para o belo trabalho de suas valiosas lições, que recapitulei. Quanto mais eu olho para elas, melhor elas parecem: muito proveitosas para o bem, a melhoria dos hábitos virtuosos, e o aumento da honra das damas e de todo o mundo das mulheres, presente e futuro, onde quer que este livro possa chegar e ser visto. E, portanto, eu, sua serva (embora nem sempre seja capaz de me ocupar em seu serviço, embora continuamente o deseje), pensei comigo mesma que eu iria distribuir muitas cópias desta obra em todo o mundo a qualquer custo, e seria apresentado em vários lugares para rainhas, princesas e grandes damas, para que seja mais honrada e exaltada, pois é digno disso, e pode ser divulgado entre outras mulheres. Esta ideia garantiria a sua emissão e circulação em todos os países. Como é na língua francesa e como essa língua é mais comum em todo o mundo do que qualquer outra, este trabalho não vai permanecer inútil e esquecido. Vai perdurar em muitos exemplares em todo o mundo sem cair em desuso, e muitas damas e mulheres valentes de autoridade vão ver e ouvir agora e no tempo vindouro.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> Tradução própria. In: HOLDERNESS, 2018, p. 59.

<sup>104</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2003, p. 167/168.

Esse desejo expresso por Christine sobre o alcance dos seus escritos, e o de muitas autoras femininas é alvo de reflexões na atualidade, uma vez que se herdou o silêncio ou muitas vezes buscou-se uma “história anexo” do feminino, sem real diálogo entre os eventos históricos. A problemática é demonstrada pelas poucas traduções dos trabalhos de Christine de Pizan no Brasil<sup>105</sup> e talvez pela necessidade de maior impulso e visibilidade em suas pesquisas. A memória histórica, passa, como Georges Duby observou, muitas vezes pela materialidade dos escritos, daí a importância do acesso à literatura feminina, para que seja possível dar-lhes movimento de fala.

Esta passa obrigatoriamente por traços escritos, por textos, e nós não captamos jamais a memória a não ser imobilizada pelo trabalho de técnicos, cujo ofício era precisamente capturá-la, aprisioná-la numa rede de palavras. Ela nos chega sempre fixada, cristalizada, morta, e não percebemos quase nada da liberdade de seus movimentos.<sup>106</sup>

A problemática quanto aos espaços da escrita do passado é repleta de “tempos de agora”,<sup>107</sup> e a luta pela memória e o combate a uma história que se pretenda apenas anexar referências femininas se faz também no presente. Georges Duby observa ainda que “tanto ontem como hoje, a sociedade apenas mostra de si mesma o que julga conveniente exibir. No entanto, o que ela diz, e sobretudo talvez o que não diz, permite entrever suas estruturas”.<sup>108</sup> Deste modo, retomando a citação inicial do presente subcapítulo, de Christine de Pizan, quanto ao intento da escrita enquanto registro, deve-se promover novas narrativas a ponto de que “seja narrado tudo”, apesar e “mesmo que desagrade a alguns”.

---

<sup>105</sup> São conhecidas poucas obras traduzidas para o português brasileiro, entre elas destaco a tradução da obra “A Cidade das Damas” e do poema dedicado a Joana d’Arc. Referências:

- PIZAN, Christine de. *A cidade das damas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

- RIBEIRO, Nathalya Bezerra. *Traduzindo Le Ditié de Jeanne D’Arc de Christine de Pizan: Uma ponte para o resgate de obras de autoria feminina na Baixa Idade Média*. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-graduação em Letras, 2016.

<sup>106</sup> DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 196.

<sup>107</sup> BENJAMIN, 2012, p. 252.

<sup>108</sup> DUBY, Georges. *Damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 11.

## CAPÍTULO II

### O corpo político de Christine de Pizan

A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa das numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas. Elas o mantiveram, durante muito tempo, sob o império sucessivo de diferentes rainhas: eram damas muito ilustres, eleitas por elas e que as governavam sabiamente, conservando o Estado em toda sua potência.<sup>109</sup>

A partir da problematização exposta quanto aos registros da escrita e da memória histórica e o consequente lugar de “anexo”, muitas vezes reservado às mulheres, apesar de todo protagonismo e papel feminino nos diferentes processos históricos, faz-se necessária a devida inserção da obra de Christine de Pizan na história e filosofia política. É preciso destacar que esse processo de colocar constantemente à margem a autoria feminina tem repercussão em discursos que procuram desconsiderar e até mesmo inferiorizar tais escritos perante os já clássicos masculinos, muito utilizados na história. Críticas referentes à forma de escrita, o fato de se citar em excesso determinados autores e até a negação da própria autoria foram recorrentes, como demonstra Charity Cannon Willard, em comentário sobre “O Livro dos Feitos de Armas e Cavalaria” (1410), de Christine de Pizan:

A evidência do sucesso deste livro é em alguns aspectos bastante curioso, pois além de alguns manuscritos antigos e muito bonitos, há outros que omitem todas as referências a Christine como autora. Pode-se perguntar se isso deve ser considerado como algo trivial, ou se sugere que o manual foi considerado muito bom para ter sido escrito por uma mulher. Algumas cópias no segundo grupo, principalmente manuscritos em papel, parecem ter sido anotadas e muito utilizadas. Tudo isso confunde bastante o problema da importância do gênero na escrita medieval.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> PIZAN, 2012, p. 67.

<sup>110</sup> Tradução própria. In: PIZAN, Christine. *The book of deeds of arms and of chivalry*. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press, 2003, p. 8; com tradução de Sumner Willard e edição de Charity Cannon Willard. Em relação a esta obra, Cynthia J. Brown em seu estudo intitulado “The Reconstruction of an Author in Print: Christine de Pizan in the Fifteenth and Sixteenth Centuries”, também aponta que sua autoria foi modificada em uma publicação francesa de 1488, indicando

Além de Christine ser uma mulher, os seus escritos, como colocado anteriormente no primeiro capítulo, contemplam diferentes gêneros literários, abordando diversas temáticas, sendo que a questão da guerra e da cavalaria ou mesmo da organização política, seriam temas majoritariamente masculinos, o que promoveria certo desconforto no reconhecimento da autoria feminina. Conforme exposto, Christine inicia sua produção literária com trabalhos mais voltados à poesia, seguidos de trabalhos que refutam a ideia de um feminino propício ao vício e outras produções que possuem a proposta mais voltada a discutir aspectos da política.

Como também apontado no primeiro capítulo, há uma discussão quanto à dimensão do feminino na obra de Pizan. No caso de seu escrito mais famoso “A Cidade das Damas”, muito se debate sobre o real rompimento de uma visão masculina em relação ao lugar do feminino na sociedade. Ao mesmo tempo que há o apontamento de uma valorização da mulher, alguns comentários podem parecer direcionar, em uma primeira análise, a uma certa aceitação da divisão tradicional dos espaços entre os gêneros. No capítulo 11 do referente livro, Christine questiona Razão do motivo pelo qual as mulheres seriam então excluídas do judiciário, “Nobre e honrada Dama [...] dissei-me, ainda, se preferi, por que as mulheres não discutem diante de tribunais, não instrui os processos, nem dão as sentenças?”<sup>111</sup> Na resposta a esta questão, reproduzido em parte abaixo, percebe-se de início certa aceitação quanto à divisão entre o espaço público em essência masculino e o espaço privado, e, portanto, mais regrado, feminino.

Mas, quanto a essa questão, bela amiga, poderíamos, da mesma forma, perguntar-nos por que Deus não ordenou que os homens façam os trabalhos das mulheres e elas façam os dos homens. Quanto a isso, deve-se responder que um mestre consciente, que pensa em tudo, sabe dividir bem as tarefas, para que cada um tenha uma atividade diferente, e, assim, aquilo que um faz, o outro não faz. Deus estabeleceu, então, que o homem e a mulher deveriam servi-lo de modo diferente, ajudando-se e confortando-se mutuamente, cada um no que lhe compete. A cada sexo, ele estabeleceu a natureza e inclinação necessárias para cumprir seus deveres, mesmo se a espécie humana, muitas vezes, abusa do que lhe foi confiado. Aos homens, Deus deu a força física e a coragem de ir, de vir, de falar sem temor; e é pela natureza dos homens ser assim, que eles

---

justamente esta dimensão de apagamento histórico. Referência: BROWN, Cynthia J. The Reconstruction of an Author in Print: Christine de Pizan in the Fifteenth and Sixteenth Centuries. In: DESMOND, Marilyn (org.). *Christine de Pizan and the Categories of Difference*. London: University of Minnesota Press, 1998.

<sup>111</sup> PIZAN, 2012, p. 90.

aprendem as leis e devem fazer para manter a justiça no mundo. E, se alguém recusar obedecer à lei estabelecida, promulgada conforme o Direito tem que ser detido pela força do corpo e potência das armas; tal execução que as mulheres não poderiam nunca fazer.<sup>112</sup>

Não obstante a resposta da Razão sinalizar para uma concordância em relação à divisão entre homens e mulheres, e, portanto, justificar a não participação das mulheres no campo da justiça, no qual seria necessária a “força do corpo e potência das armas”, nos capítulos seguintes do referido livro, a conjuntura dos exemplos propõe refutar essa inabilidade a partir do exemplo das Amazonas. Estas, conforme colocado por Christine, teriam formado um reino sem a tutela masculina,<sup>113</sup> tornando-se grandes guerreiras, sendo que o próprio corpo teria sido adaptado para este fim. Christine aponta a mutilação de um dos seios como uma técnica para que elas obtivessem destreza e sucesso no manejo das armas. Assim, as mulheres da alta nobreza queimariam o seio esquerdo para que fosse possível carregar o escudo e às outras o seio direito, pois estas deveriam atirar com o arco.<sup>114</sup> Nesse ínterim, parece haver a justificativa de que o que impediria às mulheres de participar da justiça, da guerra como os homens seria a questão do corpo, muito embora Christine ressalte constantemente ao longo da narrativa as habilidades das Amazonas, como a força e manejo com as armas, e, portanto, com a guerra e com a justiça.

As Amazonas também acabam por se tornar uma base para o próprio discurso de autoridade em Pizan, uma vez que havendo mulheres que foram guerreiras, estas também poderiam escrever e opinar sobre o assunto. Porém, antes de entrar na questão propriamente dita do corpo feminino em si, Christine sob a voz da Razão já argumenta que apesar das mulheres, como dito anteriormente por ela, não fazerem parte da justiça, não se deve compreender isso como ausência de inteligência ou de competência, pois ao longo da história haveria inúmeros exemplos de governos, direção<sup>115</sup> e criação femininas. Portanto, de certo modo, a questão da não participação feminina em seu tempo seria obra de uma organização,

---

<sup>112</sup> PIZAN, 2012, p. 91

<sup>113</sup> Ibid., p. 102.

<sup>114</sup> Ibid., p. 102/103.

<sup>115</sup> Um ponto marcante nos escritos de Christine é a característica de dados biográficos ao longo de suas narrativas. Pizan procura através de seus escritos afirmar a sua própria história e autoridade, quando neste meandro pontua para a boa administração dos negócios pelas viúvas.

hierarquização das atividades entre os sexos - as quais são contestadas em parte - mas não devida a uma incapacidade feminina em relação a adquirir tais saberes, como será colocado por Razão.

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova, justamente, o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E, a fim de que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente.<sup>116</sup>

A resposta final, seguida do discurso ao longo do que procura ressignificar a participação feminina na história, pode parecer contraditória com a concordância de uma divisão de tarefas entre os sexos. De fato, Christine parece concordar com uma natureza e inclinações divididas entre femininas e masculinas, porém, esta divisão não deve ser entendida enquanto diferença no tocante às virtudes, uma vez que, conforme indica, “[...] a própria natureza da mulher consiste em ser simples, comportada e honesta”,<sup>117</sup> e que a respeito de acusações referentes à gula afirma que “exemplos não faltam para demonstrar que as mulheres são naturalmente sóbrias, e aquelas que não o são pervertem sua natureza”.<sup>118</sup> Logo, as mulheres são tão virtuosas quanto os homens, sendo, portanto, tão capazes quanto estes, embora com “inclinações” diferentes, sendo, em última instância, apenas uma questão de ordenação, divisão de tarefas, as quais poderiam ser distribuídas de modo diferente. Isso é possível, pois o próprio argumento do corpo frágil da mulher é colocado em questão.

Prometo-te, bela amiga, que um corpo grande e forte não é garantia de uma grande virtude e grande coragem. Pois isso é um dom natural que Deus concede a algumas criaturas mais racionais do que as outras; e que reside no interior e não na força do corpo ou dos

---

<sup>116</sup> PIZAN, 2012, p. 92.

<sup>117</sup> Ibid., p. 75.

<sup>118</sup> Ibid., p. 85.

membros. Vemos, frequentemente, homens grandes e fortes, mas fracassados e vis, e outros pequenos e fracos que são ardis e vigorosos; o mesmo acontece como outras virtudes.<sup>119</sup>

Apesar de na sequência deste argumento, colocar que o corpo frágil da mulher traria vantagens, como o impedimento das mulheres em cometer “crimes terríveis”,<sup>120</sup> Christine conduz a narrativa de maneira a evidenciar as possibilidades de atuação do sexo feminino na sociedade. O ponto de partida seria “[...] rejeitar essas pedras sujas e grosseiras desse canteiro de obras, pois não terá serventia na construção da tua bela Cidade”;<sup>121</sup> isto é, de contra-argumentar logo nas fundações da cidade, os impropérios proferidos pelos homens e direcionados ao sexo feminino, o que proporcionaria uma real compreensão da natureza feminina. Além da análise sobre a questão da natureza da mulher, Christine também se debruça sobre a narrativa clássica que propõe colocar a mulher como o início e culpa do pecado e a consequente expulsão do Paraíso. O próprio Santo Agostinho, em seu livro “A Cidade de Deus”, retoma essa questão, propondo que o pecado foi de responsabilidade de Eva, visão esta muito compartilhada, apesar de Adão também ter sua parte no pecado, porém, este sendo interpretado como de outra ordem.

Assim como Aarão não deu seu consentimento ao povo para a construção do ídolo induzido por erro, mas cedeu obrigado, nem é crível haja Salomão pensado erroneamente que se devia sacrificar aos ídolos, mas foi forçado pelo coquetismo de suas concubinas a cometer semelhantes sacrilégios, assim também estamos em nosso direito, ao supormos que o primeiro homem violou a lei de Deus, não porque crera na verdade aparente que lhe dissera a mulher e seduzido por ela, uma a uma, homem a homem, cônjuge a cônjuge, mas por condescender com ela por causa do amor que os unia. Não em vão disse o apóstolo: *Adão não foi enganado; por sua vez, a mulher, sim*. Eva tomou por verdadeiras as palavras da serpente e Adão não quis romper o único enlace mesmo na comunhão do pecado. Nem por isso é menos culpado, pois pecou, com ciência e consciência. Desse modo, não diz o apóstolo: “Não pecou”, mas: *Não foi enganado*.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> Ibid., p. 97.

<sup>120</sup> PIZAN, 2012, p. 98.

<sup>121</sup> Ibid., p. 75.

<sup>122</sup> Agostinho, Santo. *A Cidade de Deus*. v. 2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017, p. 173/174. Georges Duby em seu estudo intitulado de “O cavaleiro, a mulher e o padre”, pontua justamente esta dimensão em que Eva representa a “fraqueza da natureza humana” e que o pecado de Adão se deve por aceitar o erro de Eva, por “consentir em encarar a sua mulher como sua igual [...]”. In: DUBY, Georges. *O Cavaleiro, a Mulher e o Padre*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988, p.151.

A proposta de reflexão de Christine, como já colocado anteriormente, se baseia na ressignificação da participação feminina na história. A obra de Pizan, e especificamente, a construção da ideia de corpo político e da própria política em si, é em última instância, uma releitura da sociedade e de sua organização sexual binária. No que concerne à ideia de pecado original que propõe evidenciar a mulher enquanto causa do pecado e da indução ao erro em Adão, Christine propõe interpretar de forma diversa. Sem entrar na ordem do pecado a exemplo de Santo Agostinho, colocando a mulher enquanto propensa à ignorância, por ter sido enganada, Pizan reformula o direcionamento, evidenciando o papel de Eva enquanto resultado da união entre o reino dos homens junto a Deus.<sup>123</sup> Além deste ponto, exalta o exemplo de Maria na redenção e elevação dos seres humanos, modelo este que evidenciaria a importância do feminino na história e na construção de uma sociedade virtuosa cristã.

Ora, podes ver a insanidade daquele que é tido como sábio, pois foi por intermédio da mulher que o homem pôde reinar junto a Deus. E, se alguém me disser que ele foi banido por uma mulher, por causa da dama Eva, responderei que, graças a Maria, ele ganhou grau muito mais alto do aquele que havia perdido por causa de Eva. Pois, a humanidade não teria se unido à divindade se não fosse o pecado de Eva.<sup>124</sup>

Ao exemplificar o papel feminino na história da redenção através da história de Maria, Christine procura com esta fala evidenciar o papel de destaque no tocante às virtudes femininas. Com este objetivo Christine irá utilizar em seu discurso não apenas a ressignificação da história, como demonstrado no exemplo de Eva, mas a própria reafirmação do papel feminino de Maria enquanto aquela que representou o caminho pelo qual o culto aos deuses foi abolido, permitindo, portanto, a própria instalação do Cristianismo.<sup>125</sup> A partir da exemplificação de várias personagens femininas na história, com destaque para seus talentos e ações virtuosas, Christine propõe responder o questionamento inicial, a partir da figura da alegoria, sobre o fato de Deus não a ter permitido “nascer homem”. Porém, ao analisar sua biografia,

---

<sup>123</sup> Embora Eva seja colocada como oposição direta ao modelo de Maria, Jacques Le Goff pondera que Eva, por ser uma figura simbólica da Igreja, não se refere a um ideal absolutamente negativo de mulher, pois tem grande participação na história religiosa. In: LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 119/120.

<sup>124</sup> PIZAN, 2012, p. 83.

<sup>125</sup> Ibidem.

e a afirmação de “ter-se tornado homem” em “O Livro da Mutação da Fortuna” (1403), pode-se observar certa contradição. Se o objetivo   evidenciar os valores femininos e o lugar desse feminino virtuoso na constru o da sociedade, não haveria o porquê ser preciso se tornar homem. Jacques Le Goff questiona se a eleva o de Maria realmente implicaria em possível mudança de *status* do feminino na sociedade. Conforme coloca: “Antes de ter de algum modo elevado a mulher, tenho sentimento de que a Virgem se desprende de sua natureza feminina para adquirir esse *status* divino que era difícil encontrar em um ser feminino”.<sup>126</sup> Neste ínterim, cabe questionar sobre a estratégia de Pizan em a partir do exemplo de Maria apontar a real possibilidade de eleva o do ser feminino a divindade, não seria negar sua condi o feminina, de acordo com a sua afirma o em indicar transformar-se em homem.

Mantendo em perspectiva o *status* de divindade de Maria pontuado por Le Goff, percebe-se que o exemplo de Maria poderia ser compreendido não como uma possibilidade de eleva o da mulher, mas como um discurso que propunha atestar a grande dificuldade, senão impossibilidade, da mulher ocupar o mesmo *status* no campo físico que os homens. Conforme colocá Silvia Alexim Nunes, o modelo idealizado da mulher, Maria, que se visualiza em meados do século XII, era um modelo inalcan avel, o que apenas poderia fixar ainda mais o destino do “sexo frágil”, que seria facilmente corrompido pelo entendimento católico do mal, “tornando-se nociva, vil e predadora da humanidade”.<sup>127</sup> Porém, como colocado anteriormente, Christine conhecia muito bem as vozes que procuravam inferiorizar as mulheres, adotando como estratégia ressignificar essas falas, a exemplo de Eva e mesmo Maria. Para Christine, Eva e Maria possuem participa o ativa e importante na história, não sendo apenas um “anexo”,<sup>128</sup> mas realmente direcionando a humanidade a partir de seus atos e escolhas, interferindo, portanto, no decurso dos fatos históricos e na vida cotidiana dos cristãos.

---

<sup>126</sup> LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 2013, p. 58.

<sup>127</sup> NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 2000, p. 23.

<sup>128</sup> Em referência ao capítulo 1, no que tange   inser o da participa o feminina na história.

O historiador Jeff Rider ao analisar o exemplo de Christine sob a ótica do gênero, destaca o seu empenho em adquirir mais conhecimentos,<sup>129</sup> direcionando-se a estudos sobre a escrita além da poesia, mais aceita para o sexo feminino; “ela adquiriu uma reputação respeitável como poetisa nos círculos da corte e educou-se extensivamente na literatura ‘séria’”.<sup>130</sup> Essa dedicação de Christine faz parte de seu projeto de evidenciar o valor do sexo feminino, isto é, a inserção real na sociedade e na participação dos mais variados espaços, em especial o intelectual. Por conseguinte, o processo de ressignificação acaba por se tornar, em última instância, um processo de re colocação da mulher na sociedade, e, conseqüentemente, de seu lugar em possível autoridade perante o conhecimento. Autoridade esta que se oporia ao lugar de silêncio destinado ao feminino no campo da filosofia e da política. Essa busca, esse caminho,<sup>131</sup> se constituirá como prova e reafirmação de um novo lugar do feminino enquanto sujeito político. Tal instigante percurso aparecerá ao longo de suas produções, demonstrando a busca pela palavra feminina, como se observa no início da obra “O Livro das Três Virtudes”.

Mas aquelas mesmas três damas apareceram para mim novamente, e todas as três não perderam tempo em dizer o mesmo tipo de coisa para mim: O que, minha filha estudiosa, você já guardou a ferramenta de sua inteligência e a colocou em silêncio? Deixaste a tinta secar e abandonaste a pena e o trabalho da tua mão direita, quando tanto gostavas disso? Pretende agora levar a sério a propaganda da Preguiça, que, se estiver inclinada a acreditar, cantará suavemente para você: “Já fizeste o suficiente. É hora de você descansar.” Mas você não sabe que Sêneca diz que, embora depois de muito trabalho o sábio descansa a sua mente, agora não é hora de abandonar o bom trabalho? Não é típico de você estar entre aqueles que desistem no meio do caminho. O cavaleiro que deixa o campo de batalha antes do momento da vitória fica profundamente envergonhado, pois a coroa de louros pertence àqueles que perseveram. Agora levante-se e prepare sua mão; levanta-te das cinzas da indolência!<sup>132</sup>

A partir do estímulo dado pelas três damas, que reaparecem, incentivando-a a continuar seus escritos, por conseguinte, seu projeto de sociedade, iniciado em “A

---

<sup>129</sup> Conhecimentos estes muitas vezes negados por sua condição de mulher.

<sup>130</sup> Tradução própria. In: RIDER, Jeff. *Becoming a Man: Christine de Pizan, 1390 to 1400*. In: TARNOWSKI, Andrea (org.). *Approaches to Teaching the Works of Christine de Pizan*. New York: The Modern Language Association of America, 2018, p. 39.

<sup>131</sup> Fazendo um paralelo com seu livro “O Caminho de Longo Estudo” (1402-1403).

<sup>132</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2003, p. 3.

Cidades das Damas”, é que se permitirá construir um novo *status* para o feminino a partir de seus escritos. Deste modo, sob a égide do conhecimento, Christine irá diversificar seus escritos adentrando em novos gêneros literários, uma vez que não seria típico dela “desistir no meio do caminho”.<sup>133</sup> O caminho é longo, mas Pizan se propõe a percorrê-lo. Retornando, portanto, à problematização referente ao relato de Christine quanto a “ter-se tornado homem”, na realidade isso poderia refletir justamente a conquista do espaço do político por Pizan através de seus escritos, que passam a contemplar gêneros e temas comuns aos intelectuais homens, conforme se discutirá mais adiante na obra “O Livro do Corpo Político”. É justamente sob este ângulo que o historiador Jeff Rider procura compreender a frase de Christine; não enquanto uma negação do *status* feminino, de sua potencialidade e virtude, mas, sim, como uma demonstração de suas conquistas em um território tido como essencialmente masculino.

Como sugerem os trechos no início deste ensaio, ser homem ou mulher já era reconhecido no período patrístico e na Idade Média como um papel de gênero que não era determinado pelo sexo biológico. Há muito tempo era reconhecido e aceito que uma mulher poderia se tornar um homem se ela se dedicasse a atividades masculinas como filosofia, política e literatura. Isso é, creio eu, o que Christine quis dizer sobretudo quando disse que havia se tornado um homem nos anos anteriores.<sup>134</sup>

Portanto, Christine se apropria do universo literário, procurando através deste campo empreender sua luta. Luta esta, que se direciona especialmente ao campo da autoridade da palavra e, no caso, da palavra escrita. Conforme afirma em “A Cidade das Damas”, “[...] Deus deu a palavra às mulheres. E louvado seja ele por isso! Pois, se ele não o tivesse feito, elas seriam mudas!”<sup>135</sup> Logo, seria da natureza feminina falar e, portanto, opinar sobre os mais variados assuntos, podendo se equiparar neste ponto aos homens, “[...] se Deus consentiu a palavra às mulheres, foi na verdade para que elas se sirvam. E, não se deve criticar, nelas, aquilo em que residem tantos benefícios e tão poucos males”.<sup>136</sup> Ao buscar autoridade para si,

---

<sup>133</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> Tradução própria. In: RIDER, 2018, p. 37.

<sup>135</sup> PIZAN, 2012, p. 88.

<sup>136</sup> PIZAN, 2012, p. 90.

acaba por dar sustentação à autoridade do sexo feminino, exemplificando esse poder a partir da perspectiva bíblica, citando o caso da Ressurreição.

[...] se palavra de mulher fosse tão condenável e com tão pouca autoridade como dizem alguns, Nosso Senhor Jesus Cristo não teria nunca consentido que uma mulher fosse a primeira a anunciar o mistério tão glorioso de sua Ressurreição. Pois, ele mesmo mandou a bem-aventurada Madalena, a quem ele apareceu no primeiro dia de Páscoa, levar a notícia aos Apóstolos e a Pedro. Bendito e louvado sejas, Ó Deus, por, além dos infinitos dons e graças que fizestes e concedestes ao sexo feminino, terdes querido que uma mulher fosse a portadora de tão grande e digna notícia!<sup>137</sup>

Por conseguinte, Christine procura trazer uma nova interpretação corporal à mulher ao evidenciar sua presença e importância na História do próprio Cristianismo. Tal presença é o que possibilita a autoridade de sua escrita, destacando neste ponto que “a excelência ou a inferioridade das pessoas não reside no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes. E bem-aventurado aquele que serve à Virgem, ela que está acima de todos os anjos”.<sup>138</sup> Logo, as mulheres são virtuosas e podem dar testemunho de suas virtudes pela sua própria palavra. Pelo uso da palavra é que Christine, a mulher, “torna-se” homem, como finalizará Jeff Rider em sua reflexão.

Talvez ela, em algum momento de sua vida ter reclamado ironicamente que não havia nascido homem (*Città delle dame* 44,46; 1.1) ou até mesmo sentido que ela de fato havia nascido um (*Livre de la mutacion*, linhas 171-72), mas como mostra a trajetória de sua carreira, para parafrasear uma autora mais recente, não se nasce homem, torna-se um.<sup>139</sup>

Deste modo, “tornando-se homem” Christine buscará reformular a interpretação dos espaços, revendo os lugares destinados ao feminino. E esse espaço compreendido de forma ampla, será o espaço político.

---

<sup>137</sup> PIZAN, 2012, p. 88.

<sup>138</sup> PIZAN, 2012, p. 82.

<sup>139</sup> Tradução própria. In: RIDER, 2018, p. 39.

## 2.1 As dimensões do discurso corporal

Quando chegar o momento em que o filho do príncipe crescer, atingir a idade para governar e entrar em sua herança por sucessão, seja um reino ou outro senhorio, assim como o fruto aparece depois que a árvore floresce, assim também nele deveria aparecer a perfeição da virtude, seguindo o exemplo do sábio rei da França, Carlos V. Porque desde o momento da sua coroação, mesmo estando na flor da sua juventude, ninguém poderia encontrar nada de desonesto nele, pois ele ocupou seu tempo em coisas adequadas e virtuosas. Falei claramente dele em outro lugar em meu livro sobre suas ações e boas maneiras.<sup>140</sup>

Conquistado o direito à palavra, Christine se dedica a escritos de caráter eminentemente político, a exemplo de “O Livro do Corpo Político”. Escrito entre 1404 e 1407, a obra em questão reflete o pensamento de Christine sobre a organização da sociedade, destacando as qualidades de um bom governante.<sup>141</sup> A sua referência confessa é Plutarco, “o qual em uma carta que ele enviou ao Imperador Trajano comparou a política com um corpo tendo vida”.<sup>142</sup> Assim, a partir desta imagem de um organismo vivo, é que Christine irá propor pensar os lugares e as consequências nos atos de cada componente, visando o bom funcionamento deste corpo.

Conforme já exposto, o livro é dividido em três partes, transparecendo-se o ideal de Christine quanto à divisão da sociedade de seu tempo, sendo a primeira parte dedicada aos príncipes, a segunda aos cavaleiros e nobres e a última às “pessoas comuns”.<sup>143</sup> Apesar desta separação clássica, observa-se certa diferença

<sup>140</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 11.

<sup>141</sup> Como colocado em nota por Kate Langdon Forhan, o termo príncipe possui sentido mais amplo que o do próprio título, abrangendo o significado de governante. In: PIZAN, 2007, p. XXXVIII.

<sup>142</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 4. Apesar dos estudiosos apontarem como referência o trabalho de João de Salisbury, “Policratus” como parâmetro para esta obra de Christine em questão. Sobre esta menção ao Imperador Trajano, Georges Duby aponta esta mesma referência em Salisbury, pontuando sobre a possibilidade de tal escrito não existir, mas servir de artifício para proporcionar certa “ambiência arcaizante”, servindo de autoridade e base à teoria. In: DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982, p. 289.

<sup>143</sup> O livro de Christine de Pizan em questão, é dividido em três partes, que refletem a organização ideal para Pizan, cuja nomeação dos capítulos, se encontra a seguir:

Primeira Parte: Príncipes – Esta é a parte mais extensa da obra, o que também demonstra a necessária formação deste governante.

Cap. 1: O primeiro capítulo dá a descrição do Corpo Político; Cap. 2: Descrição do quão virtuosa a felicidade é simbolizada; Cap. 3: Conta-se como se deve educar a criança do príncipe; Cap. 4: Sobre o tipo de pessoa que deve ser confiada para governar as crianças do príncipe; Cap. 5: As exortações

entre a tradicional divisão entre os *oratores*, *bellatores* e *laboratores*. Entretanto, isto não significa, conforme será analisado, que Christine não considere o papel da religião em si enquanto base para este corpo ideal, mantendo em perspectiva que

---

que se devem fazer para as crianças dos príncipes; Cap. 6: Aqui se conta o que o jovem príncipe deve fazer quando começa a governar; Cap. 7: O sábio aviso que é adequado ao príncipe jovem; Cap. 8: A observância através de Deus e através da lei que o príncipe deve praticar; Cap. 9: Como um bom príncipe deve se assemelhar a um bom pastor; Cap. 10: Sobre o mesmo assunto; Cap. 11: O amor que o príncipe deve ter quanto aos seus assuntos; Cap. 12: Exemplos de obras antigas das ideias acima; Cap. 13: A razão pelo qual Valerius é tão regularmente citado neste livro; Cap. 14: Sobre a liberalidade em príncipes e exemplos dos Romanos; Cap. 15: Sobre a piedade humana no príncipe; Cap. 16: Sobre a clemência e a boa natureza que o príncipe precisa ter; Cap. 17: Novamente sobre a boa natureza e como a fortuna pode mudar; Cap. 18: Como o bom príncipe não deve se orgulhar de nenhuma fortuna; Cap. 19: Como o bom príncipe deve amar a justiça; Cap. 20: O que os conselheiros do príncipe devem fazer; Cap. 21: Como um bom príncipe, apesar de ter boa natureza e bondade, deve ser temido; Cap. 22: Como o bom príncipe deve usar o bom conselho do sábio; Cap. 23: Como o bom príncipe deve observar as ações de seus oficiais; Cap. 24: O melhor vem quando o príncipe segue o aviso do sábio; Cap. 25: Como os antigos se governavam através da filosofia; Cap. 26: Como é conveniente para o príncipe ser prudente e sábio na eloquência; Cap. 27: Como é conveniente para o príncipe ter um bom comportamento; Cap. 28: Como o bom príncipe deve ser diligente e se ocupar das necessidades de seu país; Cap. 29: Como o bom príncipe deve amar e honrar os senhores e seus cavaleiros; Cap. 30: Como o bom príncipe deve evitar a luxúria; Cap. 31: Como o bom príncipe deve governar a si mesmo; Cap. 32: Como é apropriado para o bom príncipe ter sua recreação em qualquer diversão honesta depois de grande trabalho; Cap. 33: Como o bom príncipe que sabe que faz seu dever em toda virtude deve razoavelmente desejar paz/louvor e glória

Segunda Parte: Sobre Cavaleiros e Nobres – Neste ponto da obra, a autora retoma o papel das virtudes, anteriormente trabalhado.

Cap. 1: O primeiro capítulo descreve como estes nobres são as armas e as mãos do corpo político; Cap. 2: Como os antigos nobres educavam suas crianças; Cap. 3: Exemplos dos ensinamentos que os antigos davam para suas crianças; Cap. 4: Como os antigos nobres cavaleiros promoveram os jovens que tinham ensinado; Cap. 5: Como existem seis boas condições que são necessárias para os nobres e cavaleiros, e a primeira das seis; Cap. 6: Mais sobre a primeira boa condição; Cap. 7: Sobre a segunda condição; Cap. 8: Mais sobre o mesmo assunto e exemplos Romanos; Cap. 9: Sobre a terceira boa condição que cavaleiros e capitães devem ter; Cap. 10: Sobre o mesmo assunto, com exemplos; Cap. 11: Sobre o mesmo assunto com mais exemplos; Cap. 12: Exemplos de valorosos cavaleiros; Cap. 13: Sobre a quarta boa condição que valorosos homens militares devem ter; Cap. 14: Sobre a quinta boa condição que um nobre soldado deve ter; Cap. 15: Sobre o mesmo assunto e como nos velhos tempos foi honrado o cavaleiro de acordo com seus méritos; Cap. 16: De que forma a luxúria e o prazer são frequentemente a causa de tumultuar de longe o alcance da honra e do valor; Cap. 17: Como os antigos recompensam os bons atos dos bons de acordo com seus méritos, e sua honra que lhe foram dadas; Cap. 18: Que fala da sexta condição que nobres soldados devem ter; Cap. 19: Da sabedoria que o cavaleiro deve usar nas armas; Cap. 20: Mais exemplos da sabedoria da artimanha em armas; Cap. 21: Sobre o mesmo assunto.

Terceira Parte: Sobre as Pessoas Comuns – Na última parte é exaltado o quanto a participação de cada membro é essencial para o funcionamento adequado de todo o organismo político.

Cap. 1: O primeiro capítulo discute como os estados devem se unir e caminhar juntos; Cap. 2: Sobre as diferenças entre as várias pessoas; Cap. 3: A obediência para com o príncipe que as pessoas devem ter; Cap. 4: Aqui nós começamos a discutir o terceiro estado das pessoas, e primeiro, clérigos estudando os ramos do conhecimento; Cap. 5: Mais sobre o mesmo assunto; Cap. 6: Sobre o segundo estado das pessoas, que são os burgueses e os mercadores; Cap. 7: Como o sábio burguês deve aconselhar as pessoas simples sobre o que elas devem fazer; Cap. 8: Sobre os mercadores; Cap. 9: A terceira classe de pessoas; Cap. 10: Sobre os simples trabalhadores; Cap. 11: Christine conclui seu livro.

(Tradução própria. In: PIZAN, 2007).

ela se insere em uma sociedade cristã e não chega a romper com tal estrutura.<sup>144</sup> Pode-se perceber tal intento a partir de um de seus primeiros conselhos no que tange à infância do príncipe:

Porque somos expressamente comandados a amar a Deus, a primeira coisa é apresentar esse amor ao filho do príncipe desde muito cedo e ensinar-lhe pequenas orações simples, adequadas à compreensão da criança. Pois as coisas ensinadas na infância são perdidas com dificuldade. Essas coisas são agradáveis a Deus; o salmista diz “O Senhor tem louvor perfeito na boca das crianças e dos bebês”, isto é, Ele aprova isso. À medida que envelhece, deve aprender suas letras e a seguir o serviço religioso. Louvado seja Deus, por ensinar seus filhos a ouvir a missa e a rezar suas horas, o que tem sido o costume louvável dos príncipes da França mais do que em outros lugares.<sup>145</sup>

E esta divisão tripartida e religiosa, se aplica nos três princípios do bom governante, que irá desenvolver ao longo da obra em referência: amar, temer e servir a Deus em primeiro lugar, amar o bem e o benefício de seu reino, de suas pessoas em segundo e, por último e terceiro, amar a justiça visando sobretudo a equidade. Em síntese, seguindo tais conselhos o príncipe seria coroado com glória “no céu e na Terra”.<sup>146</sup> Assim, percebe-se desde o começo que o corpo político de Pizan compreende de duas esferas, isto é, de dois governos, carnal e espiritual, os quais encontram-se relacionados e não necessariamente sobrepostos.<sup>147</sup> Essa dimensão poderá ser observada na própria construção da ideia e imagem de corpo político, uma vez que parte-se da concepção de corpo, enquanto matéria, para visar um bom lugar no campo do divino, do espiritual, conforme será analisado. Em seu estudo sobre os reis taumaturgos, o historiador Marc Bloch, a respeito das implicações do imaginário medieval em relação à divindade, ao poder de cura dos reis, no âmbito da discussão da compreensão e projeção do sagrado, pontua justamente essa dimensão de realidade entre o material e o espiritual.

---

<sup>144</sup> É importante notar que Christine, apesar de um direcionamento às críticas sociais, destacadamente no tocante às mulheres, não chega a romper de fato com as ideias já bem sedimentadas do lugar de cada indivíduo e de suas possibilidades dentro desta estrutura.

<sup>145</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 5/6.

<sup>146</sup> PIZAN, 2007, p. 11.

<sup>147</sup> Sobre este aspecto, vale mencionar a famosa obra de Ernst Kantorowicz “Os dois corpos do rei”. In: KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Os homens da Idade Média, ou pelo menos a imensa maioria deles, tinham das coisas da religião uma imagem muito material e, se pode dizer, extremamente terra a terra. Como poderia ser de outra forma? A seus olhos, não havia um abismo intransponível entre o mundo em que viviam e o mundo maravilhoso para o qual os ritos cristãos abriam a porta; os dois universos penetravam-se mutuamente; se um gesto agia no além, como imaginar que sua ação não se estendia também a este mundo? Certamente, a ideia de intervenções dessa ordem não chocava ninguém, pois ninguém tinha noção exata das leis naturais.<sup>148</sup>

A própria noção de corpo político em “Policratus”, de João de Salisbury, da qual Christine herda, é fruto desta percepção entre a experiência primeira, corporal, pois material e a esfera espiritual. Para descrever a sociedade e o campo do político, foram muito utilizadas as metáforas da cidade e do corpo humano. São imagens que remetem, em última instância, à concepção medieval descrita acima por Marc Bloch, quanto à crença de uma real influência do mundo espiritual, uma vez que tais imagens partem da imagem física para a imagem do além. Sob este ponto, os estudos de Jérôme Baschet sobre a relação entre a concepção de corpos e almas e o entendimento de pessoa no período medieval,<sup>149</sup> destaca que essas relações entre o corpo e alma não devem ser compreendidas enquanto oposição, mas sim enquanto dinâmicas e articuladas, isto é, devem ser analisadas sob uma perspectiva dual e não dualista.<sup>150</sup> Deste modo, apesar da tensão, muitas vezes colocada entre corpo e alma, Baschet pontua que não se deve ignorar que estas duas categorias contemplam em conjunto o ser humano uma vez que “não faz muito sentido tratar em separado do corpo e da alma, pois é sua relação que define a constituição do humano”,<sup>151</sup> portanto, da mesma forma não caberia separar e deixar a análise do corpo enquanto campo ligado à medicina e da alma à teologia.<sup>152</sup>

É justamente a experiência desta imbricação entre corpo e alma, e o envolvimento do plano físico com o espiritual que se deve examinar a proposta do corpo político. Ainda, segundo Baschet, é importante que se leve em conta as

---

<sup>148</sup> BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 93.

<sup>149</sup> BASCHET, Jérôme. *Corpos e almas: uma história da pessoa na Idade Média*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2019.

<sup>150</sup> *Ibidem*, p.10.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 9.

categorias do físico e do espiritual enquanto categorias mais amplas que visam ordenar as concepções medievais de vida ante estas duas ambiências.<sup>153</sup> Neste contexto, a Igreja consegue sua legitimidade, promovendo uma “espiritualização do físico”,<sup>154</sup> a qual pode ser observada, por exemplo, na própria utilização da imagem do corpo em referência à Igreja, sendo que; “o corpo místico da Igreja é um corpo de natureza particular, tal como o é o corpo sacramental do Cristo, frequentemente qualificado de ‘corpo espiritual’, às vezes de ‘carne espiritual’”.<sup>155</sup> Esta dimensão de um corpo conectado à alma e, do campo físico, por sua vez, conectado ao plano espiritual, promovendo tensões, mas também trocas, pode ser observado na referida obra de Salisbury, ao dissertar a respeito do bem-estar universal e público, destacando neste íterim a sua concepção do sujeito e, por conseguinte, de sociedade.

O bem-estar público é, portanto, aquele que promove uma vida segura tanto de forma universal como em cada pessoa em particular. Não há nada que valha a pena na vida humana que não seja vantajoso para uma vida segura. Os antigos filósofos definiram os seres humanos como constituídos por uma alma racional e uma carne corruptível. No entanto, a carne tira a vida da alma, visto que o corpo não pode estar vivo de outra forma, aquilo que é sempre inerte permanecerá inativo a menos que seja movido com a ajuda de alguma natureza espiritualizada. [...] Assim, como a vida do corpo é animada - movendo-se por meio da alma, aquiescendo em seus movimentos à disposição da própria alma, e harmonizando-se com a alma em obediência à necessidade - assim a alma vive de acordo com seu próprio modo de animação, visto que é certamente movida por Deus, ela rende a Ele devoção humilde e aquiesce em todas as coisas. Se a alma está prejudicada, sua própria vida é prejudicada. Da mesma forma, o corpo, quando suas partes não se movem em relação à alma, esbarra na inatividade final da morte. Portanto, enquanto está inteiramente vivo, está disposto de acordo com um todo que não está dividido entre várias partes, mas que é um todo genuíno por operar simultaneamente em todas as partes e em cada uma.<sup>156</sup>

A partir desta perspectiva, nota-se não apenas a concepção de interligação entre os campos material e espiritual, mas principalmente que a obra de Salisbury

---

<sup>153</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>154</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>155</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>156</sup> Tradução própria. In: SALISBURY, John of. *Policraticus: of the Frivolities of Courtiers and the Footprints of Philosophers*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 14.

não propõe desvincular o poder da Igreja na elaboração deste corpo político, não havendo uma relação de oposição entre os poderes espiritual e temporal. Apesar de Cristo ter deixado de ser a cabeça, uma vez que o poder e o controle se encontram nas mãos dos príncipes,<sup>157</sup> sendo os conselhos de bom governo a ele destinados, é importante destacar que este deve governar considerando, conforme indicado, o movimento do seu próprio corpo, o qual deve estar em consonância com a sua alma, objetivando operar “em todas as partes e em cada”. Isto é, não apenas observar este movimento do corpo e alma em relação a si, a seu autogoverno, mas ao próprio governo do corpo político, o qual não perde a dimensão do espiritual e, portanto, a sua dependência da Igreja, como Duby irá assinalar.

Temporal, espiritual – corpo, alma e, evidentemente, a alma dominando o corpo, inspirando-o. Em 1151, o *Policratus* é, na verdade, construído sobre esta divisão hierárquica. E quando João de Salisbury se serve da imagem corporal para melhor mostrar a organização do Estado laico, não o fez para manifestar que este é autônomo. Pelo contrário, a metáfora rebaixa este poder para o carnal e proclama, deste modo, a sua dependência. “*A res publica é um corpo*”, escreve ele; mas o sacerdote é a alma deste corpo.<sup>158</sup>

Porém, conforme mencionado anteriormente, Christine não dedica um lugar exclusivo em sua narrativa aos religiosos em sentido de governança. Estes não escapam à duras críticas. Neste intento, no sétimo capítulo,<sup>159</sup> Christine destaca a mortalidade do próprio rei, pontuando que “[...] ele é tão mortal quanto qualquer um”.<sup>160</sup> e, desta forma, sujeito às adversidades, o rei é também carne. Por isso, deve compreender “[...] sua fragilidade como um humano mortal, sujeito a uma vida breve, apaixonado por assuntos morais e transitórios e tão frágil como qualquer outra pessoa, sem diferença exceto pelos dons da fortuna”.<sup>161</sup> Por conseguinte, no mesmo capítulo, ao destacar a ideia de brevidade da vida e de um destino comum a todas as pessoas, Pizan procura evidenciar o âmbito terreno das ações e trazer um

---

<sup>157</sup> DUBY, 1982, p. 289.

<sup>158</sup> DUBY, 1982, p. 290. Em relação a esta dimensão espiritual ante o contexto do medievo, Jacques Le Goff acentua que “o bom governo é também aquele que faz reinar a religião, isto é, que permite à Igreja exercer seu apostolado”. In: LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998, p. 102.

<sup>159</sup> In: PIZAN, 2007, p. 11.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>161</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 11.

entendimento que todos, inclusive, o rei e até os religiosos estão sujeitos à mesma lei, sendo que a Igreja especialmente “[...] longe de ser privilegiada, tinha deveres e responsabilidades podendo ser repreendida se essas obrigações fossem negligenciadas”.<sup>162</sup>

Entrementes, indica a necessidade do bom príncipe de repreender as atitudes condenáveis dos religiosos, o vício e o pecado manifesto,<sup>163</sup> mesmo não tratando-se de sua direta responsabilidade, pois este será cobrado, a exemplo da pergunta lembrada por Pizan de Cristo no Evangelho, “Você faria do templo de meu Pai, que é uma casa de oração, um covil de ladrões e um lugar de coisas mundanas?”<sup>164</sup> Portanto, percebe-se que Christine possui uma proposta diferente quanto ao lugar de privilégio da instituição da Igreja, ao lembrar a importância da vida religiosa, mas não deixando de observar o quanto este espaço poderia ser palco de muitos vícios.

Este príncipe, como vigário de Deus na Terra, cuidará de todo o coração pelo bem-estar da igreja, para que seu Criador seja servido de acordo com as exigências de sua razão. E se houver alguma discórdia por instigação do inimigo, ele trará paz seja qual for a dificuldade. Deve examinar cuidadosamente as promoções dos ministros, para que não conceda um pedido de prebenda, por mais afeto que tenha pelo indivíduo que o solicita, a menos que saiba que é um clérigo bom e prudente e apto para servir a Deus e seu serviço. E, então, o príncipe deve examinar cuidadosamente se ele deve dar o cargo ou não, ou, então, será um fardo pesado em sua consciência e a causa da condenação daqueles que ele promove, quando dado àqueles que não o merecem, ao contrário do que como é descrito por decreto. Mas, no momento, essa regra não é seguida, o que é uma pena, porque Deus sabe se valor suficiente e uma vida justa são agora a razão pela qual os clérigos são promovidos. Certamente não; antes, as promoções são dadas por causa de lisonja, adulação e outras maldades, a pedido dos senhores. Por causa disso, o navio é fustigado pelo vento e arruinado, pois a ganância é o motivo de sua promoção. E mesmo aqueles que cometem erros detestáveis e cegos são promovidos, o que continua até hoje na igreja.<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> Tradução própria. In: FORHAN, Kate Langdon. *The Political Theory of Christine de Pizan*. New York: Routledge, 2002, p. 49.

<sup>163</sup> PIZAN, 2007, p. 14.

<sup>164</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 14. O contexto deste questionamento em Christine se refere também ao espaço da igreja, o qual segundo relata era utilizado para encontros e fechamento de acordos “mundanos”.

<sup>165</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 12/13.

Destarte, Christine se propõe em sua “ousadia” à escrita revelar as mazelas sociais, inclusive da igreja, projetando o papel de cada um nessa estrutura de sociedade como um verdadeiro corpo. Como irá assinalar Bernard Guenée, o gênero literário de “espelho dos príncipes” promoveu um papel fundamental na vida política, revelando o modelo ideal de governança, a partir dos conselhos e imagens aspiradas por seus autores, constituindo também de verdadeira “propaganda” dos atributos reais, como os próprios qualificativos indicam, como “Belo, Bom, Sábio ou Ousado”.<sup>166</sup> Entretanto, na construção e conseqüente exaltação destes modelos de bom governo, é possível destacar não necessariamente a realidade da encarnação das virtudes preconizadas, mas a presença de seu oposto. Contudo, os problemas da sociedade também são apresentados de forma explícita por Pizan, conforme o exemplo abaixo, na justificação da importância de seus conselhos e na presença de bajuladores ao redor do príncipe.

[...] é uma grande pena quando a verdade é silenciada e silenciada por medo ou favoritismo. Sobre esse assunto, Sêneca fala em seu sexto livro do capítulo vinte e um *Sobre os benefícios*. “Vou mostrar-lhe”, diz ele, “o que mais precisam os que são promovidos, embora se pense que têm tudo; ou seja, que alguém lhes contasse a verdade”. Essa frase é verdadeira porque os servos em torno dos príncipes não buscam o bem deles, mas o benefício individual, e muitos deles tendem a bajular e dizer o que agrada a seu senhor e, portanto, por suas lisonjas, os cega.<sup>167</sup>

A exemplo de “O Livro dos Feitos e Bons Costumes do Sábio Rei Carlos V” (1404), o qual exalta as virtudes de Carlos V, “O Livro do Corpo Político” é também um “espelho dos príncipes”, sendo que esse tipo de gênero literário e o próprio direcionamento deste, ou seja, o direcionamento ao mundo masculino, constitui em si um exemplo de reestrutura das possibilidades femininas na política. Em suas obras anteriores, destacadamente “A Cidade das Damas” e “O Livro das Três Virtudes”, percebe-se o intento de tornar visível um novo espaço feminino, apesar de não ser possível “[...] querer perguntar sobre as causas e as razões de tudo,”<sup>168</sup> no que concerne à busca de explicações da não participação feminina na política, de

<sup>166</sup> GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981, p. 115.

<sup>167</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 18.

<sup>168</sup> PIZAN, 2012, p. 91.

certo modo essa ausência é denunciada pela própria encarnação das três damas, as quais representam as virtudes mais necessárias ao exercício de governança, Razão, Retidão e Justiça. Segundo Tsae Lan Lee Dow, é possível compreender que seus escritos em conjunto se refiram a um único grande projeto político na construção de um corpo político também feminino.<sup>169</sup>

Neste ponto, é importante recordar Santo Agostinho em que há o ideal, como discutido anteriormente, de compreender a mulher enquanto um ser que deva ser governado pelo homem.<sup>170</sup> Porém, na obra “A Cidade de Deus”, no livro XXII, capítulo XVII “Ressuscitarão as mulheres em seu próprio sexo?”, Agostinho coloca que na cidade divina haverá a existência dos corpos femininos e masculinos, uma vez que, o pecado se encontra no corpo em si e, neste íterim, na mulher “o sexo não é vício, mas natureza”. E esta natureza, não deve ser entendida como o vínculo da natureza carnal entre homem e mulher, pois na cidade celeste os objetivos serão “a glória, a sabedoria e a clemência a Deus”, conforme relata Santo Agostinho, no trecho selecionado abaixo.

Baseados nestes dois testemunhos: Até chegarmos todos ao estado de homem perfeito, à medida da idade perfeita de Cristo e: Conformes à imagem do Filho de Deus, alguns concluíram que as mulheres não ressuscitarão em seu sexo, mas no do homem. Do barro, Deus fez somente o homem; quanto à mulher, formou-a do homem. Tenho para mim que a verdade está do lado daqueles que creem que ressuscitarão ambos os sexos. Na ressurreição já não haverá libido, causa da confusão. Com efeito, antes de pecarem, o homem e a mulher estavam desnudos e não se envergonhavam um do outro. Então, os vícios ficarão suprimidos dos corpos, cuja natureza, no entanto, subsistirá. Pois bem, na mulher o sexo feminino não é vício, mas natureza. Além disso, então não haverá nem comércio carnal nem parto. Os membros da mulher não serão aptos para o uso antigo, e sim para a nova beleza, que não excitará a concupiscência de quem a contemple, mas glorificará a Sabedoria e a clemência de Deus, que fez o que não existia e livrou da corrupção o que fez. No princípio do gênero humano, convinha que a mulher fosse formada de costela do homem adormecido, pois isso era símbolo profético de Cristo e da Igreja. O sono de Adão significava a morte de Cristo, cujo lado a lança atravessou na cruz, após haver expirado, e dele manou sangue e água, figura dos sacramentos, com que se edifica a Igreja. A Escritura usou essa palavra. Não diz: “Formou” ou “fingiu”, mas: Edificou-a em mulher. Por isso, à Igreja o apóstolo chama edifício do corpo de Cristo. A mulher é, por conseguinte, criatura de Deus como o homem, mas

---

<sup>169</sup> DOW, 2005, p. 228.

<sup>170</sup> AGOSTINHO, 2017, p. 211.

feita do homem para encarecer a unidade e feita desse modo para figurar, como fica dito, Cristo e a Igreja. Quem criou os dois sexos restabelecerá os dois.<sup>171</sup>

Sob esta concepção, a mulher, enquanto corpo ressuscitado, glorificado, ganha presença e, portanto, espaço entre os virtuosos da cidade celeste, uma vez que o homem e a mulher teriam como referência criadora a imagem de Deus.<sup>172</sup> Assim sendo, a mulher possui também como destino a ida à “Cidade de Deus”. O historiador Jean-Claude Schmitt, a respeito do cristianismo medieval, ressalta a contradição entre a almejada negação corporal no intento de seguir Deus, e, de outro, um movimento contrário trazendo “[...] a necessidade de imaginar o invisível, portanto, de o situar no espaço e no tempo, de conceber lugares, formas, volumes e corpos, ali mesmo onde deveriam ser excluídos.”<sup>173</sup> Assim, o corpo enquanto experiência primeira do sujeito, no medievo encontra-o também como imagem para justificar lugares terrenos e celestiais. Destarte, relembro a discussão da concepção dual dos corpos no contexto medieval, Baschet, pontua justamente esta perspectiva da ressurreição do corpo glorioso, porém, com suas funções ressignificadas, para que assim fosse possível ter lugar de virtude no além.

Existem, entretanto, limites evidentes à sensualidade paradisíaca, e a reabilitação do corpo supõe duas exclusões: o corpo glorioso é um corpo sexuado, mas não sexual nem alimentar. Ele ressuscita com todos os seus órgãos, compreendendo-se, aí, aqueles que Deus criou com vistas à reprodução e que participam, portanto, de sua perfeição; mas, num mundo fadado à eternidade, eles perdem toda utilidade. São, portanto, descartadas as funções reprodutiva e alimentar, que devolvem o ser humano à efemeridade de sua condição mortal, e que os clérigos julgam ser incompatíveis com o controle que o princípio espiritual deveria exercer sobre o corpo glorioso. A cozinha e o sexo têm lugar apenas no inferno.<sup>174</sup>

A ressignificação do corpo ressuscitado, realoca a mulher de certo modo na ótica agostiniana. Como irá destacar Jacques Le Goff, a criação de Eva passou por distintas interpretações. Conforme indica, algumas destas narrativas, compreendiam

---

<sup>171</sup> AGOSTINHO, 2017, p. 660-661.

<sup>172</sup> BASCHET, 2019, p. 97.

<sup>173</sup> SCHMITT, Jean- Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. P. 219.

<sup>174</sup> BASCHET, 2019, p. 53.

que Deus a criou sem dar-lhe nome, sendo assim uma criação incompleta, até Adão colocar-lhe um nome, e, no momento de adquirir a vida Deus teria justificado sua criação apenas “para não deixar Adão sozinho”, o que seria então uma “espécie de sujeição funcional” de Eva em relação a Adão.<sup>175</sup> Porém, na concepção tomista, levando-se em consideração a forma da criação de Eva a partir da costela de Adão, mantendo em perspectiva a posição da costela enquanto presente ao meio do corpo, pode significar não uma relação de subordinação da mulher, mas de certa igualdade, como pontuará Le Goff.

Uma das reflexões mais interessantes, no meu modo de sentir, é a de Tomás de Aquino, no século XIII. Foi mais ou menos o seguinte que ele disse: Deus criou Eva a partir de uma costela de Adão, não a criou a partir da cabeça, nem do pé; se a tivesse criado a partir da cabeça, isso significaria que via nela uma criatura superior a Adão; inversamente, se a tivesse criado a partir do pé, ela seria inferior. A costela é no meio do corpo e esse gesto estabelece a igualdade entre Adão e Eva segundo a vontade de Deus.<sup>176</sup>

Entrementes, Christine participa deste processo de ressignificação do corpo feminino, e, pois, do corpo político feminino. A mulher não sendo inferior e com direito a seu sexo, e a sua palavra, uma vez que as mulheres não saberiam silenciar a “abundância de seus espíritos”,<sup>177</sup> podem incorporar a sociedade de outra maneira. Diferentemente da compreensão aristotélica que observava a política enquanto atributo e criação dos homens, Christine irá exaltar que Ceres, rainha da Antiguidade, seria a responsável por trazer a civilização, e, portanto, a política às comunidades.

Ceres, foi uma rainha da Sicília, na Antiguidade, e, pela engenhosa sabedoria, foi quem primeiramente inventou a ciência e as técnicas da agricultura e os utensílios relacionados a ela. Ensinou aos seus súditos como domar e domesticar os bois, habituando-os ao jugo que os mantém emparelhados. Inventou também o arado, mostrando a maneira de abrir fendas e sulcar a terra com arado, assim como os outros trabalhos da lavoura. Em seguida, ensinou-lhes a semear a terra, revolvê-la, e depois das sementes germinadas e crescidas, mostrou-lhes como ceifar o trigo, separando, com a foice, o grão da espiga. Depois disso, ensinou-lhes a moer o grão entre duas pedras duras e a construir os moinhos. Preparada a farinha, ensinou a fazer o pão. Em suma, essa mulher ensinou aos homens, que tinham o

<sup>175</sup> LE GOFF, 2013, p. 121/122.

<sup>176</sup> LE GOFF, 2013, p. 122.

<sup>177</sup> PIZAN, 2007, p. 3.

hábito de viver como animais, comendo glande, grãos e frutos selvagens, maçãs, a usarem alimentos mais dignos. Foi ainda essa dama que levou as pessoas de então, acostumadas a viverem aqui e ali, pelos bosques e lugares selvagens, vagando como animais, a se aglomerarem em comunidades, e construir cidades e casas, onde pudessem viver juntos. Então, graças a essa dama, a época selvagem foi transformada em uma era mais humana e razoável.<sup>178</sup>

Em diálogo com Roberta Findanzia, percebe-se justamente o intento de reelaboração da história e da política em si, ao demonstrar que sem os conhecimentos de Ceres “[...] os homens entendidos como gênero e não como humanidade, não teriam sido capazes de fundar a cidade. Portanto, a fundação da cidade – e da política – é fruto da ação feminina”.<sup>179</sup> Neste sentido, a proposta de construção de uma “cidade das damas” pode também ser compreendido enquanto uma afirmação não apenas da participação feminina em sua arquitetura, mas naquilo que proporciona o seu real funcionamento: a política.

---

<sup>178</sup> PIZAN, 2012, p.140/141.

<sup>179</sup> Tradução própria. In: FINDANZIA, 2012, p. 43/44.

## 2.2 A boa política e a conquista da felicidade

E assim, Aníbal, que em sua época foi um dos príncipes mais cavalheirescos e mais afortunados do mundo, segundo as histórias, morreu miseravelmente. Sobre o nosso assunto, Sólon, que foi um dos sete sábios, disse que, ao contrário daqueles que pensam que podem encontrar alegria e felicidade neste mundo por meio de riquezas, honras e prazeres, nunca se deve acreditar que uma pessoa que vive neste mundo é feliz, porque, até o nosso último dia, estamos sujeitos à sorte que é indigna de confiança e mutável, e a mudança tira o nome “feliz” da criatura humana.<sup>180</sup>

A imagem do príncipe ideal é por Christine associada à figura religiosa cristã do bom pastor. Em certa medida, como colocado no capítulo referente à “história anexo” e à questão da memória, Christine assume esse papel moralizante e de divulgação, em referência à sua escrita e ao seu público, na elaboração de uma sociedade ideal. Os seus argumentos são constantemente pautados em imagens, as quais procuram tanto exemplificar quanto dar-lhe autoridade, uma vez que tais associações são retiradas de autores já consagrados em seu tempo ou da própria Bíblia. Logo no início da obra “O Livro do Corpo Político”, no capítulo II, Christine usa esse recurso com o propósito de indicar o destino daqueles que seguem seus conselhos, descrevendo a Felicidade como uma rainha:

[...] Felicidade é uma rainha muito bonita e refinada sentada em um trono real, e as virtudes estão sentadas ao seu redor e olham para ela, esperando para ouvir seus comandos, para servi-la e obedecê-la. Ela ordena a Prudência que pergunte como ela pode se manter saudável e em boas condições para que possa reinar por muito tempo. E ela manda a Justiça fazer tudo o que ela deve e guardar as leis para que haja paz. E ela ordena à Fortaleza que, se alguma dor vier a seu corpo, que a modere resistindo com pensamentos virtuosos. Ela ordena que Temperança tome vinho, comida e outras coisas deliciosas com moderação, para que tudo o que ela ingira seja por uma razão e não em seu detrimento. Essa descrição permite compreender que ser virtuoso nada mais é do que ter em tudo o que atrai o bem e afasta o mal e o vício. Assim, para governar bem o corpo da política pública, é necessário que a cabeça seja saudável, ou seja, virtuosa. Porque se estiver doente, todo o corpo o sentirá.<sup>181</sup>

---

<sup>180</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 34.

<sup>181</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 5.

Para embasar seu pensamento, cita Santo Agostinho e a sua afirmação de que a felicidade advém do exercício da virtude. Há a proposta em advertir que os bens mundanos, como colocados no exemplo sobre o fim de Aníbal na citação acima, as “riquezas, honras e prazeres”, não levariam a verdadeira felicidade, sendo apenas meios temporários de alegria, sujeitos às intempéries do destino, constantemente lembrada como a Fortuna. Fortuna esta que de forma brusca ocasionou grandes mudanças na vida de Christine.

As virtudes cardeais, prudência, justiça, fortaleza e temperança, surgem como aliadas no exercício da governança. É significativo que ao expor seu ideal de sociedade, de corpo político, seja escolhida a imagem de um feminino para representar a encarnação do modelo de bom governo. É neste ponto, que a obra apesar de não se voltar explicitamente a um público feminino, deixa sua marca e a própria compreensão de política enquanto também feminina, uma vez que a virtude independe do sexo. Desta forma, para a construção do corpo político há a defesa do corpo feminino, conforme discutido anteriormente, a fim de legitimar a participação feminina, inclusive política.

Será que o Criador Soberano teria vergonha de criar e formar o corpo feminino e Natureza se envergonharia disso? Eis o cúmulo da tolice dizer isso. E, além do que, de que maneira ela foi formada? Não sei se percebes; ela foi formada à imagem de Deus. Oh! Como é possível haver bocas para maldizer uma prova tão nobre? Mas há loucos que acreditam, quando eles escutam dizer que Deus fez o homem à sua imagem, que se trata do corpo físico. Isso está errado, pois Deus ainda não havia tomado forma humana. Trata-se, ao contrário, da alma, a qual é consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus. E, essa alma, Deus a criou tão boa, tão nobre, idêntica no corpo da mulher como no corpo do homem. Mas, voltando sobre a criação do corpo, a mulher foi feita pelo criador soberano. E em que lugar ela foi feita? No paraíso terrestre! E foi feita com que? Terá sido de matéria vil? Não, pelo contrário, da matéria mais nobre que havia sido criada! Pois, foi do corpo do homem que Deus a criou.<sup>182</sup>

A partir desta defesa que parte do corpo feminino, Pizan encontrará o ponto de igualdade entre os gêneros, que é justamente a alma. Por conseguinte, a luta por esta igualdade deve ser observada neste ponto, pois as mulheres são tão expostas aos vícios quanto os homens e podem ser tão virtuosas quanto estes também, tendo

---

<sup>182</sup> PIZAN, 2012, p. 81/82.

a mulher sido criada em semelhança à imagem de Deus. É nesta conjuntura que a igualdade, segundo Sandrine Berges deve ser entendida, no âmbito da política.

Assim, sua visão é muito mais próxima de Aristóteles e de Tomás de Aquino, ambos os quais acreditam que a vida pública, a participação em uma comunidade é uma forma importante de melhorar a própria virtude. A vida em uma comunidade política que funciona bem pode, para eles, levar ao florescimento humano. Por outro lado, para Agostinho, a verdadeira felicidade só pode ser encontrada no prazer adequado de Deus, e isso pode ser encontrado nas circunstâncias mais terríveis e, portanto, não depende de ter um ambiente político adequado. Outra forma de marcar a distinção é esta: para Agostinho, precisamos da política apenas porque não somos mais inocentes, porque carregamos o pecado original e todos os vícios que o acompanham. Para Tomás de Aquino, até um inocente se beneficiaria de uma pólis bem organizada: é uma característica da natureza humana que desenvolvemos todo o nosso potencial apenas como parte de uma comunidade, e as regras dessa comunidade podem facilitar esse florescimento. Christine, embora não argumente especificamente que a vida política é necessária para florescer, claramente acredita que a participação de alguém nos assuntos humanos pode ser uma marca de virtude. Muitos dos exemplos que ela dá de mulheres virtuosas são exemplos de mulheres que beneficiaram outras pessoas por meio de suas ações, muitas vezes agindo diretamente na esfera política.<sup>183</sup>

Entretanto, para Berges há um paradoxo muitas vezes colocado por Pizan, em relação ao fato de ao mesmo tempo que exemplifica a possibilidade e sucesso de governos femininos, não chega a questionar de fato a participação no campo político, segundo sua visão. A autora destaca os embates de Pizan, mas de certo modo observa uma limitação quanto à possibilidade feminina na política, uma vez que Pizan tanto no livro “A Cidade das Damas” quanto em “O Livro do Corpo Político”, cita exemplos tradicionais do que se espera da mulher. Como no caso de se ter que suportar “maridos ruins”<sup>184</sup> ou a visão tradicional de que a mãe deveria ser afastada do príncipe para que sua educação seja dada por um cavaleiro de “grande autoridade”.<sup>185</sup> Porém, cada exemplo deve ser analisado em seu contexto. Muitas vezes, Pizan expressa uma realidade, um costume, uma tradição. O que não significa que em outros pontos, como destacadamente na exaltação do feminino,

---

<sup>183</sup> Tradução própria. In: BERGES, Sandrine. *A Feminist Perspective on Virtue Ethics*. New York, Palgrave Macmillan, 2015, p. 65/66.

<sup>184</sup> PIZAN, 2012, p. 339.

<sup>185</sup> PIZAN, 2007, p. 8.

não haja novidade no tratamento dos embates cotidianos relativos ao espaço e ao reconhecimento de suas obras.

Mas, se as mulheres já dão prova de devoção, de caridade é que nem precisa mencionar. Veja bem: quem faz visita aos doentes? quem os reconforta? quem presta socorro aos pobres? quem vai aos hospitais? quem enterra os mortos? Parece-me que se trata de obra das mulheres, e via real que o próprio Deus nos ordena seguir.<sup>186</sup>

De fato, Christine é de certo modo tradicional em alguns pontos, ela é fruto de uma época. Por exemplo, no campo político, ela não é favorável ao rompimento da monarquia, uma vez que ela mesma se beneficiou de tal estrutura. Os conselhos que dá aos príncipes é no sentido de estes serem bons governantes para que seu povo também não se revolte e que a estrutura social monárquica seja mantida. Porém, não há exceção, a exemplo das críticas aos religiosos, aos próprios príncipes, os quais muitas vezes exploram seus súditos, conforme o exemplo abaixo em que discorre sobre o aumento de taxas.

E o rico, neste caso, deve sustentar o pobre, e não isentar o rico, como se faz hoje, deixando o pobre ainda mais sobrecarregado. Ouso dizer, não importa quem esteja descontente, salvando sua reverência, é um direito maravilhoso que os ricos e altos funcionários do rei ou príncipes que têm sua posição e poder como um presente do rei e dos príncipes e são capazes de carregar seu fardo, estão isentos de impostos, e os pobres que nada têm do rei, pagam. Não é razoável se eu presentear ao meu servo, e der a ele um rico sustento e propriedade, e acontecer que eu tenha alguma necessidade, que ele venha em meu auxílio mais do que aquele que nada recebeu de mim? É um estranho costume que se utiliza hoje em dia neste reino na fixação de impostos. Mas se isto fosse mudado, deveria ser uniforme, não para que alguns ricos paguem e outros não, pois isso traria inveja, porque alguns desprezariam aqueles que pagam como forma de servidão. Se todos pagassem, ninguém seria reprovado. No entanto, não quero dizer que aqueles que lutaram pela defesa do país não devam ficar isentos. Eu digo essas coisas pelos pobres. A compaixão me comove porque suas lágrimas e gemidos vêm amargamente. Há alguns que vêm pagar esse dinheiro que lhes é imposto e depois eles e sua família pobre passam fome e vendem suas camas e outros bens por um preço baixo ou por nada. E agradaria a Deus se alguém informasse ao rei e aos nobres príncipes. Não há dúvida de que seu sangue nobre que contém tanta bondade não permitiria tal crueldade. Mas muitas vezes aqueles que coletam esses pagamentos são gordos e ricos, e assim, se tudo isso vem para o lucro do projeto para o qual o imposto foi estabelecido, Deus o sabe, e outros também! Sem dúvida, impostos como esses

---

<sup>186</sup> PIZAN, 2012, p. 85.

são usados para supérfluos ou por qualquer outra razão que não a pura necessidade, e são pecaminosos para aqueles que os estabeleceram e um fardo gravíssimo.<sup>187</sup>

Neste sentido, há pontos em que se percebe na narrativa um intento de mudança da sociedade, isto é, um apelo à “boa política”. Afinal os “espelhos dos príncipes”, os quais apresentam modelos de sociedade ideais, se tornarão um meio utilizado pelos intelectuais e tutores dos príncipes representando muitas vezes uma preocupação real do futuro, como Bernard Guenée indica, “e se o rei uma vez adulto, tomasse más decisões?”<sup>188</sup> Assim, a solução seria exaltar as virtudes enquanto também políticas, no sentido de que para bem governar é necessário antes um autogoverno. Portanto, os escritos de Christine devem também ser entendidos enquanto uma tentativa de modificação social através do apelo de construção de uma sociedade pautada nas virtudes.

De um personagem tão prestigioso, o povo só pode apelar para a sua própria consciência, ou para Deus. A educação do futuro rei adquire desse modo uma importância capital, visto que o único obstáculo prático à tirania é o horror à tirania que conseguirem lhe inspirar; e os “Espelhos dos Príncipes”, longe de serem um palavrório estéril de moralistas, tornam-se uma necessidade política durante toda a Idade Média.<sup>189</sup>

E tais virtudes, apesar da narrativa possuir um direcionamento quanto aos leitores, para Pizan, ela não se refere apenas aos príncipes. A ideia de autogoverno para bem administrar o bem público é colocada em sua descrição do corpo político, “[...] assim como a barriga recebe tudo o que a cabeça e os membros preparam para ela, também a atividade do príncipe e dos nobres deve retornar ao bem público [...]”.<sup>190</sup> Para Pizan, a política se pauta em três princípios, como indicado anteriormente; amar, temer e servir a Deus, depois amar o bem e o benefício de seu reino, de suas pessoas e, amar a justiça. E a esses três pontos explícitos, há ainda aquele que para Pizan é essencial e que permeia toda a construção de suas obras e de si enquanto autoridade, que é a conquista do conhecimento. Como bem pontua

---

<sup>187</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 20.

<sup>188</sup> GUENÉE, 1981, p. 133.

<sup>189</sup> Ibidem.

<sup>190</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 4.

Guenée, “*Rex illiteratus quase asinus coronatus*, um rei sem cultura é um asno coroado’; a frase apareceu no século XII e foi repetida por todos os ‘Espelhos dos Príncipes’ antes de ser adotada pelos humanistas da Renascença”.<sup>191</sup> A alma do corpo político para Pizan bem pode ser entendida como desprovida de sexo, mas não se refere aos religiosos como em Salisbury. Dentro desta perspectiva, uma interpretação possível é que se refira ao conhecimento, àqueles que o possuem e que independentemente do seu lugar na estrutura social, devem obtê-lo no sentido de virtude e de autogovernança. Aqui o exemplo do rei Carlos V, descrito como verdadeiro sábio, se faz presente no discurso. A sabedoria levaria à boa política, e esta por sua vez, à tão almejada felicidade. Conforme Christine relata no trecho abaixo selecionado, os antigos se governavam pela filosofia, e um dos conselhos é justamente que o bom príncipe atraia sábios e filósofos.

Mas, para provar que a ciência é real e que houve especialistas nela, Aristóteles nos fala no primeiro livro da *Política* sobre o filósofo Tales, cujos parentes o zombavam porque este não fazia nada além de estudar, apesar de ser tão pobre e não ter nada. E quando se cansou dos argumentos, ele pensou em demonstrar a virtude de seu conhecimento e fazer algo com seu pouco dinheiro. Ele sabia, por meio de seu conhecimento de astronomia, que as azeitonas seriam abundantes naquele ano e que no ano seguinte haveria muito poucas. Então, ele comprou uma grande quantidade, que vendeu no ano seguinte por um preço bem alto, e assim obteve muito lucro. Assim, disse Aristóteles, ele mostrou a seus parentes que era uma coisa fácil para um filósofo enriquecer. Mas os filósofos desejam outro tipo de felicidade, isto é, de compreensão, que os outros pouco valorizam.<sup>192</sup>

---

<sup>191</sup> GUENÉE, 1981, p. 116.

<sup>192</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 44/45.

## CAPÍTULO III

### O autogoverno e a construção de uma arquitetura política dual

Nós já falamos da humanidade do bom príncipe. Agora falaremos da virtude da clemência que ele deve ter especialmente para com seus súditos, a fim de ligar seus corações a ele e conformá-los com maior afeto. Pois, sem dúvida, não há nada mais doce nem mais favorável a um súdito do que ver seu senhor e príncipe gentil e amável com ele, e nada pode satisfazer os corações de seus homens e seus familiares mais do que a misericórdia, a gentileza e a bondade, quando sábia e discretamente feitos. Não que ele se rebaixe entre eles para que o respeitem menos, mas enquanto mantém a honra que um soberano merece receber de seus súditos, ele é gentil e amável com seus pedidos e petições, e de fala gentil. Ele não deve mostrar grande aborrecimento ou desdém para com qualquer um deles por alguma coisa pequena ou delito, porque quanto mais profunda e forte a fundação de uma torre, menor será o choque de uma pequena pedra.<sup>193</sup>

Neste presente capítulo se propõe discutir os conselhos de Christine quanto à autogovernança do príncipe, observando, conforme a citação acima, o papel das “bases morais” na arquitetura e a consequente edificação de um modelo ideal de governo. Sob este ponto, Christine indica que para bem governar o príncipe necessitaria adquirir excelência em virtude, uma vez que “a cabeça” do corpo político, seria a responsável pela gestão de todas as partes do organismo, conforme coloca ao término da descrição desta imagem corporal, “assim, para governar bem o corpo da política pública, é necessário que a cabeça seja saudável, ou seja, virtuosa. Porque se estiver doente, todo o corpo vai sentir isso”.<sup>194</sup> É justamente neste sentido de virtude que Christine possibilita a participação feminina na política e projeta seu ideal de sociedade, resignificando, desta maneira, esse espaço.

Os conselhos de Christine na obra “O Livro do Corpo Político” possuem como parâmetro a conjuntura dos deveres políticos e/ou sociais de cada esfera, mas

---

<sup>193</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 30.

<sup>194</sup> Tradução própria. In: Ibid., p. 5.

principalmente, apresenta os modelos de indivíduo que devem ser seguidos para que a sociedade caminhe para o “bem comum”. Tais modelos podem ser observados a partir da colocação de contrapontos, isto é, com a indicação das atitudes que são condenáveis e da ênfase, portanto, na sabedoria do tutor e, posteriormente, do cavaleiro de “grande autoridade”, os quais deveriam exemplificar e ensinar o futuro governante quanto aos seus deveres e conduta.

Esse controle é essencial, uma vez que as imagens corporais na sociedade medieval desempenham importante papel na legitimação do indivíduo, e, em diálogo com Laurent Smagghe percebe-se propriamente esta questão, pois “o corpo proteiforme do príncipe, material, político e simbólico, portanto, é o lugar de um discurso da emoção socialmente construída que permite a atualização de seu poder”,<sup>195</sup> daí a necessidade de destaque quanto às práticas dessa “comunicação simbólica”.<sup>196</sup>

O grande modelo de “perfeição e virtude”, por conseguinte de autoridade, segundo Christine, seria Carlos V,<sup>197</sup> sendo o seu governo a sua constante inspiração nos ideais das qualidades tidas como fundamentais no exercício da soberania, como a clemência enquanto também fruto da própria humanidade do governante, que deve, pois, a esse respeito, manter o devido equilíbrio, demonstrando seu poder quando necessário.

Não há dúvida de que o bom príncipe deva ser temido, apesar de ser gentil e benigno. Sua bondade deve ser considerada algo da graça que se deva dar particular atenção, em vez de desprezar. É por esta razão que os antigos pintaram a deusa do domínio como uma senhora sentada de alta posição no trono real, segurando em uma das mãos um ramo de oliveira e na outra uma espada desembainhada, mostrando que o governo deve incluir bondade e misericórdia assim como justiça e poder.<sup>198</sup>

---

<sup>195</sup> SMAGGHE, Laurent. As emoções políticas nas cortes principescas dos séculos XIV-XV. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs). *História das Emoções: Da Antiguidade Às Luzes*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 278.

<sup>196</sup> Ibid., p. 265.

<sup>197</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 11.

<sup>198</sup> Tradução própria. In: Ibid., p. 38. Neste ponto, é possível relembrar a discussão realizada cerca de mais de um século depois na obra “O príncipe” (1532), quanto ao temor e/ou amor do governante perante seus súditos, além da própria indicação da necessidade de clemência, tema também desenvolvido por Pizan ao defender a humanidade que o príncipe deveria possuir. In: MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Editora Gente, 2020. Além desta perspectiva, é interessante notar que a obra “A Cidade das Damas” também possibilita a discussão quanto ao ideal de utopia,

É importante destacar que além das recomendações relativas à conduta do corpo físico, o ideal de virtude perpassa fundamentalmente pelo campo do espírito, uma vez que o governo somente é atestado de fato quando possui essa dimensão que abrange tanto o material quanto o espiritual, consoante a discussão sobre o aspecto dual do próprio corpo do indivíduo no medievo.

De acordo com Dominique Iogna-Prat, no final da Idade Média, o bom soberano não apenas era considerado um sábio, mas um verdadeiro arquiteto,<sup>199</sup> conforme a ideia de Pizan, na qual “em sua referência ao plano divino, a soberania é arquitetônica, tornando-se visível nas realizações materiais”.<sup>200</sup> Segundo Iogna-Prat, a inovação que Christine participa em relação a este modelo de governança ideal se refere em essência à “qualidade da sabedoria” do príncipe, cuja busca e conquista do conhecimento é colocada em evidência enquanto atributo do bom governante. Atributo este, vale lembrar, presente igualmente nas mulheres.

Em sua descrição do “estado do clero”, um conceito que pressupõe conexões entre a universidade e o poder real, Christine enfatiza um link unindo sabedoria à universidade, a qual ela se refere como a “filha amada” do rei. Para Christine, entretanto, não se tratava de mostrar como o exercício do poder real requeria do conselho real e da administração que fossem formados por técnicos com formação universitária; em vez disso, ela afirma que o próprio rei sábio pertencia ao mundo dos eruditos. O conhecimento prévio das sete artes liberais e das artes mecânicas permitiram que Carlos V atingisse a suprema, principal e arquitetônica ciência: a prudência. Além disso, este curso de sabedoria deu-lhe licença para ensinar, pois ele havia dominado o conhecimento necessário “para explicar as causas das coisas”. Assim, elevado à esfera das “causas”, o rei sábio

---

desenvolvido por Thomas More (1478-1535), mesmo que o gênero e o próprio termo sejam posteriores e compreendidos a partir de sua obra “A Utopia” (1516). In: MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2000. Portanto, percebe-se o quanto a obra de Christine de Pizan é fundamental para dialogar com ideais filosóficos tanto de seu tempo quanto ulteriores, evidenciando-se através da ausência do estudo de suas obras como um resultado do apagamento histórico referente a produção feminina, nas mais variadas áreas do conhecimento. Sob este ângulo do desenvolvimento teórico, é importante destacar a circularidade das ideias, proporcionada também pela multiplicidade da apropriação do escrito, conforme nos indica Chartier a seguir em referência as “práticas urbanas do impresso”, nos séculos XVII e XVIII: “Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes”. In: CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 173.

<sup>199</sup> In: IOGNA-PRAT, Dominique. Aristotelian politics and architectural science in France at the end of the Middle Ages: a case study of Christine de Pizan. In: MILLER, Maureen C.; WHEATLEY, Edward (orgs.). *Emotions, Communities, and Difference in Medieval Europe: essays in honor of Barbara H. Rosenwein*. New York: Routledge, 2017, p. 171.

<sup>200</sup> Tradução própria. In: *Ibid.*, p. 177.

torna-se essencialmente um clérigo e um teólogo por direito próprio. Por meio de seu exemplo, de sua palavra e de seus atos políticos, ele orienta e educa seu povo.<sup>201</sup>

Portanto, neste terceiro capítulo, a proposta é a de realizar uma análise mais profunda tanto das dimensões materiais quanto espirituais do discurso do corpo político em Christine de Pizan, assim como das relações de gênero no âmbito de um processo de ressignificação do espaço feminino. Parafraseando Beauvoir, que afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher”,<sup>202</sup> segundo Pizan, é possível compreender que também não se nasce para a política, mas torna-se, pois, sábia e política.

---

<sup>201</sup> Tradução própria In: *Ibid.*, p. 174/175.

<sup>202</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p.11.

### 3.1 O papel do simbólico na perspectiva política de Christine de Pizan

Anacársis, o filósofo, comparou a lei com teias de aranha, e disse que as teias de aranha nunca capturavam moscas gordas nem vespas, mas capturavam pequenas moscas e frágeis borboletas, enquanto soltavam pássaros fortes, que muitas vezes os destruíam quando voavam. Então, assim é com a lei, porque os grandes e poderosos muitas vezes as destroem e passam sem medo, mas as pequenas moscas são apanhadas e presas. Isso comumente acontece com as pessoas pobres e humildes por causa da avareza dos ministros da justiça.<sup>203</sup>

Para compreender a proposta política de Christine e seu respectivo simbolismo é preciso lembrar alguns pontos importantes de sua biografia, os quais proporcionaram o impulso necessário à sua característica escrita de combate à misoginia de seu tempo. Em seu contexto, o acesso ao aprofundamento dos saberes era restrito ao universo masculino, isto é, “os homens detinham a palavra”.<sup>204</sup> E a palavra, como Pizan irá ressaltar, não é apenas o meio da manifestação do poder, mas principalmente no caso da palavra escrita, a substância que proporcionará no futuro a eternidade, a qual é dada através da memória.

E é justamente a luta por esta memória que está empreendida na conquista de sua escrita, a qual objetiva o registro de uma nova história. História essa que remodele o conceito de feminino ao potencializar a sua atuação através do tempo, como pretendido na obra “A Cidade das Damas”, a qual articula o poder do feminino com exemplos da história e da cultura. Christine faz referência ao simbolismo do corpo nesta obra partindo da dimensão do discurso fisiológico para a dimensão espiritual, em outros termos, do material para o espiritual, conforme observa-se no exemplo abaixo, em que Christine questiona o “corpo fraco” das mulheres em contraposição ao dos homens, aludindo, em consequência, a extensão de suas virtudes.

Pois, observa-se que, geralmente, quando a natureza não conseguiu dar a dois corpos o mesmo grau de perfeição, tornando-o sob algum

---

<sup>203</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 40.

<sup>204</sup> DUBY; PERROT; KLAPISCH-ZUBER, 1993, p. 16.

aspecto imperfeito ou deformado, ou na forma ou na beleza, ou por alguma impotência ou fraqueza em alguma parte, ela o recompensa com um dom bem maior do que aquele que ela o privou. Por exemplo: conta-se que o grande filósofo Aristóteles era muito feio, com um olho mais baixo do que o outro e com fisionomia estranha, mas se ele apresentava alguma deformidade no corpo, Natureza o recompensou grandiosamente, dando-lhe uma extraordinária capacidade de raciocinar e de pensar, como se pode ver, pela autoridade de seus escritos.<sup>205</sup>

Ao atingir essas duas dimensões, propõe estabelecer a sua autoridade como mulher, escritora e filósofa, sendo esta autoridade assegurada pelo domínio do mundo escrito.<sup>206</sup> E sob esta autoridade do escrito, que é uma autoridade intelectual por excelência, que Christine irá demonstrar o poder do corpo feminino, o qual não será inferiorizado, mas potencializado. A construção do discurso que dará a potência corporal às mulheres tem como base a relação da humanidade com as virtudes, não sendo o ser feminino menos propenso a elas. Em diálogo com Dulce Amarante dos Santos, percebe-se muitas vezes a associação do ser masculino com a ordem espiritual, o elemento mais sofisticado e elevado, pois estaria próximo ao divino, e a mulher com o físico, associada à carne, ao bruto.<sup>207</sup> Visando justamente esta desconstrução é que Christine irá iniciar o livro da “Cidade das Damas”, propondo uma reflexão a partir deste corpo, que era, pois, o seu próprio. Ao aludir à sua consciência não encontra nenhuma referência que a condene ou, mesmo, à de outras mulheres de seu contexto questionando tal inerência ao vício.

Conforme já discutido, as referências da propensão ao pecado são bem consolidadas na narrativa bíblica quanto ao pecado original, remetendo à oposição entre Eva e Maria, sendo Eva tida como o padrão das mulheres, uma vez que Maria seria a inacessível. Em continuação ao diálogo com Dulce Amarante, destaca-se o quanto ao condenar Eva ao pecado, e este relacionado diretamente ao feminino, ao seu corpo e alma, acaba que por distanciar a possibilidade do desenvolvimento intelectual nas mulheres. E uma vez não tendo o acesso à apuração do intelecto, a sua autoridade é retirada, e assim a tutela masculina assume forma e poder.

---

<sup>205</sup> PIZAN, 2012, p. 97.

<sup>206</sup> Compreende-se o domínio do mundo escrito como a apropriação da leitura e da escrita crítica e publicada, a exemplo de Christine de Pizan.

<sup>207</sup> SANTOS, Dulce O. Amarante dos. *O corpo dos pecados e dos ofícios: imaginário e gênero nos reinos ibéricos (1250-1350)*. Goiânia: Editora UFG, 2020, p. 104.

Eva se torna, destarte, a imagem paradigmática do corpo sedutor, incontrolável, porque ela escapa ao domínio do espírito e cede facilmente à influência do Demônio. Daí sua inferioridade em relação aos homens. Em contraposição à Eva, cuja imagem passa a transmitir a fraqueza feminina, Adão torna-se a imagem do intelecto e do espírito. Essa dualidade serviu como símbolo para outras dicotomias, como fraca/forte, irracional/racional etc. Tal representação negativa das mulheres evidenciava, ao mesmo tempo, uma proposta de desqualificação da sexualidade feminina e o reforço do prisma misógino. Nesse cenário, elas começam a ser encaradas não apenas como corpos prazerosos e pecaminosos, mas também como obstáculos à proposta do celibato clerical e da vida de santidade. Esse enfoque do corpo feminino ajudou a legitimar e justificar sua subordinação ao gênero masculino.<sup>208</sup>

É contra essa subordinação que lutará Christine desde o início. A sua própria história é testemunho da necessidade deste combate. Assim, exalta o quanto o acesso ao conhecimento foi uma ferramenta fundamental para que pudesse se afirmar enquanto escritora, o que permitiu que Christine pudesse ter autonomia para se sustentar e afirmar-se sendo mulher. Nas obras “O Livro da Mutação da Fortuna” (1403) e “A Cidade das Damas” (c. 1405) Christine, de forma simbólica, critica justamente essa submissão ao masculino, ao defrontar-se com os problemas de ordem administrativa e financeira em sua vida. Sobre a mutação da fortuna, Christine alude que as necessidades a transformaram de fato em homem,<sup>209</sup> dando assim autoridade de escrita e narrativa. Essa imagem de transformação não deve ser compreendida enquanto a indicação de uma impossibilidade de vencer os reveses da vida sendo uma mulher, mas, sim, que Christine assume um papel direcionado ao universo masculino. Isto  , seus escritos dão testemunho das injustiças que Christine combate, e mais além, da potência do feminino em transpor tais barreiras.

Eu era capaz de utilizar o que fosse necessário para dirigir um navio; e assim que aprendi a dirigir o resgate, tornei-me um bom mestre, e era absolutamente necessário que o fosse para ajudar a mim e ao meu povo, se não quisesse morrer ali. Assim, me tornei um verdadeiro homem (isso não   f bula) capaz de comandar o navio. A

<sup>208</sup> SANTOS, Dulce, 2020, p. 107.

<sup>209</sup> “Assim ela me transformou, meu corpo e meu rosto, completamente em um homem”. Tradução própria. In: PISAN, Christine de. *The selected writings of Christine de Pizan: new translations/translated by Renate Blumenfeld-Kosinski*, New York: W.W. Norton & Company, 1996, p. 91.

Fortuna me ensinou esse ofício e me propus a trabalhar nesse contexto.<sup>210</sup>

Sob o simbolismo da embarcação Christine aponta a possibilidade do comando feminino. Em “A Cidade das Damas” o recurso inicial utilizado é o de sugerir um desapontamento por Deus a ter colocado em um corpo feminino,<sup>211</sup> sendo este corpo constantemente colocado como pecador, por conta de sua suposta e tão comentada inclinação ao vício, cujos autores, homens e clérigos “maldiziam as mulheres e condenavam as suas condutas em palavras, tratados e escritos”.<sup>212</sup> Mas, conforme se desenvolve a sua narrativa, observa-se que Christine parte do físico para o espiritual trazendo a perspectiva da virtuosidade das mulheres, através dos exemplos narrados e da proposta de construção de uma cidade feminina. Portanto, o modo alegórico se interpõe como um recurso narrativo para exaltar a necessidade e conquista de um espaço, outrora circunscrito aos homens.

Cristina, para sua família, tornou-se "a capitã do navio que está no meio da tempestade". Teve que ter em mãos a direção da casa que seu marido estava encarregado de dirigir. E, em princípio tratava-se de garantir o pão de cada dia. Os salários dos notários reais nem sempre eram pagos em dia; vinte e um anos passarão até que Cristina consiga recuperar as dívidas em atraso com o marido pelo Tribunal de Contas. Para isso, teve que se engajar em um processo que durou treze anos: até 1403; mas, ganho o processo, Cristina ainda teve de esperar até 1411 para que as quantias que lhe eram devidas fossem finalmente pagas. [...] Uma dura experiência que nos faz compreender até que ponto é mau “o hábito comum dos homens casados de não contar e explicar os seus assuntos inteiramente às mulheres”. [...] O súbito desaparecimento de Etienne Castel deixa Cristina totalmente indefesa, forçada dia após dia a lutar por si mesma contra credores inescrupulosos. Passou brutalmente da situação de filha de família confortável, "alimentada com iguarias e mimos", à de dona de casa carente de dinheiro e experiência.<sup>213</sup>

A partir de sua realidade e dos inúmeros simbolismos presentes em seus escritos propõe demonstrar que a divisão entre os sexos é substancialmente de ordem organizacional e não se refere a competências específicas atribuídas ao

---

<sup>210</sup> Tradução Própria. In: PISAN, 1996, p. 107.

<sup>211</sup> PIZAN, 2012, p. 61.

<sup>212</sup> Ibid., p. 58.

<sup>213</sup> Tradução Própria. In: PERNOUD, 2000, p. 39-41.

gênero. Ou seja, conforme Christine direciona uma análise crítica de sua sociedade, incute a urgência de uma visão de mulher mais ativa, que possa ser colocada à disposição na condução de seus caminhos. Deste modo, esses caminhos são possíveis não apenas pela virtuosidade do feminino, mas pela própria conquista da racionalidade, sendo que a edificação da cidade das mulheres pode ser compreendida enquanto uma metáfora para a própria questão da construção e consequente aplicação do conhecimento, sendo que a cidade, isto é, a virtuosidade e o saber, devem ter “bastante profundidade em suas fundações”,<sup>214</sup> levantando-se assim “os muros a uma altura tal que não temerão nenhum adversário”.<sup>215</sup>

E os adversários, os homens e os clérigos, que são aqueles que se empenham em divulgar a fragilidade do sexo feminino, poderiam ser combatidos justamente através da aquisição da experiência. Apesar de Christine não propor a reescrita total da ordem social já estabelecida, sendo que na própria obra já citada, esta indica que o papel da Dama Razão é manter a “boa ordem das leis” assim como “corrigir os homens e as mulheres quando se desviam”,<sup>216</sup> há o desejo de que as mulheres possuam as qualidades necessárias a qualquer ofício. Em diálogo com “O Livro do Corpo Político”, percebe-se justamente o destaque do exercício da virtude enquanto o real diferencial entre as pessoas, portanto, não seria o sexo o fator determinante em termos de autoridade.

Pois em Roma grandes virtudes eram as suas riquezas e o espírito de homens e mulheres era então muito vigoroso. Quanto mais virtuoso era, mais dignidade tinha, porque não se preocupava com o quanto tinha, mas com o quanto valia em bondade e sabedoria. Aqueles que tinham mais virtudes eram maiores em autoridade [...].<sup>217</sup>

Neste contexto, Christine busca desconstruir a ideia de autoridade pautada apenas em torno de uma ocupação hierárquica, do provimento de determinado cargo ou mesmo de um sexo. O bom príncipe dentro desta perspectiva ocupa papel importante para romper ante esta estrutura que se baseia em uma sociedade de aparências, conforme denunciara adiante no tocante ao ambiente religioso. A partir

---

<sup>214</sup> PIZAN, 2012, p. 68.

<sup>215</sup> Ibidem.

<sup>216</sup> Ibid., p. 65.

<sup>217</sup> Tradução Própria. In: PIZAN, 2007, p. 22.

da defesa das virtudes é que Pizan irá demonstrar que os vícios tomaram conta de todas as esferas da sociedade, não sendo estes exclusivos do universo feminino, como defendem tantos registros de seu tempo. Assim, escrever é uma forma de manifestar-se de forma ativa ante as políticas injustas, cujas teias capturam apenas “pequenas moscas, soltando pássaros fortes”,<sup>218</sup> conforme citação reflexiva inicial deste capítulo. E buscando Christine os “pássaros fortes”, e, pois, destrutivos, discorre sobre os desvios de conduta comumente conhecidos em seu período, expondo-os através da arma que escolheu para sua batalha: a escrita.

Mas há muitos de nossos bispos e padres que podem ser vistos publicamente em faltas horríveis. Não há príncipe nem outra pessoa que os repreenda, mas eles se desculpam do que são acusados, dizendo que são seres humanos, não anjos, e que é da natureza humana pecar. Infelizmente, eles não são humanos, porque o corpo de um humano é um pequeno vaso que é muito pequeno, mas eles são verdadeiramente demônios e o abismo infernal, pois como a boca do Inferno nunca pode ser preenchida ou satisfeita, não importa o quanto receba ou leve, nem seus desejos podem ser satisfeitos ou preenchidos, pois eles têm uma ganância tão grande em si por dinheiro e luxos, pelos quais eles fazem grande mal ao povo! Isso é verificado pelas palavras de Valério, que perguntou “O que os avarentos não farão em sua fome insaciável de ouro?”<sup>219</sup>

O corpo novamente é aqui referenciado dentro de uma perspectiva simbólica, denunciando o pecado dos corpos masculinos, apesar de hierarquizados, como bispos e padres, passando a mensagem de que independentemente da posição ocupada, estes se encontram não apenas sujeitos, mas portadores de muitos vícios, desvinculando-se de uma vida simples e virtuosa. A imagem do inferno também aparece quando Christine aborda sobre a humanidade e a clemência que o príncipe deve ter, denunciando as atrocidades cometidas por alguns guerreiros ao conquistar algumas batalhas. Neste contexto, ressalta o quanto a crueldade para com o inimigo e com o povo derrotado é contra a natureza e a lei divina, sendo que os autores destes atos serão arrastados pelos demônios, para a “cidade do inferno”.<sup>220</sup> E, ainda, acrescenta como tais pessoas não deveriam ter formas humanas de fato,

---

<sup>218</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 40.

<sup>219</sup> Tradução própria. In: Ibid., p.13.

<sup>220</sup> PIZAN, 2007, p. 29.

mas, sim, o rosto e a carne de uma serpente horrível,<sup>221</sup> uma vez que utilizam a crueldade da “besta traiçoeira e detestável”.<sup>222</sup>

O corpo neste discurso transfigura-se a nível imagético para demonstrar justamente a presença de uma arquitetura dual, a qual contempla tanto o nível material quanto espiritual, sendo o corpo o espaço primordial deste discurso. Deste modo, mesmo que a aparência a princípio não denuncie as mazelas da alma, a dimensão espiritual será utilizada enquanto espaço em que a justiça é inconteste, como observamos no detalhamento do imaginário acima. Portanto, o bom príncipe deve não apenas construir-se envolto nesta arquitetura dual de forma positiva, isto é, cuidando de seu corpo e alma, quanto deve especialmente se atentar em construir uma arquitetura dual saudável em seu próprio governo.

Nos exemplos dados por Christine, o lugar profano e o lugar religioso se inter cruzam objetivando denunciar justamente a extensão dos atos considerados pecaminosos. Logo, Christine parte do corpo individual para o corpo cidadão demonstrando como estes corpos se interligam arquitetonicamente, uma vez que mesmo um espaço destinado ao culto religioso pode ser transformado em um “estábulo imundo para cavalos”, se os indivíduos ali presentes não detiverem os bons costumes.

Além disso, o rei ou o bom príncipe cuida para que o templo e a casa de Deus não sejam poluídos nem profanados pelos muitos pecados cometidos por muitos de nossos cristãos hoje em dia; nobres, comerciantes e pessoas de todas as classes que não se envergonham de realizar suas reuniões nas igrejas, de ter assembleias sobre seus assuntos mundanos. Eles e Deus sabem que falsos contratos são feitos aqui. [...] Infelizmente, ninguém é deposto hoje em dia; não apenas aqueles que têm reuniões e parlamentos em igrejas, mas fazem das igrejas como estábulos imundos para cavalos.<sup>223</sup>

Percebe-se que ao longo da trama narrativa Christine aponta a deficiência moral que acometem os inúmeros espaços, para defender uma política que equilibre as dimensões materiais e espirituais, sendo o príncipe o responsável, como “bom

---

<sup>221</sup> Interessante notar que a referência à serpente é aqui dirigida aos homens e a sua respectiva maldade.

<sup>222</sup> PIZAN, op. cit., p. 29.

<sup>223</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 14.

vicário de Cristo”, a administrar uma boa política, a qual levaria à virtuosidade cidadina. Por conta desta concepção de governante diretamente ligado a uma intencionalidade divina, proporcionando uma intermediação ante o plano terrestre e espiritual, que Christine se propõe a escrever sob este gênero literário de espelho dos príncipes a fim de explicitar a sua concepção de boa política. O governante enquanto a cabeça do corpo, isto é, aquele que a tudo comanda, deve desde muito cedo ser preparado para tal tarefa, sendo fundamental que se atente aos seus hábitos, pois uma vez em contato com desvios, a sua política seria igualmente corrompida.

E não há dúvida de que bons exemplos e sábios conselhos ouvidos e vistos muitas vezes na infância podem fazer com que um homem cresça excelente em todas as virtudes e, da mesma forma, por maus ensinamentos, alguém pode ser levado ao caminho da perdição. Como diz Averroës no segundo livro da *Física*, pode-se adquirir uma segunda natureza por um longo hábito do bem ou do mal, e é por isso que os pais devem manter os filhos longe dos maus hábitos na juventude tanto quanto puderem, pois, diz Orosius, um pote de barro mantém o odor do que continha por muito tempo. É por isso que os antigos gregos, que governavam a si mesmos com grande erudição e esperteza, faziam grandes esforços para garantir que as pessoas que eles odiavam se deleitassem com maus hábitos, e isso lhes dava os meios para se vingar deles.<sup>224</sup>

Conforme observa-se em sua orientação acima, Christine propõe a construção de uma vida virtuosa desde muito cedo, salientando a importância da vigilância quanto aos hábitos e o quanto a convivência com os desvios de conduta pode ser maléfica e facilmente identificável, fazendo com que o “pote de barro denuncie o seu conteúdo por muito tempo.” Além deste ponto, o caminho da virtude é colocado em contraposição ao “caminho da perdição”, sendo este último uma forma muito mais vulnerável de edificação cidadina, pois, como indica, é uma estrutura frágil e exposta a perigos.

Deste modo, o autogoverno se relaciona diretamente com o governo da cidade, a edificação interior é primordial para o bom funcionamento e autorregulação da própria governança. A estrutura deve ser firme, ou seja, deve ser edificada através das virtudes, pois retomando a citação de Christine, “quanto mais profunda e

---

<sup>224</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 9.

forte a fundação de uma torre, menor será o choque de uma pequena pedra.<sup>225</sup> Logo, a verdadeira fortaleza<sup>226</sup> se faz através do ideal de virtude. Pode-se compreender esta defesa em comparativo com a obra “A Cidade das Damas”, em que a personagem da Justiça profetiza como uma “verdadeira sibila”, que a cidade que Christine fundará não será destruída, [...] será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida,<sup>227</sup> uma vez que a arquitetura dual é pautada na boa moral. Em diálogo com a obra “Da Educação das Crianças”, de Plutarco, cujo autor é referência confessa de Pizan para a própria organização e metáfora principal do livro em análise, percebe-se justamente o quanto se enfatizava os cuidados relacionados aos hábitos enquanto determinantes na construção do indivíduo.

Em geral, o que estamos habituados a afirmar sobre as artes e as ciências, o mesmo deve ser dito sobre a virtude; dizer que, para a absoluta retidão, três coisas devem convergir: natureza, razão e costume. Chamo razão o aprendizado e o costume ao exercício. São os princípios da natureza: a evolução pela instrução, o proveito pelo cuidado e a excelência por esses todos. E o que disso for abandonado, nisso forçosamente sua virtude é imperfeita. A natureza sem estudo é cega, a lição sem a natureza é insuficiente e o exercício sem ambos é incompleto. Tal como na agricultura, primeiro deve-se começar pela boa terra, depois pelo agricultor instruído, em seguida, pelas boas sementes e, do mesmo modo, a natureza deve ser semelhante à terra; o preceptor ao agricultor; os princípios das palavras e os preceitos à semente.<sup>228</sup>

Neste íterim, retomando a denúncia da autora em relação ao espaço religioso, esta expõe os vícios comuns e, conforme indica, frequentemente utilizados pelos clérigos para conseguir posições de destaque na hierarquia religiosa terrena.<sup>229</sup> Assim, convoca a consciência e a formação do príncipe enquanto necessárias para que tais incoerências não tornem a ocorrer, como é indicado em seu contexto, cujas pessoas ocupavam cargos não por competência, mas por favoritismo ou mesmo bajulação. O que pretende Christine é justamente demonstrar

---

<sup>225</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 30.

<sup>226</sup> Fortaleza que faz alusão a própria noção de governança.

<sup>227</sup> PIZAN, 2012, p. 67.

<sup>228</sup> PLUTARCO. *Da educação das crianças*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 18-19.

<sup>229</sup> Esse destaque somente seria possível no âmbito terreno, pois na dimensão espiritual não haveria espaço para tais práticas, sendo impossível ascender sem o real merecimento.

o quanto a construção, e, em essência, a governança para uma cidade virtuosa somente são possíveis a partir do equilíbrio entre todos os espaços.

Este bom príncipe, como vigário de Deus na Terra, cuidará de todo o seu coração para o bem-estar da igreja, para que seu Criador possa ser servido conforme sua razão exige. E se houver alguma discórdia por instigação do inimigo, ele trará a paz seja qual for a dificuldade. Ele deve examinar cuidadosamente as promoções dos ministros, para que não conceda o pedido de prebenda, não importa o quanto afeto ele tenha pelo indivíduo que o solicita, a não ser que saiba que é um clérigo bom e prudente e apto para servir a Deus e ao seu serviço. E assim o príncipe deve examinar cuidadosamente se deve ou não dar o cargo, ou então será um peso pesado para sua consciência e causa da condenação daqueles que ele promove, quando dado a quem não o merece, em vez de como é descrito por decreto.<sup>230</sup>

Para o príncipe, a consequência do ato de beneficiar sem merecimento é a punição da própria consciência, e a condenação daqueles que manipularam para ocupar tais cargos mais almejados. Christine coloca as atitudes de bajulação e adulação como mecanismos diretos destas conquistas em contraposição ao testemunho de uma vida justa e de valor, sendo, portanto, que por conta dessa realidade “o navio é fustigado pelo vento e arruinado, porque a ganância é o motivo de sua promoção. E mesmo aqueles em erro detestável e cego são promovidos, o que continua até hoje na igreja”.<sup>231</sup> Neste contexto, a autora utiliza novamente a imagem do navio para indicar que sem um governo justo em todas as esferas da sociedade, tudo tende a sucumbir, tornando-se vulnerável diante de qualquer adversidade.

É interessante notar que apesar da tradição cristã de condenação às referências e práticas pagãs, Christine, retoma a este ambiente para colocar que mesmo entre estes havia uma regulação nestes espaços dedicados à cultos religiosos, sendo que aqueles que incorriam em erros eram fortemente condenados.<sup>232</sup> Esse diálogo em que Christine advém de uma tradição cristã e retoma ao paganismo não se pretende contraditória, mas objetiva acima de tudo demonstrar sua insatisfação em relação à permanência de favoritismos e desordem

---

<sup>230</sup> PIZAN, 2007, p. 12.

<sup>231</sup> Ibidem.

<sup>232</sup> PIZAN, 2007, p. 13.

inclusive nos locais que se pretendiam “mais puros” e, pois, exemplares quanto à prática da moral.

Além deste ponto, é importante destacar que essa questão do favorecimento, permeia a própria noção de justiça. Em análise com a obra “A Cidade das Damas”, percebe-se a construção da justiça enquanto uma imagem feminina, capaz de alcançar todas as dimensões humanas. Deste modo, Christine ao apontar a fragilidade dos governos humanos na cidade pretende também colocar uma consequência nefasta para os que se desviam ou mesmo participam de tais articulações ilícitas, uma vez que o alcance da justiça extrapola qualquer espaço que o indivíduo se encontre.

Minha morada é tanto no céu, como na terra ou no inferno: no céu, para a glória dos santos e das almas bem-aventuradas; na Terra, para distribuir a cada um a parte do bem e de mal que ele merece; no inferno, para punir os indivíduos de má índole. Não sendo para nenhum lado, porque não tenho nem amigo nem inimigo e minha vontade é inatingível; a piedade não pode me vencer, a crueldade não me comove. Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. Estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa. Quem me seguir não conseguirá pecar; meu caminho é certo. Aos homens e mulheres de almas sãs que querem crer em mim, ensino a se corrigirem, a se reconhecerem e a primeiro se ressarcirem, a fazer com os outros o que eles gostariam que fizessem com eles, a distribuir o bem sem favoritismo, a dizer a verdade, a fugir da mentira e a odiá-la, a rejeitar qualquer vício.<sup>233</sup>

A imagem do inferno é utilizada neste contexto para dar ênfase ao poder e alcance da justiça, salientando, por consequência, a necessidade da manutenção da ordem para a perpetuação de qualquer governo. Conforme demonstrado, Christine irá utilizar desta imagem para denunciar a ganância dos religiosos e da possibilidade de ascender aos cargos a partir de acordos e recorrentes adulações dedicadas aos príncipes. As referências quanto ao “abismo” ou mesmo a “boca insaciável do inferno”, são discursos muito constantes no medievo, constituindo uma forma de controle a partir deste campo das mentalidades. Em diálogo com Georges Duby, pode-se observar justamente esse medo do além, do invisível, do juízo final e das possíveis punições e suplícios do inferno, revelando um “sentimento de impotência

---

<sup>233</sup> PIZAN, 2012, p. 71.

em face de seu destino”,<sup>234</sup> ou mesmo face a um possível desmascaramento, uma vez que todos os vícios e/ou pecados seriam revelados.

Imagem obsessiva, opressiva, o inferno estava permanentemente presente em todos os espíritos. Talvez fosse o germe mais virulento do medo que atormentava as pessoas daquela época. Elas sentiam-se ameaçadas pelos pecados, portanto de serem punidas, e tentavam escapar à danação por todos os meios, preces, penitências, amuletos.<sup>235</sup>

Na referência imagética de Pizan, o corpo descaracteriza-se, mesmo que não de forma visível no campo terreno, deixando-o enquanto “não humano”, objetivando dessa maneira demonstrar que o mascaramento não é possível no campo espiritual. Portanto, é uma forma discursiva de afirmação e de demonstração quanto à extensão das consequências para tais atitudes condenáveis. Neste âmbito a memória adquire papel importante, uma vez que os atos individuais, os quais culminam em resultados que afetam o coletivo, principalmente considerando-se o governo dos príncipes, teriam relação direta com a difusão das qualidades e feitos destes na história. Vale ressaltar que a cultura medieval tem uma forte base na oralidade, e mesmo com o advento do registro escrito, estes remetem essencialmente à uma memória que se construiu e se constrói justamente nesta dinâmica.

A cultura medieval permaneceu profundamente memorial por natureza, apesar do aumento do uso e da disponibilidade de livros por outras razões que não a simples conveniência tecnológica. O fator principal em sua conservação reside na identificação da memória com o pensamento criativo, o aprendizado (invenção e recordação) e a capacidade de fazer julgamentos (prudência ou

---

<sup>234</sup> DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p. 123.

<sup>235</sup> Ibid., p. 130. Outros trabalhos clássicos que abordam a visão da morte e do inferno no contexto medieval: ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da morte*. v. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Companhia das Letras, 1991; ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da morte*. v. 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Companhia das Letras, 1982; DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010; LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 2004; LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

sabedoria). A escrita [...] sempre foi pensada como uma auxiliar da memória e não como uma substituta para ela.<sup>236</sup>

Diante do exposto, compreende-se que o recurso da memória se atrela ao do imaginário para dar força às admoestações de Pizan. Neste sentido juntamente com a construção de uma arquitetura que se pretende dual, constrói-se em consequência uma imagem de hierarquia perante os corpos. E essa imagem corpórea se interpõe enquanto material e espiritual, uma vez que este discurso do corpo se atrela tanto ao campo do indivíduo quanto ao campo do coletivo, objetivando dar forma à cidade ideal em Pizan. Logo, o indivíduo deveria tomar cuidado em relação às suas atitudes para não sucumbir à “boca insaciável do inferno”,<sup>237</sup> que, em última instância, deformaria os corpos a ponto de descorporificá-los de certo modo, expulsando-os, portanto, do corpo são da própria *urbe*.

Christine assim procura estabelecer limites territoriais que transponham a própria matéria, isto é, os corpos que deveriam habitar a cidade deveriam não apenas transparecer aos bons costumes e à boa conduta, mas sim possuí-los de fato. Neste ínterim, é importante ressaltar que a comunicação entre as duas esferas povoava de forma muito presente o cotidiano do medievo, sendo um artifício usado pela autora para proporcionar ênfase não apenas às condições de uma cidade virtuosa, mas conferindo eternidade ao exercício das próprias virtudes. Em síntese, a proposta de bom governo em Pizan, perante a sua construção narrativa, atinge o diálogo constante ante as duas dimensões, que se complementam na concepção e dinâmica da própria vida.

Com o cristianismo, estabelece-se uma hierarquia entre os defuntos, sem colocar em questão as práticas herdadas do paganismo. Somente as sepulturas dos santos, dignificadas e manipuladas de diferentes maneiras, podiam ser objeto de celebração e veneração. Reza-se para os mortos, é certo, mas com a intercessão de novos heróis, os santos. Este mundo e o além comunicam-se. Assim, escreve Peter Brown, “a fronteira imemorial entre a cidade dos vivos e a dos mortos foi finalmente rompida”.<sup>238</sup>

---

<sup>236</sup> CARRUTHERS, Mary. *O livro da memória: Um estudo sobre a memória na cultura medieval*. Campinas, SP: Kíron, 2022, p. 259.

<sup>237</sup> PIZAN, 2007, p. 13.

<sup>238</sup> LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 122.

Conforme já colocado, a cidade ideal de Pizan enquanto um organismo vivo, fundamenta-se no autogoverno do príncipe, que deve conduzir a boa política para o benefício do bem público. Neste âmbito, a boa política somente será possível a partir da aplicação das virtudes,<sup>239</sup> cuja prática influenciará não apenas a vida material, mas como exposto, a vida espiritual. Tal perspectiva pode ser aferida quando Christine em sua argumentação exemplifica a punição de ordem espiritual aos outros membros da sociedade, o que constitui, em última instância, uma advertência a própria política do governante. Entretanto, o corpo do príncipe assume um papel de destaque perante os demais, uma vez que representa o corpo político em si, consubstanciando-se na justa medida, a qual deve ser seguida pelos seus membros, servindo de exemplo até para outros organismos citadinos.

O bom príncipe que ama o bem universal mais do que o seu próprio deve ser liberal, uma qualidade muito necessária da qual ele se beneficiará triplamente; primeiro, é para o bem de sua alma (se for discreto); em segundo lugar, para louvor e honra de sua reputação; em terceiro lugar, ele atrairá para si os corações de seus próprios súditos, bem como os de estranhos. Não há dúvida de que nada beneficia tanto um príncipe quanto a generosidade discreta.<sup>240</sup>

Entrementes, Christine utiliza nova metáfora para destacar o corpo político do próprio príncipe, circunscrevendo no coração a identificação quanto aos seus feitos. Neste sentido, Pizan ressalta a direção do governo ideal ao bem público, explicitando o seu conceito de liberalidade enquanto atrelado ao exercício da humanidade e da misericórdia, sendo o governante convidado a compreender as necessidades de seus súditos assim como a reconhecer benefícios, retribuindo de acordo. Na construção narrativa deste conselho Pizan retoma a advertência, mesmo que de forma sutil, quanto às consequências para a alma em cada ação. Desta maneira, conforme apontado no exemplo acima, se houvesse a discricção, haveria o reconhecimento para a sua alma, pois indicaria que a boa ação teria sido realizada por conta da virtude e não por interesse ou para configurar em uma aparência de bondade. Em continuidade à análise, percebe-se que a memória é novamente invocada, objetivando lembrar a possibilidade da eternidade através das boas realizações do príncipe. E por fim, Christine exalta a imagem simbólica do coração,

---

<sup>239</sup> Referência às virtudes cardeais, prudência, justiça, fortaleza e temperança.

<sup>240</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 26.

enquanto o reduto que abriga a essência dos seres, único lugar, portanto, que seria possível atingir para conquistá-los.

O reforço metafórico do coração é ainda maior. Não somente, como Xavier-Léon Dufour destacou, o coração é, no Novo Testamento, “o lugar das forças vitais”, mas, geralmente empregado em um sentido metafórico, ele designa igualmente a vida afetiva e a interioridade, “a fonte dos pensamentos intelectuais, da fé, da compreensão”. Ele é “o centro das escolhas decisivas, da consciência moral, da lei não escrita, do encontro com Deus”. O coração é definido por Aristóteles como a origem da sensação, e o aristotelismo medieval retoma o tema. Santo Agostinho faz do coração a sede do “homem interior”.<sup>241</sup>

Neste contexto, observa-se que as referências corporais que procuram exemplificar as experiências políticas são múltiplas, não circunscrevendo-se apenas no âmbito da estrutura do corpo em si, mas a sua parte tanto interna quanto externa. E dentro desta dinâmica do interno e externo, as dimensões corpóreas materiais e espirituais são constantemente invocadas, delineando um ideal de sociedade que busca autoridade mediante a sua extensão perante estes dois planos, seguindo a cultura religiosa de base cristã do medievo ocidental.

A partir desta concepção, destaca-se que a dinâmica entre interno, e externo se realiza através da concepção de alimento, o qual adquire uma perspectiva tanto material quanto espiritual a depender da imagem referida. Na construção imagética do interno o alimento possui sentido essencialmente simbólico, tornando-se, em última instância, uma nutrição para a própria alma. Christine faz referência, neste sentido, ao apontar o conhecimento e a boa conduta enquanto exemplos de sustentação positiva para o corpo. Em complemento, Christine também orienta que o alimento de ordem material deve ser servido com consciência, preferindo-se os alimentos simples que realmente fortalecem o corpo.<sup>242</sup>

E esta referência quanto ao simbolismo do alimento é invocada também na dimensão de que o trabalho de cada membro do corpo político é responsável por

---

<sup>241</sup> LE GOFF; TRUONG, 2010, p. 159.

<sup>242</sup> Segundo Pizan, os alimentos devem ser consumidos com consciência, pois conforme afirma, “[...] há quem diga que a criança nutrida com bons vinhos e comidas terá melhor sangue e, conseqüentemente, será mais forte. Essa opinião é falsa, porque os alimentos delicados são corrompidos mais cedo do que outros, e, de acordo com Aristóteles, nem fortalecem o corpo de uma pessoa tão bem como os alimentos simples”. Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 60.

proporcionar o funcionamento de toda a estrutura do organismo, nutrindo e ajudando-se mutuamente, do mesmo modo que no corpo físico.<sup>243</sup> Dentro desta mesma perspectiva, Christine problematiza que os simples trabalhadores, aqueles que de fato são os responsáveis pelo suporte do corpo político, são os responsáveis pela nutrição de todas as pessoas, isto é, de cada membro, que depende deste trabalho para bem desempenhar todas as suas funções.

Quanto aos simples trabalhadores da terra, o que devo dizer deles quando tantas pessoas os desprezam e oprimem? De todos os estados, eles são os mais necessários, aqueles que cultivam a terra que alimenta e nutre a criatura humana, sem o qual o mundo acabaria em pouco tempo. E realmente aqueles que lhes fazem tantos males não prestam atenção ao que fazem, pois qualquer um que considere a si mesmo uma criatura racional terá uma obrigação para com eles. É pecado ser ingrato por tantos serviços que nos prestam! E na verdade são os pés que sustentam o corpo político, pois sustentam o corpo de cada pessoa com o seu trabalho.<sup>244</sup>

Neste âmbito, percebe-se de forma expressa o caráter crítico de Pizan em relação às injustiças sociais. Christine se utiliza, conforme observado, de inúmeras metáforas para defender a construção de uma sociedade mais justa, com destaque para o tratamento e a imagem que cada membro do corpo político detinha. No exemplo acima, há a denúncia da opressão e da imagem e atitude de desprezo da população, apesar de ser o seu trabalho o responsável não apenas pela continuação da vida, mas do início desta, pois a autora irá retomar a narrativa bíblica para defendê-los do recorrente menosprezo. Assim, a figura de Adão e Noé são invocadas para lembrar que ambos foram trabalhadores da terra, dedicando-se a cultivá-la, demonstrando o quanto tal ofício é importante e outrora valorizado. Em seguimento, Christine exemplifica com histórias de nobres que após grandes vitórias preferiram uma vida mais simples e, portanto, benéfica para a própria alma, colocando, por fim, que “não há dúvida de que o estado dos pobres que todos desprezam tem muitas pessoas boas e dignas na pureza de vida”.<sup>245</sup>

A defesa e busca pela simplicidade se atrela à ideia do bem comum, configurando-se, portanto, no conselho base para o funcionamento ideal de todo o

---

<sup>243</sup> Ibid., p. 107.

<sup>244</sup> Tradução própria. Ibidem.

<sup>245</sup> Tradução própria. In: Ibid., p. 109.

organismo social. No sexto capítulo, da primeira parte da obra, que trata justamente do governo do príncipe, este deve seguir três diretrizes principais, conforme já mencionado anteriormente, sendo a primeira o amor, temor e serviço à Deus; a segunda o amor ao bem e a busca pelo benefício de seu país e de suas pessoas; e, por último, o amor à justiça, sobretudo, buscando-se a equidade. Desta forma, o que Christine demonstra é que o ser humano enquanto “pequeno vaso”, deve se afastar da “boca insaciável do inferno”, conforme já abordado, sendo este um conselho especialmente direcionado aos governantes. Portanto, o príncipe como vicário de Cristo na Terra<sup>246</sup> deve governar visando o bem comum, sendo justo tanto em relação a possíveis reprimendas quanto aos impostos e demais cobranças direcionadas ao seu povo.

Ele deve desejar que seus súditos desempenhem o seu melhor em qualquer cargo que Deus os tenha colocado. Os nobres devem fazer o que lhe é devido, os clérigos cuidam de seus estudos e do serviço divino, os comerciantes de suas mercadorias, os artesãos de seu ofício, os trabalhadores do cultivo da terra, e, assim, cada um seja qual for a sua posição, deve viver de acordo com a boa política, sem extorsão nem cobrança excessiva, para que cada um possa viver adequadamente sob ele, e que o amem como um bom príncipe deve ser amado por seu povo, e que ele receba deles a receita legal, isso é razoável coletar e tirar de seu país, sem roer até os ossos seus pobres plebeus. Quando perguntado por que ele não cobrava impostos maiores de seu povo, o imperador Tiberíades respondeu, Valério nos conta, “o bom pastor tosquia suas ovelhas apenas uma vez por ano; ele não as esfola o tempo todo, nem as esfola a ponto de tirar sangue”.<sup>247</sup>

Em suma, o príncipe se torna também o “bom pastor”, que cuidará bem de suas “ovelhas”, ou seja, aquele que irá administrar de forma justa os recursos, proporcionando bem-estar e equidade para seu povo. Conforme apontado no segundo capítulo, da presente Tese, “As dimensões do discurso corporal”, embora Christine detenha uma proposta de organização social tradicional, retomando a justificativa de uma divisão social estruturada por Deus, esta difere em relação ao espaço dedicado ao clero. O príncipe, desta forma, é também responsável por administrar o âmbito religioso, sendo que o clero acaba por não se destacar dentro da estrutura proposta por Pizan, encontrando-se apenas referenciado de forma

---

<sup>246</sup> Ibid., p. 12.

<sup>247</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 19.

pontual na terceira parte da obra, a qual é dedicada às pessoas comuns. Portanto, as admoestações e a forma que Christine organiza a sua obra, cujos conselhos seguem exatamente a ordem social sugerida, demonstram o papel do simbólico em toda construção narrativa, invocando imagens que possam indicar a construção de uma arquitetura corporal e cidadina dual.

### 3.2 A ressignificação do espaço feminino

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que a mármore fixado com cimento. Assim, tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo.<sup>248</sup>

Em continuidade ao estudo da construção de uma arquitetura política dual, a qual abrange tanto o campo físico quanto o espiritual em termos discursivos, analisar-se-á neste momento o desdobramento desta perspectiva dialogando-se a partir das obras “A Cidade das Damas” e “O Livro do Corpo Político”. Percebe-se que Christine perpassa por diversos espaços no campo do discurso para consolidar o seu projeto de sociedade, que em última instância, se configura enquanto substancialmente político. E dentro desta política, que se pretende mais igualitária ante os sexos que a habitam, a autora se propõe a ressignificar a configuração dos espaços que direcionam a vida em sociedade. E, entre estes espaços, pode-se afirmar que o primeiro é o da virtude. A virtude constitui o campo que proporcionará autoridade a todo o embate, que em consequência, reestruturará, dentro da perspectiva política de Pizan, a ordem de separação entre os sexos.

Embora a contestação desta ordem não seja explícita, nas entrelinhas do discurso percebe-se nitidamente esse intento. Conforme já colocado, no período e posição que Christine ocupava não seria concebível expor a proposta de uma reordenação social manifesta. Conforme discutido acima, observa-se que o clero, por exemplo, não ocupa lugar de destaque no corpo político construído por Pizan, estando este junto aos mercadores, burgueses, trabalhadores da terra. Além deste ponto, na terceira parte da obra, é colocado enquanto função do príncipe administrar tais espaços religiosos, sendo considerado o “vicário de Cristo”. Portanto, para compreender-se a dimensão desta ressignificação no discurso é preciso se ater a tais indicativos.

---

<sup>248</sup> PIZAN, 2012, p. 67.

Neste sentido, a virtude é o primeiro argumento e espaço que Pizan irá invocar para combater a visão misógina de seu tempo. Identifica-se tanto em “A Cidade das Damas” quanto em “O Livro do Corpo Político” a defesa das virtudes femininas; no primeiro livro de forma evidente a partir do diálogo de Christine e as Damas da Razão, Retidão e Justiça, e dos inúmeros exemplos citados; já no segundo livro, de forma implícita, pois apesar de os exemplos virtuosos serem especialmente masculinos, a autora que os cita detém a autoridade para indicá-los, o que lhe confere em última análise, a defesa de sua própria virtude, e, pois, do feminino.

É apenas por conta do exercício da virtude em Pizan, e desta forma, constituindo igualmente enquanto exemplo do próprio sexo, que sua obra escrita se torna possível, apesar de lamentar que “todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício”.<sup>249</sup> Desta forma, Pizan objetiva ser uma voz que reverbere contra tais acusações, relembando as virtudes das mulheres ao longo da história, além de sua própria obra constituir-se enquanto comprovação do poder feminino.

Em retorno à citação de abertura do presente subcapítulo, Christine é informada pelas três referidas damas que os materiais a ela entregues serão “tão fortes e mais resistentes do que o mármore fixado com cimento”,<sup>250</sup> o que garantirá a eternidade para a cidade. A resistência destes materiais se deve, pois, ao exercício da virtude, conforme pontua na obra “O Livro do Corpo Político”, capítulo 16, a respeito da virtude da clemência, em admoestações para o futuro governante, “quanto mais profunda e forte a fundação de uma torre, menor será o choque de uma pequena pedra”.<sup>251</sup> Por conseguinte, a cidade das damas e mesmo o corpo político proposto por Pizan partilham do mesmo ideal de virtuosidade, em que tanto arquitetura quanto política somente serão viáveis e positivas se forem pautadas em “materiais resistentes” e “fortes edificações”, metáforas estas que buscam legitimar a boa conduta dos habitantes e de seu governante.

---

<sup>249</sup> PIZAN, 2012, p. 58-59.

<sup>250</sup> Ibid., p. 67.

<sup>251</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 30.

Neste sentido, o domínio e prática de uma vida virtuosa, independe do sexo do indivíduo, sendo o espaço da virtude posto em debate. Assim, não seriam os homens apenas os mais propensos a se destacar nos bons costumes e governo de si, mas igualmente as mulheres. Christine deixa de forma implícita tal pensamento em “O Livro do Corpo Político”, ao destacar na segunda parte, destinada a conselhos para os nobres e cavaleiros, que os sábios conselhos dados ao príncipe também se destinam a estes e a cada ser humano – homem ou mulher.

Mas não há dúvida de que se pode dizer o mesmo aos nobres e aos príncipes quando se trata das virtudes [...]. Isto significa que lhes compete também amar a Deus e temê-lo sobretudo, zelar pelo bem público para o qual foram estabelecidos, preservar e amar a justiça de acordo com as suas competências; assim como acontece com príncipes e outros seres humanos. Ser humano, liberal e misericordioso, amar os sábios e bons e governar de acordo com os seus conselhos, e da mesma forma eles devem ter todas as outras virtudes, que não creio que irei descrever para eles, pois basta tê-las descrito uma vez. O que eu disse antes sobre as virtudes serve a cada estado na política e a cada indivíduo [...].<sup>252</sup>

Assim sendo, Pizan sublinha que o corpo político deve ser coeso em relação às práticas virtuosas, como reverenciar Deus, respeitar o bem público e preservar a justiça, além de reconhecer e seguir aquilo que é considerado sábio. Em diálogo com “A Cidade das Damas”, a autora objetiva lutar por este espaço através do debate entre a Dama Retidão e Christine, em que esta questiona se os homens em seus registros teriam razão em afirmar a inconstância, leviandade e o temperamento fraco enquanto inerente às mulheres. Em seu próprio questionamento é sublinhado de forma irônica tal atitude, “mas, se eles também não são tão firmes, seria vergonhoso, para eles, acusarem os outros dos mesmos defeitos, ou exigir uma virtude que eles mesmos não têm”,<sup>253</sup> enfatizando-se desta forma a semelhança entre os sexos no que tange a eventuais vícios.

[...] “Mostrar-te-ei que é uma grande contradição de os homens falarem tanto na leviandade e inconstância das mulheres. Todos afirmam, em geral, que as mulheres são muito fracas. E, como eles acusam-nas de fraqueza, supõe-se que eles se achem constantes, ou, ao menos, que sejam mais do que as mulheres. Na verdade, eles cobram das mulheres uma constância maior do que a deles, e eles, pretendendo serem nobres e virtuosos, não conseguem evitar que

<sup>252</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 58-59.

<sup>253</sup> PIZAN, 2012, p. 239.

caiam em muitos erros e pecados, não tanto por ignorância, mas por pura malícia, sendo conscientes de que estão agindo mal. Mas, justificam, por isso, dizendo que pecar é humano. Mas, quando acontece de uma mulher cometer alguma transgressão – mesmo se eles próprios são os responsáveis por suas manobras e instigações – então, trata-se de fraqueza e inconstância, como eles sempre dizem. [...] Nenhuma lei ou tratado lhes concede o direito de pecar mais que as mulheres, nem que o vício seja menos grave para eles. Na realidade, eles se autoconferem uma tal autoridade moral que, não admitindo nada para as mulheres, eles as acusam dos piores crimes e dos maiores defeitos. Pois, muitos são aqueles que as acusam, sem querer reconhecer a força e a constância das mulheres que passaram por tantas dificuldades. Assim, em todas as questões, os homens querem ter razão e garantir os dois lados da moeda.<sup>254</sup>

Por conseguinte, Christine descorporifica o homem enquanto ser substancialmente mais elevado que a mulher, denunciando que a autoridade moral, a qual é constantemente referida pelos homens e, pois, atribuída a estes, se trata de uma incongruência e hipocrisia. É importante destacar que as damas que acompanham Pizan e que representam a encarnação de três atributos fundamentais, Razão, Retidão e Justiça, são mulheres, que conforme se apresentam são “filhas de Deus, e de nascimento divino,<sup>255</sup> que objetivam zelar pela manutenção e ordem a partir das leis. Logo, o espaço da virtuosidade e governança é fundamentalmente feminino.

Observa-se esta mesma perspectiva em “O Livro do Corpo Político”, na imagem da já citada “Rainha Felicidade”, a qual representa, em última instância, o resultado de um comando de sucesso. Percebe-se, deste modo, que ao abrir espaço no campo da virtude, por consequência, outros espaços se manifestam como o do exercício da política. Afinal, a política seria apenas uma atividade essencialmente masculina? Para Christine, as mulheres sendo tão virtuosas e propensas ao vício como os homens, não haveria justificativa para a negação do pensamento e da prática política.

Desta forma, em seu questionamento sobre o fato de as mulheres não participarem de forma mais ativa em seu tempo neste campo, se refere apenas a uma questão de organização social. Organização esta proposta por Deus, conforme

---

<sup>254</sup> Ibidem.

<sup>255</sup> PIZAN, 2012, p. 64.

aponta Pizan, cuja explicação não se encontra no fato de uma limitação no que se refere à intelectualidade, mas por conta que o exercício da justiça requereria certa brutalidade, isto é, o uso da força do corpo e das armas, em caso de punição, o que não seria conveniente ou mesmo necessário, uma vez que os homens já o fazem.<sup>256</sup> Em diálogo com as admoestações elencadas por Pizan a respeito do governo do príncipe, observa-se justamente esta visão de que é necessário punir aqueles que desestruturam a ordem estabelecida, não cumprindo as leis. Neste âmbito, a autora enfatiza a imagem do governante enquanto forte neste sentido, propondo um ideal de príncipe temido, mas justo.

A natureza da justiça e para que serve e em que medida, é bem conhecida e compreendida; é apropriado que o bom príncipe puna (ou faça punir) os malfeitores. E assim deixarei isso de lado por um tempo e passarei ao que também convém ao bom príncipe: a virtude da justiça, que dá a cada um o que lhe é devido, de acordo com seu poder. Se ele guardar esta regra, que é justa, não falhará em fazer equidade em tudo e, assim, prestará a si mesmo o que lhe é devido. Pois é racional que ele tenha o mesmo direito que concede a todos, o que significa que será obedecido e temido pelo direito e pela razão, como convém à majestade de um príncipe. Pois em qualquer terra ou lugar onde um príncipe não seja temido, não existe justiça verdadeira.<sup>257</sup>

Em continuidade a esta análise, ao questionar sobre o porquê das mulheres serem excluídas do judiciário, Pizan sublinha a capacidade e poder do feminino na história e na filosofia, salientando a sapiência das mulheres em administrações, conselhos e na arte da governança. Portanto, da mesma forma que Pizan justifica a falta de mulheres em sua contemporaneidade no campo do político, este espaço é estrategicamente aberto enquanto possibilidade, na ênfase no que tange à existência de mulheres que obtiveram sucesso quando este papel fora-lhes concedido por necessidade ou mesmo por escolha. Logo, embora possa parecer paradoxal, é um espaço que se expressa como já ter sido ocupado por mulheres, as quais, por conseguinte, podem voltar a ocupá-lo.

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova, justamente, o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram

---

<sup>256</sup> PIZAN, op. cit., p. 91-92.

<sup>257</sup> Tradução própria. In: Pizan, 2007, p. 38.

grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E, a fim de que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente.<sup>258</sup>

Em retorno à citação de abertura deste subcapítulo, Christine irá ocupar o espaço do político ao ser convocada a projetar uma cidade virtuosa. Assim, é aconselhado que colete a “água viva” das três damas, as quais representam os atributos necessários para a boa arquitetura e governança. Vale ressaltar que a ideia e missão de “projetar e construir” é simbólica, conferindo o espaço não apenas da opinião política, mas da própria possibilidade de governo desta cidade.

Nesta mesma obra, no contexto sobre as acusações levianas da presença de vícios recorrentes nas mulheres, Pizan exalta as obras femininas que demonstram a necessidade deste trabalho e o impacto no cotidiano da cidade, a partir de questionamentos como: “Quem faz visita aos doentes? Quem os reconforta? Quem presta socorro aos pobres? Quem vai aos hospitais? Quem enterra os mortos?”<sup>259</sup> Destarte, Christine expõe o aspecto devocional das obras femininas, indicando não apenas a virtuosidade das mulheres, mas conferindo-lhes autoridade quanto a sua atuação que também assume caráter político.

Mais adiante, na apresentação da dama Retidão, a autora recebe a orientação de construir a cidade ideal pautando-se na justa medida, cujo parâmetro será responsável por sustentar todo o organismo social. E utilizando-se de metáforas, percebe-se que a correta diretriz deve preencher todos os espaços, templos e casas, conferindo assim certa crítica sutil também a estes lugares, pois exalta a necessidade das virtudes em todos os espaços, o que leva o leitor a estabelecer de certo modo um comparativo com a realidade destes lugares. A diretriz mencionada é dada pela dama Retidão, que se apresenta como o caminho

---

<sup>258</sup> PIZAN, 2012, p. 92.

<sup>259</sup> PIZAN, 2012, p. 85.

pelo qual tudo poderá ser construído, mas também superado, uma vez que com o seu auxílio e o de Deus qualquer barreira será destruída.

Faço obstáculo à força e à potência dos perversos. É através de mim que Deus revela seus segredos àqueles que ele ama; sou sua advogada no céu. Faço recompensar as penas e os benefícios. Seguro, na minha mão direita, essa espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto: quem a segue nunca se desviará. Os justos se unem a esse bastão da paz e se apoiam nele; já os perversos, com ele, levam pancadas e surras. Que tenho mais a dizer? Traçam-se os limites de todas as coisas com esta régua, pois suas virtudes são abundantes. Saiba que ela te será útil para medir as construções da Cidade que deves levantar: terás muita necessidade dela nos prédios, para erguer os grandes templos; construir e desenhar os palácios, as casas e todos os empórios, as ruas e as praças, e para te ajudar em tudo que for necessário para o povoamento de uma cidade. Vim para ajudar-te, e tal será meu papel. Se o diâmetro e circunferência das paredes, dos portões te parecem grandes, não te assustes; com a ajuda de Deus e a nossa, tu o concluirás, preenchendo, enfim, o espaço de belas residências e magníficas mansões, sem deixar o menor espaço vazio”.<sup>260</sup>

Deste modo, a referida autora se coloca na narrativa da cidade de forma ativa, enquanto àquela que está dotada das virtudes e, portanto, possui a justa medida para se dedicar e projetar uma arquitetura, que conforme já problematizado, se propõe dual. As esferas do espiritual e material dialogam constantemente, imbricando-se na narrativa, pois a construção da cidade ideal é possível apenas a partir da intervenção do plano divino. E esta esfera que se desdobra nas concepções religiosas é outro espaço ressignificado por Christine. Conforme mencionado anteriormente, o espaço do próprio templo será construído através dos atributos da dama Retidão e da intervenção da própria autora. Assim, o espaço religioso é confeccionado a partir de duas mulheres, as quais dialogam ante essas duas dimensões – espiritual e material. Portanto, este espaço da fé é ressignificado, não apenas com a inclusão das mulheres no debate, mas com a ênfase em suas realizações.

Ninguém pode calcular o grande bem que as mulheres causaram e causam até hoje. Já te demonstrei, com exemplos das nobres damas que trouxeram ao mundo as ciências e as artes. Mas, se tudo aquilo que te disse a propósito dos bens materiais não te são suficientes, falar-te-ei dos espirituais. Oh! Como um homem pode ser tão ingrato,

---

<sup>260</sup> PIZAN, 2012, p. 69.

ao ponto de esquecer-se de que as portas do paraíso lhe foram abertas graças a uma mulher? Como já te contei, trata-se da Virgem Maria, se pode esquecer o bem enorme que fazem as mulheres aos seus filhos, e as mulheres a todos os homens? Peço-lhes que, pelo menos, os bens que tocam aos dons espirituais, eles não esqueçam. Vejamos, a antiga lei hebraica: se queres lembrar a história de Moisés, a quem Deus deu a lei escrita aos Judeus, tu encontrarás que aquele santo profeta, de quem deriva tantas coisas boas, foi salvo da morte por uma mulher [...].<sup>261</sup>

Assim, o espaço da mulher também está presente de forma positiva no âmbito religioso, pois os modelos de feminino expostos por Pizan procuram não apenas rememorar, mas remodelar tais perspectivas. No caso da imagem de Maria, conforme debatido no segundo capítulo da presente Tese, Le Goff sublinha que de forma articulada pretendeu-se inserir em Maria um *status* de divino, o que em última análise, a desprendia da própria natureza feminina, isto é, impossibilitando o alcance desta virtuosidade por qualquer outra mulher.<sup>262</sup> Por conseguinte, Pizan busca conferir o contrário, apontando a natureza feminina em Maria e também em outras mulheres, defendendo que esta natureza, ao contrário do tão difundido inerente vício, é valorosa e forte.<sup>263</sup>

Na obra em questão, elenca alguns dos motivos de tais preconceitos contra as mulheres, como a presença de vícios no próprio acusador, enfermidade no próprio corpo (masculino), pura inveja, gosto em maldizer ou ainda para demonstrar que leram muito, se limitando a citar inúmeros autores, mas esquecendo-se da própria experiência.<sup>264</sup> Para Pizan, a natureza da mulher é boa, sendo que aquelas que incorrem em erros em suas vidas, na realidade vão contra a própria essência. Na narrativa bíblica, a autora ressignifica esse espaço religioso realocando o lugar das mulheres, destacando seus papéis. Neste sentido, Eva, Maria e Maria Madalena são exaltadas enquanto exemplos máximos da encarnação da virtude, rebatendo os comentários misóginos que desvinculavam, inferiorizavam ou mesmo ridicularizavam a participação feminina na história cristã.

---

<sup>261</sup> Ibid., p. 213.

<sup>262</sup> LE GOFF, 2013, p. 58.

<sup>263</sup> A ideia de força também aqui é destaque. Apesar de Pizan enfatizar que não seria atributo das mulheres, a virtude constitui e substitui este ideal. Apesar de as Amazonas serem um exemplo de sucesso também neste sentido.

<sup>264</sup> PIZAN, 2012, p. 75.

Neste âmbito, na obra “O Livro do Corpo Político”, Christine não chega a abordar a notabilidade da participação feminina na história religiosa, mas este espaço religioso, com caráter combativo se encontra presente de outra forma. Ao abordar a necessidade do louvor e temor à Deus a todos os indivíduos, Christine se utiliza de sua autoridade para aconselhar e mesmo lembrar a importância deste contato com o divino. Além disso, ao propor uma vida de acordo com as leis divinas, a autora sublinha o trabalho ante as duas esferas, tanto materiais quanto espirituais, comunicando, portanto, a construção que se faz imprescindível de frente a salvação da própria alma.

E assim, o bom príncipe que ama a Deus observará e guardará cuidadosamente a lei divina e as instituições sagradas em tudo o que for digno e devoto (o que não discutirei por razões de brevidade, também porque a maioria das pessoas preferiria ouvir falar de coisas menos enfadonhas). Mas o bom príncipe que guarda e observa estas coisas deve acreditar firmemente que Deus o guardará, defenderá e o aumentará em virtude de alma e corpo.<sup>265</sup>

Por consequência, o que a autora indica é que o destino é o mesmo para todos, o qual se encontra atrelado à conduta terrena. Logo, seguir os preceitos divinos proporciona a eternidade não apenas de seu corpo, mas do próprio governo. Na citação inicial, as damas garantem a eternidade da cidade de Christine, justamente por conta do ambiente virtuoso. Na obra dedicada ao príncipe, essa dimensão é abordada a partir dos conselhos de boa conduta para com seus habitantes, com respeito aos pobres e indigentes, se é pretendido que o príncipe alcance o Paraíso. Conforme trabalhado no subcapítulo anterior, a imagem do inferno era constantemente utilizada para enfatizar a existência da justiça divina, a qual não falharia como a terrena. Em diálogo com Jacques Le Goff, observa-se propriamente esta perspectiva.

Como ensina o Evangelho de Mateus, no fim dos tempos, quando do Juízo Final, Deus separará os maus dos justos. De um lado, os “bodes” irão encontrar o caldeirão do diabo e o fogo eterno do inferno, de outro, as “ovelhas” serão conduzidas ao jardim do paraíso. Aos pecadores, o inferno; aos piedosos, o paraíso. As mulheres e os homens da Idade Média são invadidos por esse pensamento, por esse horizonte celeste ou funesto. Como lembra Jérôme Baschet, “o destino no além não é apenas a sobrevivência da alma, é também o destino eterno do corpo ressuscitado. Os

---

<sup>265</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 15.

condenados serão, portanto, atormentados, em seu corpo e em sua alma, e os eleitos se beneficiarão, na beatitude celeste, de um corpo glorioso, dotado de dons maravilhosos, deslocando-se sem esforço, radiante de luz, de uma perfeita beleza e eterna juventude”.<sup>266</sup>

Na reflexão quanto à conjectura deste “corpo glorioso”, conforme apontado por Baschet na citação acima, percebe-se que Christine ao tomar a frente e expor este debate em ambas as obras, objetiva ressignificar o espaço do próprio corpo físico das mulheres, cuja associação com a carne se fazia muito mais presente do que em comparação com os corpos masculinos que estavam mais propensos a um direcionamento espiritual. Para Christine, o destino que a todos espera, conforme adverte em “O Livro do Corpo Político”, é um destino para todos os sexos, que inclusive independe do *status* social.

A crítica muitas vezes sutil conferida aos clérigos, acaba por lhe conferir autoridade, assim como redimensionar o papel destes no corpo político, uma vez que não possuem um papel de destaque. Assim sendo, este espaço religioso também se torna um espaço de combate para a autora, uma vez que ousa realizar uma verdadeira releitura do discurso espiritual quanto ao lugar do feminino. E não apenas reformula o lugar das mulheres, conectando-as a um espaço virtuoso, como através de sua própria intelectualidade se propõe a ironizar de certo modo o conhecimento dos próprios clérigos.

Dama, sinceramente, vejo que Deus – que seja louvado! – deu à mente feminina muita agudeza para compreender, conhecer e reter toda as áreas do conhecimento. Porém, veem-se numerosas pessoas, cuja vivacidade de espírito permite o conhecimento e a inteligência em tudo que se ensina, e que têm tanta facilidade que qualquer ciência está a seu alcance e nada é obstáculo. Basta apenas aplicar-se ao estudo para conseguir um grande saber. E, no entanto, veem-se muitos clérigos sábios e, até mesmo, os mais famosos, faltando-lhes discernimento em suas condutas e nas vidas privadas. O que me deixa profundamente surpresa. Pois, sem dúvida, as ciências geram os costumes e ensinam a viver sabiamente.<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> LE GOFF; TRUONG, 2013, p. 128.

<sup>267</sup> PIZAN, 2012, p. 153.

É importante destacar que os espaços que Christine reivindica às mulheres, são espaços que se imbricam na narrativa, pois ao defender o corpo físico, dimensionando sua relação espiritual, também constrói um lugar diferenciado para as mulheres na cidade ideal e na governança. E esta governança para Pizan se pauta na perspectiva de um príncipe sábio, a exemplo do rei Carlos V. A busca pelo conhecimento para Christine possui lugar especial, pois foi justamente através da apreciação do saber que foi permitido à autora se estabelecer enquanto voz ativa e, pois, defensora das mulheres. Na obra “O Livro do Corpo Político” este incentivo à busca pelo conhecimento é um dos conselhos iniciais que Pizan recomenda ao futuro governante, atrelando a virtude de tal atitude e a própria eternidade, através da memória dos grandes feitos.

E se ele parecer inclinado ou talentoso para aprender, ele deve encorajá-lo através de palavras agradáveis e razões, para que ele compreenda a grande felicidade que pode ser encontrada no aprendizado, abrindo-lhe o caminho para a filosofia e fazendo-o apreciar e entender isso. E se ele tiver tal tutor no início, se ele continuar com tal aprendizado, quando atingir a maioridade, o filho do príncipe terá excelência em virtude e grande fama.<sup>268</sup>

O conselho quanto ao estímulo e caminho pelo saber é igualmente uma forma de expor a autoridade da autora, e assim realçar a capacidade de um corpo frequentemente posto enquanto subordinado, pois, conforme coloca Carla Casagrande, mesmo quando é colocada a possibilidade de uma vida espiritual digna, e eventualmente superior até à dos homens, as mulheres continuam sendo compreendidas enquanto inferiores no corpo.<sup>269</sup>

Neste sentido, a exaltação ao conhecimento em Pizan é uma forma de igualar as competências entre os sexos, pois conforme irá desenvolver em seus escritos, a potência da racionalidade não apenas é verificada, como possível para a mente feminina. Portanto, este discurso não é apenas uma validação para o exercício do papel de uma escritora feminina, mas se constitui igualmente como a ressignificação de um ambiente majoritariamente masculino. Assim, na obra “A Cidade das Damas”

---

<sup>268</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 8.

<sup>269</sup> CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY; PERROT; KLAPISCH-ZUBER, 1993, p. 124.

Christine deixa claro que seu projeto se inicia no campo das letras, isto é, no caminho do intelecto.

“Levanta-te, filha! Sem mais demora, partamos ao Campo das Letras; é nessa terra rica e fértil que será fundada a Cidade das Damas, lá onde se encontram tantos frutos e doces rios, lá onde a terra abunda em tantas coisas boas. Pega a enxada de tua inteligência e cava bem. Em todo lugar em que verás as marcas da minha régua, faça um buraco profundo. Quanto a mim, ajudar-te-ei carregando os sacos de terra sobre meus próprios ombros.”

Então, para obedecer às suas ordens, levantei-me prestamente, pois, graças à virtude delas, estava mais forte e mais leve do que antes. Então, ela, na frente, e eu, em seguida, chegamos ao campo referido e, seguindo sua indicação, pus-me a cavar o buraco com minha enxada da indagação.<sup>270</sup>

Para a autora, a “enxada da inteligência” é igualmente a “enxada da indagação”, uma vez que conforme desenvolve Christine, o intelecto se atrela ao questionamento. Nas metáforas utilizadas acima, é nítido que além da questão intelectual, as virtudes transformam o corpo de Pizan, dando-lhe força, que permitem suportar os “sacos de terra”, cuja alegoria da dama Retidão auxilia a carregar. Neste ínterim, Pizan aborda inicialmente que a racionalidade, seguida do discernimento quanto aos conhecimentos, permitem que esta possa combater e, desta maneira, construir a sua cidade ideal.

Em seguida, nos proporciona a visão de que a virtude e o correto aperfeiçoamento da inteligência possibilitam que esta enfrente o presente desafio, que seria a difamação das mulheres, e por consequência, a negação do espaço político. Em continuidade às discussões presentes na obra em questão, no capítulo em que aborda as fundações da cidade, a autora denuncia ao final que as falas e escritos que inferiorizam as mulheres são improcedentes, pois “eles acham que se outros escrevem o que eles queriam dizer, então, eles não podem estar enganados. É assim que eles se põem a difamar.”<sup>271</sup> E assim sendo, reproduzem o desconhecimento em obras e palavras, que apenas são apreciadas por “pessoas simples e ignorantes”, que julgam estas serem as “maiores maravilhas do mundo”.<sup>272</sup>

---

<sup>270</sup> PIZAN, 2012, p. 73.

<sup>271</sup> Ibid., p. 78.

<sup>272</sup> Ibidem.

Em diálogo com Carla Casagrande, observa-se este medo de as mulheres serem letradas, atribuindo a esta prática possíveis adversidades. Por isso, a abertura ao estudo realizada pelas mulheres abarcou inicialmente apenas o âmbito das leituras de ordem religiosa, como uma prática que poderia afastá-las dos tão próximos pecados.

Mas as palavras escritas que as mulheres podem ler, decorar e repetir na tranquilidade da casa são apenas as palavras edificantes da literatura religiosa, e não as palavras perigosas contidas nos livros licenciosos dos poetas e dos romancistas, bem como nas cartas furtivas dos amantes. Nas páginas dos pregadores e moralistas, a literatura revela-se para as mulheres como um ulterior e extraordinário instrumento de custódia, capaz de incrementar a religiosidade, conjurar o ócio, afastar as tentações [...].<sup>273</sup>

Porém, o espaço das letras requerido por Pizan não se circunscreve no contexto religioso somente. O espaço requerido no ramo do conhecimento é amplo, perpassando pela própria reescrita da história, até chegar no acesso aos estudos pelas mulheres. Convém lembrar que o fato de as mulheres muitas vezes não se encontrarem nestes espaços de um saber mais específico ou mesmo no âmbito da justiça, é justificado por Pizan como sendo algo de caráter organizacional e não em termos de competência.

Em certo momento, a autora questiona a dama Razão sobre um provérbio de origem latina que diz que “Deus criou a mulher para chorar, falar e tear”. Em resposta à Christine, a referida dama responde que ambas as atividades elencadas não são indignas, mas pelo contrário. Em relação às lágrimas, esta exalta aquelas contidas na narrativa bíblica, constituindo-se em verdadeiros exemplos de devoção, como no caso do doutor da Igreja Santo Agostinho, em que se atribui as lágrimas de sua mãe à sua conversão. Em seguimento, para frisar a importância da fala, cita a escolha do próprio Cristo em aparecer primeiro à Maria Madalena, deixando que esta comunicasse a sua ressurreição. E, por último, relativo à ocupação de tear, a dama exalta a elevação de tal ofício, constituindo-se em um “trabalho necessário ao serviço divino e à manutenção de toda criatura racional, sem o qual o mundo viveria

---

<sup>273</sup> CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY; PERROT; KLAPISCH-ZUBER, 1993, p. 137.

na maior dissolução”.<sup>274</sup> Logo, Christine se propõe a ressignificar as narrativas que visam subtrair a potência do feminino, reconfigurando e viabilizando novos espaços, sobretudo o político.

---

<sup>274</sup> PIZAN, 2012, p. 90.

## CAPÍTULO IV

### **A construção de uma história de gênero para a conquista de uma política feminina**

Não sei mais o que te dizer, Christine. Poderei citar-te um número infinito de mulheres de diversas condições: virgens, viúvas ou casadas, em que a potência divina manifestou-se por uma força e uma constância extraordinárias. Mas, que isso seja o suficiente para ti, pois, parece-me que cumpra corretamente minha tarefa de dar o acabamento na parte superior de tua Cidade, e povoando-a com mulheres excelentes, como te havia prometido. As últimas servirão, então, de portas e grades para a nossa Cidade. E mesmo se não cito – pois seria muito difícil de fazê-lo – todas as santas que existiram, que existem e que existirão, todas poderão encontrar um lugar nesta Cidade das Damas, sobre a qual poderia se dizer: “Gloriosa dicta sunt te, civitas Dei!” Eis, então, tua Cidade perfeita, fortificada e bem segura, como te havia prometido.<sup>275</sup>

Passado, presente e futuro. Tempos esses que se imbricam na narrativa e discurso de Pizan, objetivando proporcionar reflexões e mudanças na perspectiva dos papéis femininos enquanto subalternos. Para Christine, em todos os tempos é possível verificar a presença e, não apenas isso, mas especialmente a ação e o respectivo benefício da atividade das mulheres na história, e, pois, na própria política. Conforme discutido no primeiro capítulo, “Releituras do feminino medieval”, da presente Tese, é fundamental que não se pretenda apenas “anexar” a participação feminina na História, no sentido de estas serem observadas enquanto exceções na dinâmica dos acontecimentos, sendo assim, relegadas ao esquecimento mesmo que citadas.

Sob esta perspectiva, é importante ressaltar que o trabalho de Christine de Pizan converge justamente neste ponto, não apenas em revelar a quantidade de mulheres ativas e influentes no decurso da história, mas de colocá-las em par de igualdade em relação às suas virtudes e competências, combatendo-se o ideal muitas vezes velado de uma “História Anexo”. Desta maneira, a construção de uma

---

<sup>275</sup> PIZAN, 2012, p. 337-338.

cidade virtuosa feminina não pretende apenas abarcar uma defesa visando a validação das atividades já estabelecidas enquanto femininas, mas principalmente redimensionar a potência do feminino, enquanto agente transformador, desconstruindo alguns símbolos definidores, conforme elucidado abaixo, por José Rivair Macedo.

A definição dos papéis e dos lugares das duas “metades” encontra-se expressa nos próprios símbolos que as designavam: o homem, a espada; a mulher, a roca. Ao homem, um símbolo de força, virilidade e violência; à mulher, um símbolo do trabalho doméstico, consubstanciado na imagem de um instrumento para fiar tecidos. Ao homem, o símbolo de uma atividade realizada na vida privada. Trata-se, evidentemente, de um estereótipo, de uma idéia desmentida pela realidade histórica [...].<sup>276</sup>

Em diálogo com Michelle Perrot, ressalta-se justamente esta questão, do quanto o feminino se atrela às transformações cotidianas, destacando em sua análise que “[...] o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história”.<sup>277</sup> Assim sendo, Christine utiliza da metáfora da cidade não apenas como imagem para debater os virtuosismos das mulheres ou mesmo da presença de uma estrutura dual no contexto administrativo, mas enquanto metáfora da própria história, isto é, da memória, como um campo que privilegiou os registros masculinos em contraposição à voz feminina. Portanto, a criação de uma cidade das mulheres, se refere, em última instância, da proposta de uma reescrita da própria história. E neste sentido, Christine busca reaver uma autoridade em todos os campos da existência, conforme trabalhado no capítulo anterior, em relação aos seus espaços de combate, como o religioso, o da virtude, do conhecimento, do corpo, da política e, pois, da própria história.

Deste modo, Christine expõe a problemática da memória, indicando o quanto a perpetuação de uma estrutura social que marginaliza as mulheres, afeta a possibilidade de promoção nas narrativas, dificultando muitas vezes a validação de um domínio destas perante o campo político, por exemplo. A luta pela inserção das mulheres na trama histórica, busca legitimar o seu discurso tanto a nível social

<sup>276</sup> MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 10.

<sup>277</sup> PERROT, 2017, p. 199.

quanto político. Por isso, a produção da obra “O Livro do Corpo Político” se projeta igualmente de forma a proporcionar autoridade para Pizan e, por consequência, ao feminino. Mary Beard, em referência à Antiguidade, sublinha o quanto o domínio do discurso público e da oratória constituíam-se enquanto símbolos da masculinidade, sendo atividades relegadas ao sexo feminino.

O que quero dizer é que o discurso público e a oratória não eram apenas coisas que as mulheres antigas não faziam: eram práticas e habilidades que definiam a masculinidade como gênero. Como vimos com Telêmaco, tornar-se homem (ou pelo menos um homem de elite) era reivindicar o direito de falar. Discursar publicamente era uma – se não a – característica que definia a masculinidade.<sup>278</sup>

Assim, quando Christine resgata a participação feminina desde a Antiguidade, procura reaver este lugar de silêncio, resignificando-o. A escrita para Pizan representa este lugar de fala, que mesmo no período posterior, no âmbito medieval, não era possível para as mulheres em igualdade. Os silêncios são rompidos nesta dimensão escrita, registrando-se não apenas o pensamento da própria autora, mas proporcionando espaço para as mulheres do passado, do presente e do futuro, conforme expõe Christine na citação de reflexão e diálogo na abertura deste capítulo.

É importante frisar que a escrita também se constituía enquanto espaço eminentemente masculino, por isso Pizan se transfigura em homem, isto é, no capitão do navio, para poder enfrentar a turbulência dos mares.<sup>279</sup> Embora, a sua proposta de transfiguração não seja uma negação das capacidades femininas, mas antes uma resposta ao papel que exercerá diante dos preconceitos em seu tempo. Desta forma, Pizan ousa escrever e se colocar em posição de dar conselhos, buscando renovar as memórias de seu tempo da mesma forma que se projeta como uma autoridade, memorizando da mesma forma seus próprios feitos e valores. Tal concepção de perpetuação da glória, é observada no trecho abaixo selecionado, da obra “O Livro do Corpo Político”.

---

<sup>278</sup> MARY, Beard. *Mulheres e poder*: um manifesto. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023, p. 22.

<sup>279</sup> PERNOUD, 2000, p. 39-41.

Valério diz que quando o feito militar de alguém superava os demais em excelência de coragem, ousadia e força, os romanos faziam uma imagem nobre e a colocavam em um lugar honroso e proeminente dedicado a esse uso e escreviam seu nome e detalhes do que havia feito abaixo dela. E assim eles fizeram um memorial para eles, para que fossem um exemplo para os outros, para que alguém fizesse um grande esforço para ser homenageado desta forma. E tratavam os funcionários da mesma forma: se houvesse um filósofo ou um homem ou mulher notável, como a sábia Sibila, que superasse os outros em sabedoria ou em conhecimento; ou um artesão fazia imagens com tanta habilidade que pareciam vivas, ou um artesão de qualquer ofício fazia um trabalho excelente, eles eram igualmente homenageados. E assim, como você vê, eles desejavam glória e honra, esses nobres antigos, desejo com o qual Valério concorda, dizendo que os virtuosos deveriam desejar honra, glória e reverência.<sup>280</sup>

Por conseguinte, apenas o que era considerado honrado mereceria ser lembrado e, pois, reverenciado. E esta honra, conforme exemplifica em relação aos romanos, não se circunscrevia apenas aos homens, mas igualmente às mulheres consideradas notáveis. Percebe-se deste modo, que de forma sutil, em referência à obra sobre o corpo político, a autora procura evidenciar seu posicionamento de autoridade feminina. E esta autoridade não se circunscreve na mera citação ou menção de personalidades femininas de forma isolada aos acontecimentos. Essas mulheres, nomeadas ou não, são inseridas na trama histórica de forma a evidenciar seu papel, mas também de colocar em diálogo as vozes masculinas e femininas, possibilitando assim uma história de gênero.

Desta maneira, além de se voltar a exemplos da Antiguidade Clássica, Christine utiliza exemplos da hagiografia para destacar neste campo essencialmente memorizado, o quanto as mulheres foram virtuosas e decisivas, conforme já elucidado. Assim, a autora trabalha com a perspectiva do espiritual para legitimar o poder do feminino, intenção explícita quando indica a grandeza da fé e do amor das mulheres, uma vez que estas “[...] não se afastaram do Filho de Deus, nem quando vivo, nem quando morto, enquanto que seus apóstolos todos o renegaram e o abandonaram”.<sup>281</sup> Deste modo, a autora se volta ao exemplo bíblico, que pois incontestemente no âmbito da religiosidade do ocidente medieval europeu, exalta a lucidez feminina em contraposição à expressa ignorância dos homens, apesar dos saberes

---

<sup>280</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 82.

<sup>281</sup> PIZAN, 2012, p. 296.

e posição ocupada na sociedade da época. Em diálogo com Susani Silveira Lemos França, percebe-se o quanto a narrativa bíblica era o elemento principal para o recurso da rememoração, de forma a validar os valores das histórias, as quais perpassavam o material e o espiritual através de múltiplas simbologias.

A Sagrada Escritura funcionava como uma espécie de livro de base de toda e qualquer rememoração, podendo ser chamada de “biblioteca”, ou seja, era norma absoluta e única. Um livro que, entretanto, não podia abdicar do poder da palavra oral, pois tinha ensinado um dos mais influentes escritores do Cristianismo primitivo, São Paulo, que a salvação vinha dos ouvidos e a teologia cristã, entendida como uma “teologia da Palavra”, não é uma teologia da palavra escrita, mas sim da palavra falada. Nesse sentido, dados os múltiplos caminhos interpretativos que abria, por transitar entre o plano histórico e alegórico, ela foi um instrumento/recurso de memória e uma referência fundadora de um universo comum a ser partilhado. [...] A memória medieval foi, assim, alimentada e construída com textos que jogavam, tendo em vista tal referência fundadora, com dois universos: o universo das coisas e dos acontecimentos concretos, construído a partir do mundo visível, e o universo do simbolismo, da alegoria, da figuração.<sup>282</sup>

Apesar de a sociedade medieval basear-se substancialmente na cultura oral, o registro escrito também partilhava de um papel importante, principalmente ante o *status* de intelectual. Neste ínterim, escrever também se situa como uma forma de fazer renascer a memória, mais do que propriamente registrá-la. Conforme Frédéric Barbier elucida, as bibliotecas eram também locais de discussão, e não apenas espaços dedicados à leitura, cuja própria prática da leitura em si era usualmente realizada de modo não silencioso.<sup>283</sup> Além disso, mesmo que os livros acessíveis às mulheres se circunscreverem muitas vezes a uma leitura de caráter religioso e patriarcal, Christine não se reduz nem a uma interpretação dominante de submissão ou mesmo de exceção às mulheres virtuosas, como da mesma forma não reduz sua análise a esta literatura, passando referências tanto religiosas quanto clássicas. Desta forma, não apenas o acesso aos livros proporcionou a possibilidade de uma escrita, como o modo como a autora articula seus conhecimentos, revela uma intencionalidade em demonstrar o poder das mulheres, desconstruindo assim

---

<sup>282</sup> FRANÇA, Susani Silveira Lemos. A rememoração do passado no rastro da Prudência. In: TEIXEIRA, Igor Salomão; BASSI, Rafael. *A escrita na história da Idade Média*. São Leopoldo, Oikos, 2015, p. 59-60.

<sup>283</sup> BARBIER, 2018, p. 55.

antigos padrões de subalternidade. Pierre Bourdieu, destaca justamente essa dimensão do poder do escrito, e, pois, dos livros, ao longo do desenvolvimento da história.

É por isso que os intelectuais têm frequentemente sonhos de mágicos, pois o livro é algo que permite agir a distância. Existem outros meios, como a ordem política, sendo homem político aquele que pode agir a distância ao dar ordens. Mas o intelectual é também alguém que pode agir a distância ao transformar as visões de mundo e as práticas cotidianas [...]. Assim, penso que a luta pelos livros pode ser uma cartada extraordinária, uma cartada que os próprios intelectuais subestimam. Eles estão de tal maneira em uma crítica materialista de sua atividade que terminam por subestimar o poder específico do intelectual, que é o poder simbólico, o poder de agir sobre as estruturas mentais e, através da estrutura mental, sobre as estruturas sociais. Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social.<sup>284</sup>

Portanto, é por meio de uma escrita que se atesta em caráter eminentemente político, que Christine se propõe a combater a misoginia de seu tempo, assumindo um lugar de intelectualidade e, portanto, autoridade para se impor diante dos discursos que objetivavam destacar os vícios do feminino em contraposição ao masculino, sendo este último imaculado ante qualquer argumento ou situação discordante. Por este motivo, que a autora se volta ao texto bíblico, enquanto disseminador e redentor da memória cristã, para que detendo esse conhecimento e reescrevendo uma versão que exalte também o feminino, as mulheres pudessem adentrar a própria história.

E a história proposta pela autora é em substância uma história que se pauta perante a categoria gênero, pois conforme observa-se em suas narrativas, o masculino não é excluído ou posto em lugar de subalternidade, enquanto oposição à história até então corrente. Mas, pelo contrário, a proposta de Christine é justamente a de trazer visibilidade tanto para o embate entre os sexos, quanto ao destaque do feminino como racional e virtuoso. É importante destacar que ao assumir esse papel de rememorar o feminino no âmbito da religiosidade, a autora se interpõe ante um espaço outrora direcionado ao próprio clero.

---

<sup>284</sup> BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger, 2011, p. 243.

O clero, particularmente o clero regular, era o especialista medieval da memória. Seus membros não só tinham a obrigação de comemorar o passado, mas eram também encarregados de selecionar, dentro de um conjunto de *memorabilia* possíveis, as que eram *memoranda*, quer dizer, dignas de serem lembradas.<sup>285</sup>

Dessarte, Pizan reconquista as histórias femininas, projetando, em última instância, um novo ideal de feminilidade, significativamente diverso da concepção de uma inerente fragilidade corporal e/ou moral. E é justamente neste ponto, que o exercício de uma política essencialmente feminina se faz presente, tendo-se como base a formulação do bom príncipe na obra “O Livro do Corpo Político”. Para a autora, este deve possuir excelência em virtude, ser versado nas mais diversas áreas do conhecimento, tornando-se verdadeiro “vicário de cristo”. Logo, as mulheres dotadas de competências e qualidades nobres, poderiam, a exemplo de a “Cidade das Damas” ou mesmo das Amazonas, governar muitos espaços.

---

<sup>285</sup> GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (prgs.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval*: volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 192.

## 4.1 O conceito de autoridade para Christine de Pizan

Aqueles que tinham mais virtude eram maiores em autoridade, sobre os quais Valério disse estas belas palavras: Tais coisas reconciliam os senhores e unem-nos como iguais; tais coisas têm poder dentro e fora; pois por esta lei a intenção de todos era o bem do país e não o seu próprio, dizendo que os príncipes prefeririam ser pobres num império rico, do que ser ricos e ter abundância num país pobre.<sup>286</sup>

Com o propósito de se afirmar no universo da escrita, até então profundamente inacessível às mulheres, Christine de Pizan delinea e explicita sua autoridade através de três bases principais: a virtude, o conhecimento e o próprio corpo feminino. A primeira base se refere justamente ao exercício das virtudes, que conforme indica na obra “O Livro do Corpo Político”, seriam quatro principais – as cardeais: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. Neste sentido, a autoridade para Pizan se expressa a partir do governo de si, sendo esta a discussão de abertura da obra supracitada.

Apesar de Christine enfatizar que a primeira lição à criança do príncipe deva ser a devoção à Deus, a autora sublinha que a felicidade somente seria alcançada a partir da presença das virtudes em todas as atividades a serem desempenhadas. A virtude se constitui assim enquanto sustentáculo não apenas da política, mas do próprio ser humano. Desta forma, tanto o corpo individual quanto o corpo político deveriam ser governados a partir da excelência em virtude, a qual se atrela à concepção medieval de honra.

Primeiro temos que discutir a virtude, em benefício da regra de vida para os três estados diferentes. A virtude deve regular a vida humana em todas as suas obras. Sem ela, ninguém pode ter honra. Seja qual for o grau de honra, diz Valério, a honra é o alimento abundante da virtude. E sobre este assunto, Aristóteles disse: “A reverência é devida à honra como testemunho da virtude”, o que significa que a honra não deve ser atribuída senão a uma pessoa virtuosa, porque ele não está falando dos poderosos nem dos ricos, mas sim dos virtuosos. De acordo com ele, só os bons são honrados. Nada é mais desejado pelos corações nobres do que a honra.<sup>287</sup>

---

<sup>286</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 22.

<sup>287</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 4.

Conforme expõe Pizan, a virtude é a essência de toda honra, e, assim sendo, busca possibilitar uma reflexão sobre o real significado desta, responsável por validar ou não reputações. Por conseguinte, a obtenção da honra não se circunscreve apenas no contexto material imediato, mas sua influência se estenderia à própria noção de eternidade. É, pois, por conta de uma vida virtuosa, consequentemente digna de honra, que os grandes ou mesmo pequenos feitos serão vigorosamente lembrados.

A trama histórica tecida por Pizan é repleta de pessoas que demonstraram admirável virtuosismo em dado momento de suas vidas. E a própria Christine propõe a concepção de uma autoridade que se pauta inerentemente à prática de uma vida que siga os preceitos das virtudes. Tal concepção é observada em seus conselhos, a exemplo da obra “O Livro das Cidades das Damas”, em que a autora adverte contra as calúnias constantes dos homens, que desconsideram a honra e as virtudes das mulheres.

Enfim, todas vós, senhoras, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas essas calúnias são mentiras. Assim, poderei dizer com o Psalmista: “A culpa dos maus cairá sobre suas cabeças!” Tende repulsa aos hipócritas bajuladores que procuram tomar-vos, com seus discursos envolventes e por todas as armadilhas inimagináveis, vosso bem mais precioso, quer dizer, vossa honra e excelência de vossa reputação!<sup>288</sup>

Observa-se que a autoridade em Pizan se constrói também através do domínio dos princípios religiosos, em que demonstra que não há desequilíbrio perante os sexos. Além disso, a autora destaca o quanto a virtude constitui em verdadeiro escudo para as mulheres perante os caluniadores homens, que procuram apontar obstinadamente defeitos de ordem moral, classificando o feminino enquanto inferior. Para Pizan, a virtude é o bem mais precioso, sendo tratado ora como a única forma da felicidade, como na obra “O Livro do Corpo Político”, ora como a

---

<sup>288</sup> PZAN, 2012, p. 340-341.

grande e única riqueza verdadeira, e, portanto, digna de ser buscada, a exemplo do livro “O Livro das Três Virtudes”, conforme trecho selecionado abaixo.

O que neste mundo é mais agradável ou mais delicioso para aqueles que desejam riquezas mundanas do que ouro e pedras preciosas? Mas, no entanto, essas riquezas não podem enriquecer uma pessoa ambiciosa tanto quanto as virtudes, pois as virtudes são mais nobres, porque duram para sempre e são os tesouros da alma; que é eterno, enquanto os outros passam como fumaça, e assim aqueles que os provaram os desejam com mais ardor, mais do que qualquer outra coisa terrena pode ser desejada. Portanto, é apropriado que aqueles homens e mulheres que são colocados pela graça e pela boa fortuna nas posições mais elevadas recebam as melhores coisas. E como as virtudes são o alimento da nossa mesa, temos o prazer de distribuí-las primeiro às senhoras com quem falamos, isto é, às princesas acima mencionadas, e esta será a base do nosso ensinamento: antes de tudo o amor e o temor de Nosso Senhor, pois este é o princípio cardeal da sabedoria, do qual brotam todas as outras virtudes.<sup>289</sup>

A vida virtuosa proposta por Pizan se pauta nos princípios religiosos de devoção e temor à Deus, e o seguimento de seus valores para com os demais. Assim, o bom príncipe é o “vicário de Cristo” na Terra, conforme já elucidado, estando ele diretamente ligado ao divino, tornando-se responsável por implementar uma política virtuosa. Por conta desta associação que Christine se utiliza da imagem símbolo do corpo, corpo este do próprio governante e de sua respectiva cidade. E a presença da religiosidade está igualmente presente na concepção de um corpo dual tanto na esfera individual quanto na esfera cidadina. Desta forma, a atitude corporal deve ser virtuosa assim como as decisões políticas.

Dentro desta perspectiva, o exercício de uma vida virtuosa se inicia a partir do governo de si. Por isso, que as recomendações iniciais de Christine, na obra “O Livro do Corpo Político” ou mesmo em “O Livro das Três Virtudes”, são a compreensão das virtudes cardeais e o consequente regramento pela religiosidade. Portanto, o primeiro corpo a ser trabalhado é o individual, para que juntos cada qual proporcione, perante seu lugar social, ações positivas que reverberam no ideal de bem comum. O bom príncipe neste sentido deve buscar mais o bem-estar das pessoas do que o próprio, compreendendo que a verdadeira riqueza se circunscreve

---

<sup>289</sup> Tradução própria. In: PIZAN, Christine de. *The Treasure of the City of Ladies: Or the Book of the Three Virtues*. London: Penguin Books, 2003, p. 5.

nas virtudes e honras verdadeiras que detém.<sup>290</sup> Conforme exalta Christine, a riqueza e o poder dos governantes estão atrelados aos reveses da Fortuna, desta forma, os bens materiais assim como a ocupação exercida dentro do corpo político são substancialmente transitórios.

Portanto, a noção de autoridade está muito mais vinculada à prática de uma vida que seja testemunho das virtudes do que a posições de ordem material. Pois, embora a cidade terrena não escape a maus governantes, a celestial não os admitirá, uma vez que o campo do espiritual não comporta possíveis máscaras ou enganar. Em relação a este ponto de transitoriedade, Pizan adverte o futuro governante quanto aos objetivos de seu *status* e poder terrenos.

A grandeza do senhorio é apenas um direito transitório de cargo de curta duração e do qual ele deve abandonar em pouco tempo, isto é, na morte, o que é uma coisa sombria e dolorosa. Ele pagará as contas que deverá prestar perante o juiz de quem nada está oculto nem ocultado, de acordo com o seu mérito. Se o príncipe se lembrar bem disso, pouco elogiará os bens e honras mundanas que são tão perigosas e de curta duração. O bom príncipe terá esses pensamentos em seu coração; eles o defenderão contra a elevação do orgulho e a falta de autoconhecimento. Contudo, Deus o escolheu para o cargo de governo, e ele deve mantê-lo no mundo, por discricção moral. Ele então decide que viverá e governará de acordo com as leis de um príncipe de bons hábitos e virtude, e exercerá seu cargo da melhor maneira possível para o bem comum de seu reino e país. Então ele usará judiciosamente a magnificência e as honras que o mundo lhe entrega, e seu coração não será impedido nem se levantará contra seu Deus. Este bom príncipe, como vigário de Deus na Terra, cuidará de todo o coração do bem-estar da igreja, para que o seu Criador possa ser servido como a sua razão exige. E se houver alguma discórdia por instigação do inimigo, ele trará a paz, seja qual for a dificuldade.<sup>291</sup>

Sob este ângulo, o governo de si através das virtudes proporcionaria um governo voltado para o bem comum, e, pois, para a felicidade de todos. E Christine utiliza deste campo da virtude para direcionar não apenas críticas à ordem social, cujos integrantes expressam comumente muitos vícios, mas principalmente para frisar que ambos os sexos estão sujeitos a condenações ou honrarias. Na obra “A Cidade das Damas” muitas são as mulheres citadas, objetivando atingir justamente

---

<sup>290</sup> PIZAN, 2007, p. 21-22.

<sup>291</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 12.

esta dimensão, de que os hábitos femininos são pautados na virtude e qualquer desvio é contrário à natureza. É importante notar que o direcionamento inicial de Christine na obra “O Livro do Corpo Político” é uma resposta aos caluniadores, que consideram o vício como inerente ao feminino, e em seguida à própria Virtude enquanto uma alegoria, responsável por validar a voz de Christine.

Oh, Virtude, nobre e piedosa, como posso ousar me exhibir falando de você, quando sei que meu entendimento não te compreende nem te expressa bem? Mas o que me conforta e me dá ousadia é que sinto que você é tão gentil que não lhe desagradará se eu falar de você, não sobre o que há de mais sutil, mas apenas nas áreas que posso conceber ou compreender. Portanto, falarei de você no que diz respeito ao ensino da boa moral, falando primeiro da indústria e da regra de vida para nossos superiores; isto é, príncipes, cujas majestades eu humildemente suplico que não tomem mal nem desprezem uma inteligência tão pequena como a minha, que uma criatura tão humilde ouse comprometer-se a falar sobre o modo de vida para os escalões mais elevados. Mas, agrada recordar o ensinamento do Filósofo, que disse: “Não despreze as palavras sábias dos insignificantes, apesar de sua elevada posição”. A seguir, pela graça de Deus, espero falar sobre o modo de vida dos cavaleiros e nobres. E então, em terceiro lugar, para todo o povo universal.<sup>292</sup>

É válido ressaltar que no gênero literário de espelho dos príncipes é característico que o(a) autor(a) apresente uma postura de humildade perante o seu saber e a sua proposta em aconselhar. Porém, o que se torna significativo no caso da obra supracitada é o seu direcionamento à Virtude, ela também uma alegoria feminina. Desta forma, é nítido que a autoridade de Pizan se constrói a partir da presença das virtudes. Além deste ponto, a outra base de sustentação à sua autoridade é o conhecimento. Conhecimento este responsável por permitir a Christine tanto participar dos debates, os quais depreciavam às mulheres, quanto tornar-se escritora.

A autoridade de seus escritos pode ser atestada de igual modo quando a autora realiza indicações de suas próprias obras, como exemplo do sexto capítulo, em que ao exaltar a necessidade da “perfeição da virtude”, a exemplo do rei da França Carlos V, cita o livro sobre os seus bons costumes e feitos.<sup>293</sup> Desta forma, a

<sup>292</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 4.

<sup>293</sup> “O Livro dos Feitos e Bons Costumes do Sábio Rei Carlos V” (1404).

autora proporciona grande enfoque ao papel do estudo na formação do governante e do clero, sendo que foi por conta da aquisição do conhecimento que Christine conseguiu a própria sobrevivência, conforme abordado no primeiro capítulo da presente Tese. Por conseguinte, a busca pelo conhecimento se atrela igualmente ao conceito de felicidade.

Desta forma, um dos conselhos dados ao tutor do príncipe é que se houver inclinação aos estudos, estes devem ser aprofundados, pois o futuro governante encontrará a “grande felicidade” nesta atividade, abrindo-lhe os “caminhos da filosofia”.<sup>294</sup> Na obra “A Cidade das Damas”, a autora faz diversos indicativos quanto à educação das mulheres, observando-se que os saberes não apenas poderiam ser apropriados pelas mulheres, como também produzidos. Assim, conforme indica em conversa com a dama Razão, uma das explicações das difamações sofridas pelas mulheres se deveria exatamente pela negação dos homens em reconhecer maior aprimoramento intelectual nestas do que em si próprios.

Aqueles que disseram injúrias às mulheres, por inveja, são homens indignos que, tendo conhecido e encontrado um grande número de mulheres mais inteligentes e de conduta mais nobre do que a deles, tornaram-se amargos e rancorosos. Eis porque sua inveja os leva a difamar todas as mulheres, esperando sufocar e reduzir, de tal maneira, seu renome e valor, a exemplo de que não sei qual infeliz que, em um tratado pomposamente intitulado *Da Filosofia*, esforça-se para demonstrar que é inconveniente aos homens terem consideração por uma mulher, qualquer que seja ela. Ele afirma que aqueles que mostram alguma estima pelas mulheres pervertem o próprio nome de seu livro, quer dizer que, da *filosofia*, eles fazem uma “*filoloucura*”. Mas, posso te certificar e te prometer que é ele mesmo que faz de seu livro uma verdadeira “*filoloucura*” pelas argúcias e propósitos falaciosos que ele defende.<sup>295</sup>

Por conseguinte, além de defender a inteligência das mulheres, a autora expõe o preconceito não apenas da presença de um feminino que se destaca perante as virtudes, mas de um feminino que não se apresenta enquanto passivo na dinâmica da produção dos saberes. Logo, a autoridade de Christine se impõe pelo domínio de muitos conhecimentos, como a filosofia, muito citada em suas obras. Em prosseguimento ao discurso de defesa da produção do conhecimento, na primeira

---

<sup>294</sup> PIZAN, op. cit., p.8.

<sup>295</sup> PIZAN, 2012, p.77.

parte do livro “A Cidade das Damas”, a autora questiona a dama Razão sobre o alcance das mulheres nas “altas ciências”, já que os homens afirmavam que estas seriam “dotadas de uma fraca capacidade intelectual”.<sup>296</sup> Na sequência, a dama Razão rebate esta afirmação, explicitando que muitas mulheres acabam por não ter acesso à educação por se dedicarem a outras atividades, mas não por competência, citando em seguida alguns exemplos como a poeta e filósofa Safo.<sup>297</sup>

Safo era de uma grande beleza, tanto de rosto como de corpo; sua postura, seu modo de se comportar e de falar eram muito doces e agradáveis, mas sua grande inteligência superava todas as graças de que era dotada. Dominava, efetivamente, numerosas artes e ciências, e seus conhecimentos não se limitavam aos únicos tratados e escritos de outrem, pois ela mesma compôs diversas obras, livros e poesias. [...] Pelo que Boccaccio diz, fica evidente a profundidade do seu saber e a erudição de sua obra, cujo significado, como testemunham os antigos, ainda hoje é tão difícil que mesmo os homens sábios, da mais viva inteligência, sentem dificuldade para entender. Escritas e compostas de maneira notável, suas obras chegaram até nós, e continuam modelos de inspiração para os poetas e escritores sedentos de perfeição.<sup>298</sup>

Com efeito, o poder do conhecimento possibilita a perpetuação dos ideais registrados, conferindo o acesso a uma memória coletiva. Na obra “O Livro do Corpo Político”, Christine explicita o porquê de o autor Valério ser tão citado, respondendo que sua obra inspiraria coragem para o exercício de uma vida virtuosa, ensinando as pessoas a bem viver. Além deste ponto, comenta que as pessoas usadas como exemplos por Valério, são memorizados também na sua obra, por seus méritos.<sup>299</sup> Assim sendo, somente aqueles que seguissem os ideais virtuosos possuiriam a honra de serem lembrados e, pois, citados. Em diálogo com Mary Carruthers,

---

<sup>296</sup> Ibid., p. 126.

<sup>297</sup> Em diálogo com Irene Vallejo, percebe-se como mesmo na atualidade a busca pela presença feminina ainda é desafiadora, ao afirmar que: “Há apenas uma presença feminina no cânone literário grego: Safo. É tentador atribuir esse flagrante desequilíbrio ao fato de que, na Grécia Antiga, as mulheres não escreviam. Mas isso não é verdade. Elas enfrentavam mais dificuldades para se educar e ler, mas muitas venceram os obstáculos. De algumas restam fragmentos quebrados de poemas; da maioria, apenas um nome. Esta é minha lista provisória de escritoras quase apagadas da história: Corina, Telesila, Mirtis, Praxila, Eumetis, também chamada de Cleobulina, Beo, Erina, Nóside, Mero, Ánite, Mosquina, Hédila, Filina, Melino, Cecília Trébula, Julia Balbila, Damo, Teosébia”. In: VALLEJO, Irene. *O infinito em um junco: a invenção dos livros no mundo antigo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022, p. 176. E além deste ponto, destaca que a própria história da literatura teria início com Enheduana, uma poeta, considerada como a primeira a realizar registros e assiná-los. In: Ibid., p. 178.

<sup>298</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2012, p. 131-132.

<sup>299</sup> Ibid., p. 25.

percebe-se que a noção de autoria e de autoridade foram formuladas de maneira próxima, assinalando o poder e responsabilidade daquele que registra e produz conhecimentos, os quais ao serem passados às gerações vindouras, estabelecem sua autoridade.

A palavra *autor* foi pensada para ser derivada dos verbos *agere*, “agir”, e *augere*, “crescer”. Uma segunda palavra, *autor*, foi relacionada por meio da etimologia ao grego *authentēs*, “autêntico”, mas os dicionários medievais distinguiram as duas palavras, uma grafada com um c e outra sem, com bastante cuidado. *Autoctoritas* derivava de *auctor*, e foi definida por Huguccio de Pisa, aproximadamente no ano de 1200, como “sententia digne imitatione”, “um dito digno de ser imitado”. Assim, tanto a autoridade quanto o autor foram concebidos inteiramente em termos textuais, pois um autor é simplesmente aquele cujos escritos estão cheios de autoridades. E um autor adquire autoridade somente em virtude de ter suas obras retidas *sententialiter* nas memórias das gerações posteriores.<sup>300</sup>

Portanto, a autoria e a memória são termos correlatos, que se conectam ante a concepção de autoridade compreendida por Pizan. Na primeira parte da obra “O Livro do Corpo Político”, no capítulo 29, destinado a admoestar sobre o amor e a honra que se deve passar às boas pessoas e os cavaleiros, ao retomar os princípios já elucidados anteriormente, a autora em questão assim comunica: “Eu dividi esse livro em três partes, como disse antes, no qual eu disse como se reger e governar”.<sup>301</sup> Ou seja, Christine demonstra possuir autoridade suficiente para aconselhar como se deve governar. É, portanto, simbólico, apesar de aparentemente sutil, esses indicativos de poder. O conhecimento e a virtude concedem a Pizan a possibilidade de se colocar em uma posição de superioridade e, em última instância, lhe confere um saber pouco usual para as mulheres de seu tempo, aumentando ainda mais a sua autoridade de escritora. E esta autoridade que faz com que seus saberes e experiências sejam passados inclusive para os clérigos, em que Pizan salienta a relação entre o estudo e a virtude.

Sobre o amor ao conhecimento e ao estudo, Valério diz do filósofo Carneades, que ele foi o cavaleiro da sabedoria, íntegro e trabalhador, porque durante oitenta anos viveu como filósofo. Tão incrível era sua concentração em trabalhos de aprendizagem que muitas vezes ele se esquecia de fazer a refeição à mesa. Ele era tão

<sup>300</sup> CARRUTHERS, 2022, p. 309.

<sup>301</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 50.

distraído que sua leal serva, Meleisa, colocava a comida em sua mão. Este filósofo não se importava com nada no mundo além da virtude. Eu poderia falar de outros nobres filósofos e buscadores de sabedoria, mas não o farei, por uma questão de brevidade. Conto as histórias acima para trazê-las à memória dos bons alunos, para que vejam que livros sobre esses assuntos podem ensinar-lhes conhecimentos para que possam crescer em bondade e virtude. Pois não há dúvida de que as ciências aperfeiçoam os hábitos.<sup>302</sup>

A terceira base de autoridade em Christine pode ser observada na defesa do corpo feminino, que mesmo sendo colocado enquanto significativamente mais frágil do que o masculino, é um corpo que se transforma em forte através das virtudes e do conhecimento adquirido. A força para Pizan também se refere a uma força de ordem moral, que não se delimita ao físico. É por conta deste entendimento que Christine formula e constrói a sua cidade ideal, feminina e virtuosa. Sob este prisma, as forças das três damas, Razão, Retidão e Justiça, segundo os simbolismos já trabalhados no terceiro capítulo da presente Tese, são responsáveis por oferecer vigor na construção da cidade.

Além da estrutura corporal, a palavra das mulheres é reabilitada. Conforme registra na obra “A Cidade das Damas”, “Deus deu a palavra às mulheres”, caso contrário seriam mudas!”<sup>303</sup> E o emprego dessa palavra e no espaço que Christine se propõe ao combate, que é a escrita, propicia a elaboração de uma autoridade cada vez mais evidente. E objetivando validar sua presença neste espaço Pizan se volta à narrativa bíblica, cuja comunicação relativa à Ressurreição do Cristo fora revelada a Madalena.<sup>304</sup> Portanto, os gêneros literários escritos por Pizan, destacadamente o de espelho dos príncipes, em referência à obra “O Livro do Corpo Político”, e a exaltação das virtudes, do conhecimento e da potência do próprio corpo feminino e de suas atividades, evidenciam o quanto as mulheres possuem sobretudo uma autoridade histórica.

---

<sup>302</sup> Tradução própria. Ibid., p. 97.

<sup>303</sup> PIZAN, 2012, p. 88.

<sup>304</sup> Ibidem.

## 4.2 Desconstruir os corpos para reescrever a história

E do mesmo modo, eu desejo a todas as pessoas – os três estados e a todos em conjunto – que Deus, por Sua santa misericórdia, deseje mantê-los e crescê-los cada vez mais em toda a perfeição de almas e corpos.<sup>305</sup>

A expressão do desejo da instalação de uma ordem social virtuosa - assim termina “O Livro do Corpo Político”. Em Christine de Pizan percebe-se o quanto a imagem do corpo foi utilizada de inúmeras maneiras visando o combate à misoginia de sua época - o medievo. Na obra foco das análises, supracitada acima, o corpo se faz enquanto metáfora para indicar a necessidade de uma ordem social, a ser entendida essencialmente enquanto orgânica e, pois, coletiva. Neste sentido, o corpo tratado por Pizan seria essencialmente o político, refletindo a estrutura e a organização de sua sociedade. Entretanto, a diferença proposta se refere à necessária reformulação das condutas, sendo que a projeção de uma imagem ideal pode ser muito bem lida como oposta da realidade. Ou seja, é justamente na ênfase do exercício das virtudes que se pode observar, talvez, a ausência destas no cotidiano. A escrita, pois, denuncia.

Mas, o corpo não é apenas o social, político. Ele é igualmente o individual. Desta forma, o governo de si é fundamental para o governo dos outros. Por conta desta dimensão que Christine enfoca a educação do príncipe e de todo o organismo como primordial. Dessa forma, observa-se que Pizan não se detém apenas a admoestações ao príncipe, mas sim aos nobres e cavaleiros, ao clero, aos mercadores e às pessoas ditas comuns. Neste sentido, apresenta um caráter fundamentalmente pedagógico, demonstrando que para reescrever a história e, pois, a própria política, é necessário que os corpos em muitas dimensões sejam desconstruídos.

E estas dimensões corporais encontram-se imbricadas, o corpo político e o individual, os quais atingem duas esferas, de ordem material e espiritual, e os corpos sexuais, masculinos e femininos, os quais também são trabalhados pela autora,

---

<sup>305</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 110.

objetivando conquistar espaços até então relegados às mulheres. O corpo político é substancialmente, portanto, um corpo feito de muitos corpos. A autora deixa expresso esse pensamento ao dividir a sua obra e não apenas apontar as condutas adequadas como igualmente ressaltar a importância de cada um e de seu respectivo trabalho. Trabalho esse que deve ser realizado de forma virtuosa, buscando a finalidade do bem comum. Logo, a primeira parte abordada é sobre as atitudes do governante, que deve se responsabilizar pela condução de suas ovelhas, expressando a misericórdia e a justiça.

Voltemos ao nosso primeiro tema: o bom pastor que cuida para que as suas ovelhas estejam bem cuidadas e saudáveis. O bom príncipe não atribuirá todas as suas responsabilidades aos seus ministros, mas colocar-se-á à disposição dos seus súbditos para ouvir tantos apelos quanto puder. Ele não temerá nem desprezará as súplicas lamentáveis do povo, mas gentilmente condescenderá com os seus pedidos de misericórdia e justiça. Por isso ele cuida para que eles não sejam pressionados mais do que o razoável, nem “devorados” por maus ministros e oficiais. Falar claramente sobre isto exigiria muito tempo e espaço e talvez a verdade desagrade a alguns; mas, sem dúvida, é uma pena quando a verdade é silenciada, seja por medo ou por favoritismo. Sobre este assunto, Sêneca fala no sexto livro do vigésimo primeiro capítulo de Sobre os Benefícios. “Eu lhe mostrarei”, diz ele, “o que aqueles que são elevados a uma alta posição mais precisam, embora se pense que têm tudo; isto é, que alguém lhes diga a verdade.”<sup>306</sup>

A busca pela verdade e conseqüentemente pela justiça é o que move Christine. Assim, a autora não se coloca apenas em posição de arquitetar uma cidade ideal, mas de ser uma voz política, que indica a verdade, desmascarando sujeitos e hábitos desvirtuosos. Neste sentido, Pizan defende que o futuro governante seja sábio em suas escolhas, se aperfeiçoe em seus conhecimentos e escolha bem seus ministros e conselheiros. Assim sendo, a virtude do corpo político também depende da virtude de seu governante. Neste ínterim, Christine também se firma perante um espaço eminentemente dominado pelos homens, pois os discursos que se interpõem são vozes sábias masculinas, mas ao reproduzi-las e aconselhar ela mesma o próprio príncipe, sua voz domina também esse espaço de sabedoria.

Mas não digo que todos os velhos sejam sábios! Pois Aristóteles diz que existem dois tipos de idade; aquele que segue uma juventude bem ordenada e temperada, que Tully [Cícero] elogia em seu livro

---

<sup>306</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 18.

*On Old Age.* A outra é a idade que vem depois de uma juventude desperdiçada e dissoluta, e está sujeita a muitas misérias e não vale a pena ser recomendada. Assim eu disse que o príncipe deveria escolher conselheiros entre os velhos e os sábios. Para falar mais deles; embora não tenham grande força corporal, como os jovens, ainda assim são maiores em virtude e discretos nos conselhos, que são mais úteis e mais proveitosos que a força corporal, e são muito mais louváveis. E as virtudes mais nobres são a compreensão, a discrição e o conhecimento, e não a força corporal. Onde a sabedoria e o conselho dos velhos e dos sábios são seguidos, as majestades reais, as cidades, a política e os assuntos públicos são bem governados e sustentados, os quais são frequentemente destruídos pelos jovens, como diz Tully, e isso aparece claramente em muitas histórias.<sup>307</sup>

Entrementes, Christine desconstrói a ideia de um corpo físico forte enquanto superior para demonstrar que a verdadeira força do exercício político se encontra na sabedoria. E, conforme colocado, esta sabedoria é também feminina, o que valida a sua presença perante este espaço. Na obra “A Cidade das Damas” Christine explicita que a verdadeira força não se encontra no físico, isto é, na dimensão material, mas se fundamente essencialmente no espírito e na consequente prática de uma vida virtuosa. Desta maneira, desfaz uma classificação corrente de oposição entre corpos forte e fraco, respectivamente masculino e feminino, para indicar justamente que a competência não depende de um corpo físico masculino, ou ainda, em outros termos, a autoridade não é apenas dos homens.

Prometo-te, bela amiga, que um corpo grande e forte não é garantia de uma grande virtude e grande coragem. Pois isso é um dom natural que Deus concede a algumas criaturas mais racionais do que as outras; e que reside no interior e não na força do corpo ou dos membros. Vemos, frequentemente, homens grandes e fortes, mas fracassados e vis, e outros pequenos e fracos que são ardis e vigorosos; o mesmo acontece com outras virtudes. E quanto à robustez e força física, Deus (e Natureza) prestaram um grande serviço às mulheres, fazendo-as fracas: graças a esse agradável defeito, elas são justificadas de não cometerem crueldades horríveis, homicídios e crimes, que foram e continuam sendo cometidos em nome da força. Assim, elas não sofrerão as punições que esses atos requerem. Teria sido melhor para muitos homens fortes se tivessem passado sua peregrinação, aqui na Terra, em um fraco corpo feminino. Mas, voltando ao assunto, digo-te que, na verdade, se natureza não dotou o corpo das mulheres de uma grande força física, recompensou dando-lhes muitas virtudes, como amar seu Deus e

---

<sup>307</sup> Tradução própria. In: *Ibid.*, p. 37.

temer pecar contra seus mandamentos; aquelas que não se comportam assim pervertem sua natureza.<sup>308</sup>

É neste âmbito que os corpos materiais e espirituais se fundem. Os corpos para Christine estão interligados, por isso o governo de si é necessário, pois as condutas interferem na condução da alma, na sua sobrevivência. Além deste ponto, em referência à obra “A Cidade de Deus” de Santo Agostinho, Christine projeta um corpo cidadão cuja continuidade depende igualmente da presença do virtuoso, assim a “Cidade das Damas” se projeta perante a eternidade, justamente por conta da boa condução de seus habitantes e governantes.<sup>309</sup> Por conseguinte, o desejo final expresso na obra “O Livro do Corpo Político”, no que concerne à busca pela perfeição de almas e corpos, sublinha a correspondência do individual perante o coletivo. Em diálogo com Jean-Claude Schmitt, percebe-se que apesar de a imagem do corpo ser utilizada para indicar a perpetuação do ser, isto é, tanto a sobrevivência quanto os possíveis flagelos, a que a alma seria submetida, esta imagem apresenta contradições, no tocante a insistente negação entre carne e espírito.

Na morte, o corpo e a alma separam-se e permanecerão assim até a ressurreição dos mortos e o Juízo Final. A alma é “espiritual”, mas “passível”: é torturada no inferno ou no purgatório por um fogo ou um frio que os homens da Idade Média – ou alguns deles, seguindo Gregório, o Grande – imaginam tão concretamente que os dizem “corporais”. De fato, o cristianismo medieval jamais pôde resolver a contradição entre duas de suas exigências profundas: de um lado, o desejo de negar o corpo para melhor tender a Deus e, portanto, assimilar o “espiritual” ao material; de outro lado, a necessidade de *imaginar* o invisível, portanto, de o situar no espaço e no tempo, de conceder lugares, formas, volumes e corpos ali mesmo onde deveriam ser excluídos.<sup>310</sup>

Sob esta perspectiva Christine utiliza do recurso da imagem do corpo visando elucidar não apenas a estrutura individual e social terrena, como a potência do espiritual, proporcionando-lhe assim também uma forma, que garantiria a própria eternidade em caso de uma vida e/ou comunidade bem regrada. Por isso, Pizan evoca a existência tanto de um corpo material quanto de um espiritual, que em

---

<sup>308</sup> PIZAN, 2012, p. 97-98.

<sup>309</sup> PIZAN, 2012, p. 338.

<sup>310</sup> SCHMITT, 1999, p. 218-2019.

essência se traduz como um corpo que refletiria e expressaria todas as atitudes do ser, condenando-o ou eternizando-o. Segundo Tsaie Lan Lee Dow, em seu estudo sobre a obra “O Livro do Corpo Político” percebe-se que “há tanto uma ênfase cristã na distinção entre alma imortal e corpo mortal, como uma injunção para manter em mente os julgamentos de honra e glória na memória histórica humana”.<sup>311</sup> Por conseguinte, a ênfase no espiritual é colocada para destacar as virtudes assim como desassociá-las de um corpo físico específico, sendo estas verificadas tanto nas mulheres quanto nos homens. Neste sentido, Pizan também ressalta que para seguir as virtudes é necessário apenas a força de vontade, a qual não se encontra subordinada aos movimentos celestes ou mesmo a outras forças contrárias.

Mas no que está sujeito à alma, isto é, nas deliberações da vontade, as influências dos céus não têm domínio, apesar de poder ser verdade que a ação dos céus dá muitas inclinações aos humanos, tais como, por exemplo, jovialidade, luxúria ou outras predisposições naturais. Mas, apesar disso, por meio da razão, o ser humano pode pisar no freio e resistir a seguir suas inclinações. E é verdade, disse Ptolomeu, que foi um grande astrólogo, que os sábios determinam o poder das estrelas. Para provar que este ditado é verdadeiro, foi escrito sobre Aristóteles que ele tinha um caráter muito mau por natureza, mas tornou-se temperante e bem-educado através de grande virtude, e assim superou a natureza.<sup>312</sup>

Desta forma, a superação dos vícios ante o exercício de uma vida virtuosa é plenamente possível tanto para homens quanto para mulheres. Em sua obra “O conceito de mulher” (2002), Prudence Allen<sup>313</sup> aborda que Christine de Pizan teria sido a primeira escritora a produzir com substância uma defesa da ideia de complementariedade entre os gêneros, contrapondo o ideal de oposição até então muito difundido, como o aristotélico.<sup>314</sup> Sob este ponto, Allen apresenta alguns contra argumentos de Christine em relação às noções de polaridade ante os gêneros, como a percepção de passividade, fraqueza, inconstância, falta de sabedoria e a próprio silêncio como um atributo desejável às mulheres.

---

<sup>311</sup> Tradução própria. In: DOW, 2005, p. 231.

<sup>312</sup> PIZAN, 2007, p. 43.

<sup>313</sup> ALEEN, Prudence. *The concept of woman: volume II: the early humanist reformation 1250-1500*. v.2. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 2002, p. 654.

<sup>314</sup> *Ibid.*, p. 537.

Neste âmbito, conforme discutido na presente Tese, Pizan demonstra que a ação das mulheres na história, o corpo forte das mulheres em virtude, o conhecimento e a expressão da palavra feminina se fizeram presentes e foram responsáveis por movimentar a história. Neste íterim, quando Christine comenta sobre as injustiças das acusações masculinas, que desclassificam a importância feminina na história, a dama Razão frisa sobre a qualidade dos saberes femininos, lembrando que o alfabeto que levou ao desenvolvimento da escrita, e, portanto, ao registro de todos os saberes do mundo, se tratou da invenção de uma mulher.

“Dama, estou bem admirada com tudo isso que me contastes: tantos benefícios graças à inteligência das mulheres! E esses homens, em geral, afirmam que o saber feminino não tem nenhum valor, e, muitas vezes, quando se trata de alguma asneira, escuta-se dizer que é uma ideia de mulher. Em suma, a opinião corrente dos homens é que as mulheres não servem para nada, salvo ter filhos e tecer a lã”.

Resposta: [...] Mas, agora és capaz de entender, como Deus, que não faz nada sem uma razão, quis mostrar aos homens que ele não despreza o sexo feminino, concedendo ao cérebro das mulheres muita inteligência, para que fossem não apenas hábeis para aprender e assimilar bem as ciências, mas também capazes de inventar novas, em particular, as ciências de maior utilidade e benefício à humanidade. Por exemplo, aquela Carmenta, de quem acabei de falar, que inventou o alfabeto latino: Deus foi tão favorável à invenção daquela mulher, e tanto difundiu o uso dele por todos os lados, que terminou acabando com a glória do alfabeto hebraico e grego, que eram tão apreciados. Quase toda a Europa, que compreende uma grande parte dos países do mundo, utiliza esse alfabeto e, com ele, foi redigido um número infinito de livros e volumes de todas as matérias, onde se contam e se conservam, em memória eterna, as descobertas dos homens, as nobres e excelentes glórias de Deus, as ciências e as artes. Que não venham me dizer que meu discurso é tendencioso; transcrevo, aqui, as próprias palavras de Boccaccio, cuja autoridade é notória e reconhecida. Assim, posso concluir que os bens que essa mulher nos concedeu é infinito: graças a ela, os homens, mesmo se não o reconhecem, foram retirados do estado de ignorância e levados à cultura; graças a ela, ainda, eles podem enviar, tão longe desejarem, seus pensamentos mais secretos e comunicar suas vontades, fazendo saber, em todos os lugares, o que lhes agrada. Desse modo, pode-se conhecer o passado, o presente e, às vezes, o futuro.<sup>315</sup>

Portanto, para Christine as mulheres possuem tanto valor quanto os homens, sendo que seus corpos apesar de diferentes, possuem a mesma aproximação com o divino. No final da resposta da dama Razão à Christine há o questionamento se

---

<sup>315</sup> PIZAN, 2012, p. 142/143.

diante da descoberta de Carmenta haveria ainda qualquer dúvida quanto a autoridade das mulheres - “Pergunto-me se algum homem fez um bem maior?”<sup>316</sup> Desta forma, Christine sublinha que os corpos femininos são dotados de igual capacidade e virtuosidade, que o desenvolvimento de seu intelecto beneficiou a humanidade. Na terceira parte da obra “O Livro do Corpo Político”, Pizan ao se dirigir aos clérigos invoca o poder do conhecimento. É, pois, através da busca constante destes saberes que a verdadeira felicidade pode ser alcançada.

Oh bem aconselhados, oh pessoas felizes! [...] Pois o que é mais digno para uma pessoa do que o conhecimento e o aprendizado mais elevados? Certamente, você que deseja isso e se dedica a isso, você escolheu a vida gloriosa! Pois através dela você pode compreender a escolha da virtude e a evitação do vício, uma vez que ela aconselha uma e proíbe a outra. Não há nada mais perfeito do que a verdade e a clareza das coisas que o conhecimento demonstra como conhecer e compreender. Não há nenhum tesouro dos bens da fortuna que aquele que experimentou o conhecimento mais elevado trocaria por uma gota dos resíduos da sabedoria. E, na verdade, não importa o que os outros digam, ousa dizer que não existe tesouro igual ao entendimento. Quem não empreenderia qualquer trabalho, vocês, campeões da sabedoria, para adquiri-la? Pois se você tem e usa bem, você é nobre, você é rico, você é todo perfeito! E isso fica claro nos ensinamentos dos filósofos, que ensinam e instruem o caminho para chegar, através da sabedoria, ao tesouro da suficiência pura e perfeita.<sup>317</sup>

Portanto, a felicidade, a busca por uma vida plena e, pois, virtuosa somente é possível através da busca pelo conhecimento. E é justamente nesta dimensão que os corpos são plenamente desconstruídos, evidenciando que, em última instância, o suporte de todos os saberes – a escrita - é substancialmente feminina. Assim sendo, Christine se projeta enquanto autoridade, indicando que a sabedoria é a única possibilidade da verdadeira ascensão material e espiritual, sendo este o seu recurso diante das acusações masculinas quanto ao seu lugar. Neste sentido, Pizan compreende que através do escrito é possível evidenciar as vozes silenciadas femininas, presentes nas mais variadas épocas e literaturas, e assim promover eternidade a uma história de gênero, que não negando os conflitos e as contribuições de cada sexo, reescreve a própria história.

---

<sup>316</sup> Ibid., p. 144.

<sup>317</sup> Tradução própria. In: PIZAN, 2007, p. 95-96.

## Considerações Finais

### *As tramas do silêncio*

Para Christine escrever foi um ato acima de tudo político. Desta forma, pôde expor e memorizar seu pensamento em um espaço sobretudo masculino. Entretanto, conforme abordado, o seu destaque na história se consolidou não apenas pelo combate aos discursos misóginos de seu tempo, os quais infelizmente são ainda repercutidos, mas, principalmente por desenvolver temáticas até então estabelecidas como inapropriadas às mulheres. Dessarte, ao desenvolver a obra “O Livro do Corpo Político”, Christine ousou se colocar em uma posição de poder. Poder em termos de conhecimento, poder em assim aconselhar e poder em arquitetar, projetando uma sociedade ideal.

São barreiras difíceis de transpor levando-se em consideração não apenas seu contexto, mas, a sua condição de mulher e viúva. Pizan transformou as intempéries do destino, girando novamente, ela mesma, a roda da Fortuna para tornar-se então uma escritora. Não esperou um fadário tão conhecido que relegaria seu ser ao esquecimento e à margem daquilo que tanto apreciava que era o conhecimento. Se dispôs ao combate e seus escritos sobreviveram enquanto prova de toda luta, apesar de muitos ainda não serem tão trabalhados, a exemplos de tantas autoras femininas esquecidas em relação às suas produções, cujas obras permanecem como inspirações e, talvez, até surpreendentemente atuais.

Apesar de muitas discussões apontarem que Christine talvez não possa ser denominada enquanto feminista, por conta de não explicitar ou mesmo indicar a necessidade de uma mudança brusca nas estruturas sociais de seu tempo, é inegável que seu empenho em romper a noção de um feminino inferior e, portanto, desvirtuoso, é digno de destaque histórico. Sob este prisma, faz-se necessário que se combata uma história que se pretenda apenas “anexar” as contribuições femininas, não dialogando-as com o seu contexto ou mesmo explorando-as de acordo. A “história anexo” falseia o processo de uma real inserção da presença das mulheres na elaboração dos mais diversos saberes, acabando que por inferiorizá-las, assim como aos seus corpos femininos.

A presente Tese procurou explorar justamente essa necessidade de reconhecer as produções femininas, investigando suas potencialidades analíticas através da categoria gênero. Neste âmbito, a história de gênero demonstra sua importância ao considerar as múltiplas vozes que se encontram presentes, masculinas e femininas, que conflituam e disputam espaços e posições de poder. É importante sublinhar que Pizan, embora não classifique sua proposta de reescrita como uma história de gênero, apresenta o ideal de valorizar e, substancialmente, reconhecer a participação das mulheres não de modo isolado, mas de forma a dialogar também com o masculino. Desta forma, Christine critica obviamente os ataques que objetivavam desclassificar a importância das mulheres em todas as eras, mas esta não propõe, em última instância, a negar as produções masculinas. Seu objetivo é proporcionar um espaço em que ambos os sexos possam se destacar e serem reconhecidos pelos seus feitos.

Deste modo, Christine trabalha muito a questão da evidência de sua autoridade, que se apresenta incontestemente pela aquisição de seus saberes. O devotamento ao aperfeiçoamento constante, posiciona a autora em um lugar até então compreendido em seu contexto enquanto masculino. E não se refere apenas a uma autoridade em relação à comunicação de um saber específico, mas, sim, a uma autoridade que aconselha toda a sociedade inclusive o próprio príncipe. Neste âmbito cabe recordar que de certo modo, o papel do clero não é posto em evidência na estrutura proposta por Pizan, sendo atribuição do futuro governante em tornar-se “vicário de Cristo” na Terra. Além disso, a autora também aconselha o clero a persistir nos estudos, o que igualmente promove Christine a um lugar de grande autoridade.

O corpo político proposto por Christine é um corpo virtuoso, e para a manutenção da ordem social é indispensável o governo de si, indicando que a estrutura corporal trabalhada é dual, isto é, refere-se tanto ao campo material quanto espiritual. Essa dualidade está incutida tanto na imagem do ser corporal individual quanto o social. Desta forma, a cidade ideal exposta por Pizan reverbera na compreensão quanto à existência de uma cidade correlacionada em termos espirituais. Logo, as virtudes tanto coletivas quanto individuais são exploradas por Christine, em que utiliza destas imagens para indicar a extensão e consequência dos caminhos escolhidos pelos habitantes e futuros governantes. Sob esta

perspectiva, Christine se pauta na religiosidade para demonstrar o quanto as mulheres foram hábeis no governo de si, além de demonstrarem grande virtuosidade, constituindo-se de verdadeiros modelos. Além disso, o discurso religioso é muito trabalhado pela autora, que não apenas critica a condução de muitos clérigos quanto indica a necessária assistência do príncipe ante tais espaços.

Neste ponto, Christine exaltou a importância do príncipe, o qual é primordial não apenas para a manutenção da ordem social, mas igualmente para servir de exemplo de boa conduta e, assim, inspirar os seus habitantes e governar a cidade de forma justa. Por isso, a autora em análise escolhe o gênero literário “espelho dos príncipes” para defender a sua proposta de corpo político adequado. Desta forma, logo no início da obra “O Livro do Corpo Político” é evidenciada a importância das virtudes cardeais, a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança, para a condução de um bom governo, que proporcione a felicidade para todos. Em seguida, a educação do príncipe é amplamente trabalhada desde o cultivo dos ritos de ordem religiosa até a escolha do tutor, que deve exemplificar a sabedoria.

O aprimoramento no campo filosófico é aconselhado da mesma forma, evidenciando a necessidade, segundo Christine, da construção de um príncipe sábio a exemplo de Carlos V. Por conseguinte, o tema do desenvolvimento intelectual é um tema constante, pois conforme analisado, um dos pilares da autoridade para a autora, além da virtude e da reabilitação do corpo feminino, é exatamente o alcance aos mais diversos saberes. Sob esta perspectiva, Pizan irá defender o corpo feminino, e, pois, a própria palavra, apontando que os vícios e virtudes independem do sexo dos indivíduos.

Por conseguinte, no livro “A Cidade das Damas”, a autora promove uma reescrita da própria concepção de virtude em algumas imagens clássicas, como Eva e Maria, que são colocadas enquanto imagens símbolo essenciais da história cristã. No caso de Eva, observada enquanto a pecadora por excelência, responsável pela origem de todo sofrimento humano, a autora reelabora essa narrativa, demonstrando que na verdade seu pecado deu origem a uma virtude, que foi a aproximação dos seres humanos para com Deus. Portanto, a ideia de pecado como um atributo primeiro do feminino é retirada, evidenciando o papel de Eva na própria redenção. Além desta imagem, o modelo de Maria também é trabalhado por Christine não

apenas para evidenciar as suas grandes virtudes como para demonstrar estas como atributos das próprias mulheres, retirando o caráter de exceção.

Logo, na obra supracitada, partindo-se de exemplos da mitologia e da hagiografia a autora irá desvendar o quanto as mulheres contribuíram para a prosperidade da humanidade. Um exemplo da potência e importância do feminino seria Carmenta, que fora responsável pela invenção do alfabeto latino, proporcionando o suporte de todas as memórias, que seria a escrita. Neste âmbito, Christine exalta igualmente Ceres como aquela que possibilitou a organização de toda a comunidade humana ao desenvolver as técnicas da agricultura, contribuindo para o desenvolvimento das cidades e da própria política. Assim, diferentemente da concepção aristotélica de política enquanto atributo dos homens, a autora indica a participação feminina como primordial neste contexto. Logo, Pizan utiliza destas narrativas para validar não apenas a importância do feminino na história, como a sua própria autoridade em pensar e escrever sobre política.

Deste modo, ao reabilitar a imagem do feminino, Christine combate a tão disseminada ideia de uma inerente fragilidade moral e intelectual, enfatizando à potência e determinação das mulheres ao longo das eras, que estão expressas nas inúmeras narrativas históricas, bíblicas e mitológicas. Por este ângulo, as histórias registradas e, sobretudo, as obras femininas indicam para Christine que não deveria haver distinção entre os corpos masculinos e femininos, uma vez que embora dispostos em atividades diferenciadas, nada limitaria a expressão da força das mulheres. Por isso, em última instância, os corpos são desconstruídos, e embora o lugar social não seja diretamente criticado, observa-se a abertura de novos espaços, sobretudo, o espaço da sabedoria, que é o lugar, para Christine, da virtude por excelência.

Sob este prisma, o corpo político de Christine e seu respectivo legado, é a busca por uma reescrita da própria história, a qual é realizada desconstruindo-se os corpos em suas amplas dimensões. Desta forma é necessário que sua busca seja continuada, para que “a tinta não seque” como advertiu a dama Razão a Christine na ocasião da sua obra “O Livro das Três Virtudes”.<sup>318</sup> Consequentemente, a escrita e a luta por uma história de gênero é extensa, havendo ainda muitas vozes para

---

<sup>318</sup> PIZAN, 2003, p. 3.

serem devidamente incorporadas à trama histórica. Pois, a escrita embora aparentemente muda, possui ela também a magia da fala e a beleza dos sons, capazes de romper muitos silêncios.

## REFERÊNCIAS

### Fonte Primária:

PIZAN, Christine de. *Livre du corps de policie, lequel parle de vertu et meurs*. Bibliothèque Nationale de France. Département des Manuscrits. Français 12439.

Source: gallica.bnf.fr

- Paris, B.N. f. fr. 12439, fols. 46v -225v.

PIZAN, Christine de. *The Book of the Body Politic*. New York: Cambridge University Press, 2007.

### Fontes Secundárias:

KENNEDY, Angus J. *Christine de Pizan: a bibliographical guide*. London: Grant & Cutler Ltd, 1984.

MCLEOD, Glenda. *The vision of Christine de Pizan*. Nova York: D.S. BREWER, 2012.

PIZAN, Christine de. *O Espelho de Cristina*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

PIZAN, Christine de. *Christine de Pizan's Letter of Othea to Hector* – Translated with Introduction, Notes and Interpretative Essay – Jane Chance. New York: Boydell & Brewer, 1990.

PIZAN, Christine de. *The selected writings of Christine de Pizan: new translations, criticism/translated and edited by Renate Brlumenfeld-Kosinski*. New York: Norton & Company, 1996.

PIZÁN, Cristina de. *La Ciudad de las Damas*. Madrid: Siruela, 2000.

PIZAN, Christine de. *The book of deeds of arms and of chivalry*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2003.

PIZAN, Christine de. *The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues*. London: Penguin Books, 2003.

PIZAN, Christine de Pizan. *The Book of Peace*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2008.

PIZAN, Christine de; (et.al.). *Debate of the Romance of the Rose* – edited and translated by David F. Hult. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

PIZAN, Christine de. *A cidade das damas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

PIZAN, Christine de. *Le Livre des epistres du debat sus le Rommant de la Rose*. Paris: Classiques Garnier, 2016.

PIZAN, Christine de. *The Book of the Path of Long Learning* – translated by Kelly Ramke Lardin. EUA: Createspace Independent Publishing Platform, 2018.

PIZAN, Christine de. *The Epistle of the Prison of Human Life with an Epistle to the Queen of France and Lament on the Evils of the Civil War*. New York: Routledge, 2018.

PIZAN, Christine de. *Book of the Duke of True Lovers*. EUA: Franklin Classics, 2018.

RIBEIRO, Nathalya Bezerra. *Traduzindo Le Ditié de Jeanne D’Arc de Christine de Pizan: Uma ponte para o resgate de obras de autoria feminina na Baixa Idade Média*. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-graduação em Letras, 2016.

## **Bibliografia:**

ABRANCHES, Graça. *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. v. 2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da morte*. v. 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Companhia das Letras, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Homem diante da morte*. v. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Companhia das Letras, 1991.

AUTRAND, Françoise. *Christine de Pizan: Une femme en politique*. Paris: Fayard, 2009.

BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo, 2018.

BASCHET, Jérôme. *Corpos e almas: uma história da pessoa na Idade Média*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERGES, Sandrine. *A Feminist Perspective on Virtue Ethics*. New York, Palgrave Macmillan, 2015.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOCCACCIO, Giovanni. *Mujeres preclaras*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social ao julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2013.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru: SP, EDUSC, 2005, p. 18.

CARRUTHERS, Mary. *O livro da memória: Um estudo sobre a memória na cultura medieval*. Campinas, SP: Kírion, 2022

CORBIN, Alain. *História do Silêncio: do Renascimento aos nossos dias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de SP/ Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CORBEILL, Anthony. *Sexing the World: Grammatical Gender and Biological Sex in Ancient Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História das Emoções: Da Antiguidade Às Luzes*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2020.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DESMOND, Marilyn (org.). *Christine de Pizan and the Categories of Difference*. London: University of Minnesota Press, 1998.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Cavaleiro, a Mulher e o Padre*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

\_\_\_\_\_; PERROT, Michelle, KLAPISCH-ZUBER, Christiane. (orgs.). *História das Mulheres: A Idade Média*. Portugal: Edições Afrontamento, 1993.

\_\_\_\_\_. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999,

\_\_\_\_\_. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ECO, Umberto (org.). *Idade Média: catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: Dom Quixote, 2013.

ERASMO. *A Civilidade Pueril*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

FINDANZIA, Roberta. Christine de Pizan: una pedagogia morale per l'ordine dello Stato. *Femininum Ingenium*, Collana di Studi e Ricerche, Pensiero Femminile, Storia e Teorie. v.1. Roma: Drengo, 2012, p. 41-61.

FORHAN, Kate Langdon. *The Political Theory of Christine de Pizan*. Inglaterra: Taylor & Francis, 2018.

GARDNER, Catherine Villanueva. *Rediscovering Women Philosophers: Philosophical Genre and the Boundaries of Philosophy*. London/New York: Routledge, 2019.

GIALLONGO, Angela. Cristine de Pizan e le “emozioni” per La Cité des Dames. *El Futuro del Pasado*, 2, Salamanca, 2011, p. 453-469.

GILMAN, Charlotte Perkins. *Herland: A Terra das Mulheres*. São Paulo: Via Leitura, 2018.

GREEN, Karen; MEWS, Constant J. *Healing the Body Politic: the political thought of Christine de Pizan*. Bélgica: Brepols Publishers, 2005.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. *Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 3, n. 1, 2003.

GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

Haidu, Peter. *Sujeito medieval/moderno: texto e governo na Idade Média*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KARAWEJCZYK, Mônica. Christine de Pisan, Uma Feminista no Medievo?! *Historiæ*, Rio Grande, 2017.

KIRSHNER, Julius; WEMPLE, Suzanne F. (Ed.). *Women of the medieval world: essays in honor of John H. Mundy*. New York: Basil Blackwell, 1985.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

\_\_\_\_\_. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

\_\_\_\_\_. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Editora Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_. *O nascimento do purgatório*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_; SCHMITT, Jean-Claude (prgs.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval: volume 2*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência*. Lisboa: Chiado Editorial, 2015.

LORRIS, Guillaume de; MEUN, Jean de. *The Romance of the Rose – a new translation by Frances Horgan*. New York: Oxford University Press, 2008.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Editora Gente, 2020.

MARGOLIS, Nadia. *An Introduction to Christine de Pizan*. Série: New Perspectives on Medieval Literature: authors and traditions. EUA: University Press of Florida, 2012.

MASTERSON, Mark; RABINOWITZ, Nancy Sorkin; ROBSON, James (Ed.). *Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World*. London/New York: Routledge, 2015.

MCLEOD, Glenda. *The Reception of Christine de Pizan from the fifteenth through the nineteenth centuries*. United Kingdom: The Edwin Mellen Press, 1992.

MILLER, Maureen C.; WHEATLEY, Edward (orgs.). *Emotions, Communities, and Difference in Medieval Europe: essays in honor of Barbara H. Rosenwein*. New York: Routledge, 2017.

MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PERNOUD, Régine. *Christina de Pizán*. Palma de Mallorca: José J. Olañeta, Editor, 2000.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PIOVEZANI, Helenice Vieira. *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2016.

PISANI, Ana Luisa. *Os Olhos Ubíquos do Espelho: Um estudo das percepções de civilidade na obra "A Civilidade Pueril" (1530), de Erasmo de Rotterdam*. 126 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

PISANI, Ana Luisa. *Gênero e Sociedade: problematizações a partir das obras "A Cidade das Damas" (1404-1405) e "O Livro do Corpo Político" (1404-1407), de Christine de Pizan*. *Sillogés*, Rio Grande do Sul, v. 6, n.1, jan./jun. 2023.

PLUTARCO. *Da educação das crianças*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

PROST, Antonie. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ROSENWEIN, Barbara H. *História das Emoções: problemas e métodos*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ROVERE, Maxime (Org.). *Arqueofeminismo: mulheres filósofas e filósofos feministas*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

SALISBURY, John of. *Policratus: Of the Frivolities of Courtiers and the Footprints of Philosophers*. New York: Cambridge University Press, 2007.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos. *O corpo dos pecados e dos ofícios: imaginário e gênero nos reinos ibéricos (1250-1350)*. Goiânia: Editora UFG, 2020.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

TARNOWSKI, Andrea (org.). *Approaches to Teaching the Works of Christine de Pizan*. New York: The Modern Language Association of America, 2018.

TÉTART, Philippe. *Pequena História dos historiadores*. São Paulo: EDUSC, 2000.

TEIXEIRA, Igor Salomão; BASSI, Rafael. *A escrita na história da Idade Média*. São Leopoldo, Oikos, 2015.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

WILLARD, Charity Cannon. *Christine de Pizan – her life and Works*. EUA: Persea, 1990.